

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

ANO I

Nº 2

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO DA REDACÇÃO: E. de Campos — EDITOR: Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 2

15 de Dezembro de 1915

SUMARIO

<i>Brazil-Portugal</i>	Vitor Viana
<i>D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro</i>	Afonso Lopes Vieira
<i>Poesia em Prosa</i>	Alberto d'Oliveira
<i>Judith</i>	Afranio Peixoto
<i>Pagina do Natal</i>	Augusto Gil
<i>A Anunciação</i> , desenho de	Antonio Carneiro
<i>O Museu Nacional d'Arte Antiga</i>	José de Figueiredo
<i>Versos</i>	Oscar Lopes
<i>Bernardo Pereira de Vasconcelos</i>	Aurelino Leal
<i>Uma carta</i>	Manuel Monteiro

REVISTA DO MEZ

<i>Uma cadeira de Estudos Brasileiros em Lisboa</i>	Joaquim Manso
<i>Notas do tempo e fóra do tempo</i>	Hermano Neves
<i>Prophecias sobre a guerra</i>	Antonio Arroyo
<i>Sala Beethoven</i>	Julio Dantas
<i>O Anno Artistico</i>	Luiz da Camara Reys
<i>O Ano Literario</i>	Avelino d'Almeida
<i>Os Theatros</i>	M. de L.
<i>A canção Popular no Brazil</i>	

NOTICIAS & COMENTARIOS

Vinhetas de Manuel Gustavo e Raul Lino.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros)	2\$80
Seis mezes	1\$50

BRAZIL

Um anno (12 numeros)	Moeda brasileira	12\$00
Seis mezes	» »	7\$00

PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros)	Frs. 15
--------------------------------	---------

Numero avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO: Rua Barata Salgueiro, 41 r/c } LISBOA
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

ATLANTIDA

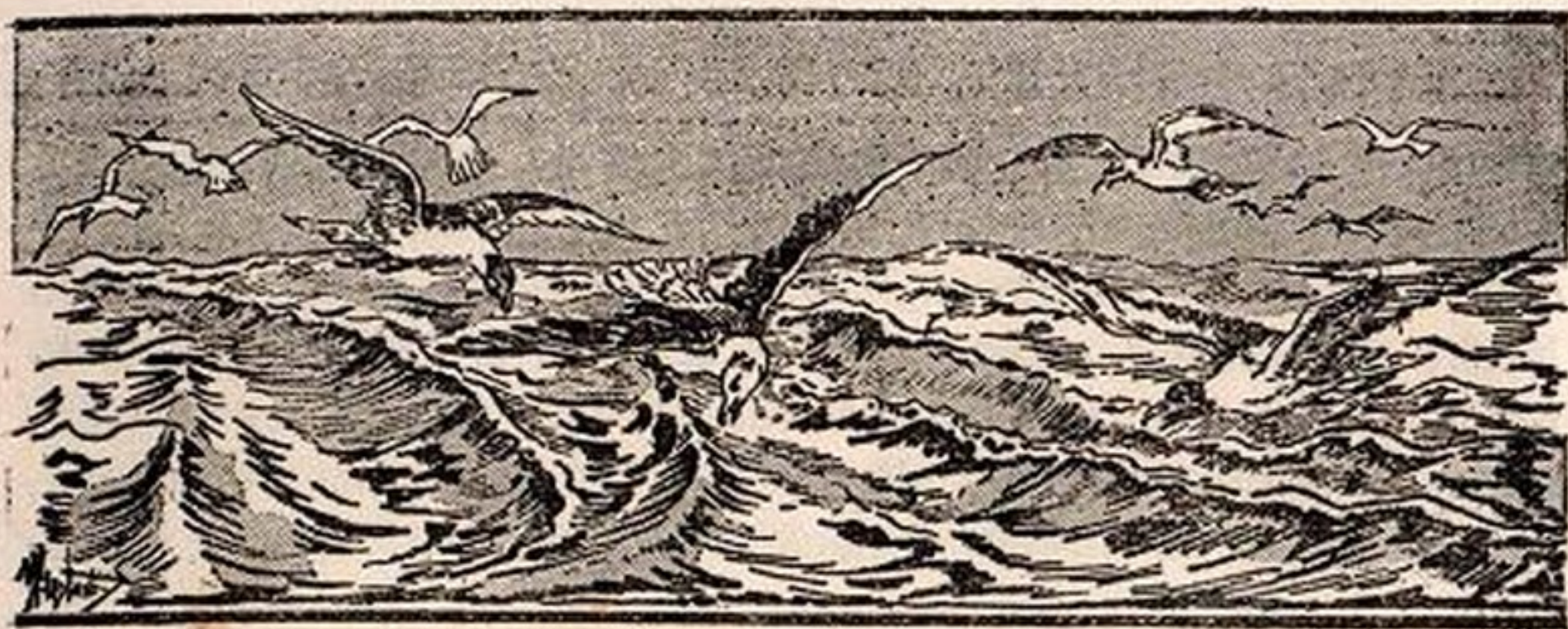
MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

ATLANTE

DICTIONÁRIO ALFABÉTICO
LITTERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRASILE

EDITADO POR
O INSTITUTO DA LINGUAGEM PORTUGUESA
DO BRASIL
E POR ESTABELECI-MENTO EDITORIAL
DE PORTUGAL



Brazil-Portugal

As tendencias da humanidade são para as aproximações e unificações dos povos da mesma raça e da mesma estirpe.

E' difficil conter o innato sentimento de estirpe ou do estado de alma de uma raça que a lingua interpreta ou traduz.

A linguagem, que mantêm e conserva o espirito da raça, é o instrumento da sua verdadeira expansão ou sobrevivencia. Perde-se a consciencia da raça, quando se sacrifica a lingua.

Toda a ressurreição de povos tem sida feita através do resurgimento de seus velhos idiomas, de suas canções antigas, de sua literatura primitiva. E' que o espirito da raça só se sustenta quando a lingua o garante e afirma. Certo, muitos traços de caracter, muitos traços de temperamento perduram nos individuos; mas o vidonho predominante, a sua predilecção e tendencia são mais regidas pelo molde mental que a lingua organisa do que pela raça. O cérebro se adapta ao idioma em que tem de traduzir os seus pensamentos, como em geral a função cria o homem.

Ha nas sociedades americanas, sobrevivencias, recordações étnicas, snobismos. Mas tudo isso desaparece logo que pelo habito da lingua o individuo se adapta ao ambiente social.

Brazileiros, filhos de alemães, de francezes, de russos ou italianos, falam com enternecimento da velha metrópole, da terra dos nossos avós.

Dos povos europeus só a Inglaterra, a Espanha e Portugal puderam estender a grandes dominios ultramarinos o espirito da sua raça com a hegemonia da sua lingua.

O Brazil tem uma população de cerca de 25 milhões. A emi-

gração é contínua e se, por enquanto, a de origem portugueza é a maior no conjunto, estará em breve em condições de inferioridade quanto ao numero. O Brazil, recebendo gente do mundo inteiro, esperando receber depois da guerra os desiludidos do regimen europeu, terá em poucas décadas 40 milhões de habitantes. No fim do seculo ultrapassará todos os paizes europeus, com excepção da Russia. A nação brazileira, antiga, onde predomina o elemento verdadeiramente nacional, irá assimilando e desenvolvendo o espirito étnico dos emigrantes.

As sociedades americanas são laboratorios de raças; formamos aos poucos as tres raças novas; a nossa linguagem naturalmente evoluirá, mas a primeira função que exercemos é a de transformar os rebentos da outra raça em especimens da nossa. Norte-americanos, hispano-americanos e brazileiros exercemos uma função de assimilação que é utilissima ás patrias dos nossos maiores. Transformamos em clientes da literatura e das artes, das sciencias da nossa antiga metropole homens e descendentes de raças que de outra forma não teriam conhecimento do labor intelectual e dos produtos dos nossos ascendentes europeus. Em outros termos: ha uma transplantação de homens da Europa para a America, e nós fazemos com que esses homens transplantados se afeiçõem á cultura da nossa metrópole e se sirvam de seus produtos. Continuemos, portanto, a prestar serviços ás antigas metrópoles. Além do desenvolvimento vegetativo da população, temos os emigrantes que assimilamos. Assim, tratando do nosso proprio progresso, contribuimos para a expansão da cultura da patria de nossos antepassados.

Temos muitos recalcitrantes, que procuram manter a sua cultura de origem. Mas são resistencias passageiras, que o seu proprio progresso desmanchará! Polacos, alemães, scandinavos, russos, italianos, chegam á America do Norte, ás republicas espanholas, ao Brazil e em poucas gerações se incorporam a cultura literaria dos inglezes, espanhoes e portuguezes.

Naturalmente, o nosso fim nacional não é augmentar o circulo de influencia das metrópoles e sim o nosso, mas a nossa cultura está tão ligada que todas ganham com isso.

Nós outros precisamos tambem, de um modo particular, da cooperação da cultura das antigas metrópoles, e dos emigrantes da mesma raça dos fundadores da nossa patria. Os portuguezes que vão para o Brazil contribuem como os outros emigrantes para

o nosso progresso material, aumentando o numero de braços; mas contribuem tambem de uma maneira especial para a conservação da nossa lingua e dos nossos costumes no meio da fusão de raças diversas. Ajudam a nossa resistencia triunfante; assimilando-se, são elementos de assimilação.

Assim portuguezes e brasileiros têm interesses identicos que crearam uma cooperação nascida da natureza das coisas. Agora, porém, que com o progresso da concorrência humana podemos fiscalisar, dirigir, canalisar os fenómenos sociaes que outr'ora se desenrolavam sem governo, todos nós temos o dever de agir e trabalhar para consolidar essa coordenação de tendencia, de resistencia e desenvolvimento.

A lingua que se fala no Brazil apresenta, naturalmente, diferença da que se fala em Portugal. N'uns casos, nós conservamos as tradições e os portuguezes deportaram o modo antigo; n'outros, em Portugal se mantem o que aqui tivemos de modificar para adaptar á lingua a nossa vida tão diferente da de Portugal.

Na cultura scientifica e literaria, base de todo o outro desdobramento social, a cooperação não tem sido até agora á altura das grandes necessidades. No Brazil, a literatura propriamente dita soffre, naturalmente, a influencia da de Portugal; mas nós outros, que estudamos sociologia e politica, que praticamos as profissões liberaes, advogados, médicos, engenheiros, professores, jornalistas, sabemos mais do que se passa na França, na Inglaterra, nos Estados-Unidos, na Alemanha, na Italia, Argentina do que em Portugal. E em Portugal ao que me parece, em conjunto, pouco se sabe da cultura brasileira, da propria literatura de ficção, cuja nossa cultura tanto apreciam os de lá. Alguns escritores nossos são conhecidos e lidos, mas o movimento intellectual não é seguido e compreendido.

Por isso, a obra que se inicia com esta revista é sumamente util. Portugal precisa conservar no Brazil o seu melhor mercado intellectual, um dos seus melhores freguezes e precisa ter no nosso país o campo natural da emigração que, como todos reconhecem hoje, é util para os paizes europeus, como a emigração para as nossas patrias americanas. O Brazil necessita de Portugal, porque os emigrantes e os produtos portuguezes, os livros e os costumes lusos não nos desacionalisam e ao contrario entre colonos de povos diversos são auxiliares da assimilação que operamos.

Entretanto, essa cooperação para ser sempre útil e próspera carece de uma acção consciente de aproximação intelectual. Deveríamos trabalhar, tanto quanto fosse possível, para conseguir a unificação da nossa cultura e a relativa uniformização dos nossos modos de dizer e escrever dentro da mesma lingua-mãe. E' de interesse reciproco. As duas literaturas precisam-se conhecer mais para se estimarem. Os cultores e vulgarisadores de ciencia necessitam de contacto. Portugal não se deve limitar a traduzir para aproveitar os nossos estudantes que ainda não sabem linguas estrangeiras ; não deve desdenhar o nosso esforço como nós não devemos desprezar o d'ele.

Parece-me que o fim d'esta *Revista* é fortemente dissipar preconceitos e ignorancias e fazer com que as criticas respectivas acompanhem reciprocamente o movimento intelectual, politico e literario dos dois paizes.

E' de facto uma obra necessaria. E é uma obra principalmente oportuna. Porque é preciso dizer com franqueza que os nossos paes quando eram jovens se preocupavam muito mais com a literatura portugueza do que nós outros. Convém, portanto, receber e desenvolver a cooperação literaria e intelectual, a fim de manter e estreitar a cooperação economica e social — tão eficiente, tão de accordo com os nossos destinos independentes mas harmonicos ; tão necessaria a brasileiros e portuguezes.

Rio de Janeiro.

VICTOR VIANA.

D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro

Neste Outono tam tragico no mundo e em Portugal tam triste, morreu alguem que nos deixa mais pobres e mais tristes — a Senhora que se chamou D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro.

Este illustre e grande nome evoca para mim uma das devoções mais fortes e mais enternecidas da minha vida. Devoção feita do melhor que em cada um de nós existe: a admiração, o respeito e a amizade. Devoção que vinha de longe, pois eu era ainda estudante adolescente e já me encantava na convivencia de estes dois principes dos artistas portuguezes — Columbano e sua Irmã. Indiferentes a qualquer aplauso que se obtem por transigencias, inacessiveis a toda a intriga dos meios artisticos, ornados de belas maneiras que nunca sabiam deixar, e recolhendo-se, para as manter, na serenidade das melindrosas misantropias, assim vieram pela vida fóra estes dois grandes delicados, a quem a mesma paixão da Beleza desde a adolescencia possuira. E no meu espirito os continuo a associar sem os poder separar, nunca. Para se compreender esta necessidade de associação das duas almas inseparaveis, é preciso ter convivido com elas, nos seus ateliês ou no seu lar.

E' preciso ter-se sentido a relação que unia o genial pintor á sua grande Irmã maternal — dêle para ela, um amor que achava sempre, entre a agressão quotidiana dos homens e das cousas, o mais belo coração que tudo entendia e consolava; dela para êle, um amor igual que se revia no genio do pintor; e de um para o outro, a mesma adoração das suas obras, por modo que as Rendas tinham em Columbano o mais carinhoso e fervente

admirador e era na arte de este irmão que a Senhora D. Maria Augusta encontrava o mais belo motivo de existencia. Uma vez, no ateliê de Columbano, ouvi um visitante ligeiramente indiscreto perguntar ao pintor quem havia sido em França o seu mestre.

— O *Louvre*, respondeu êle.

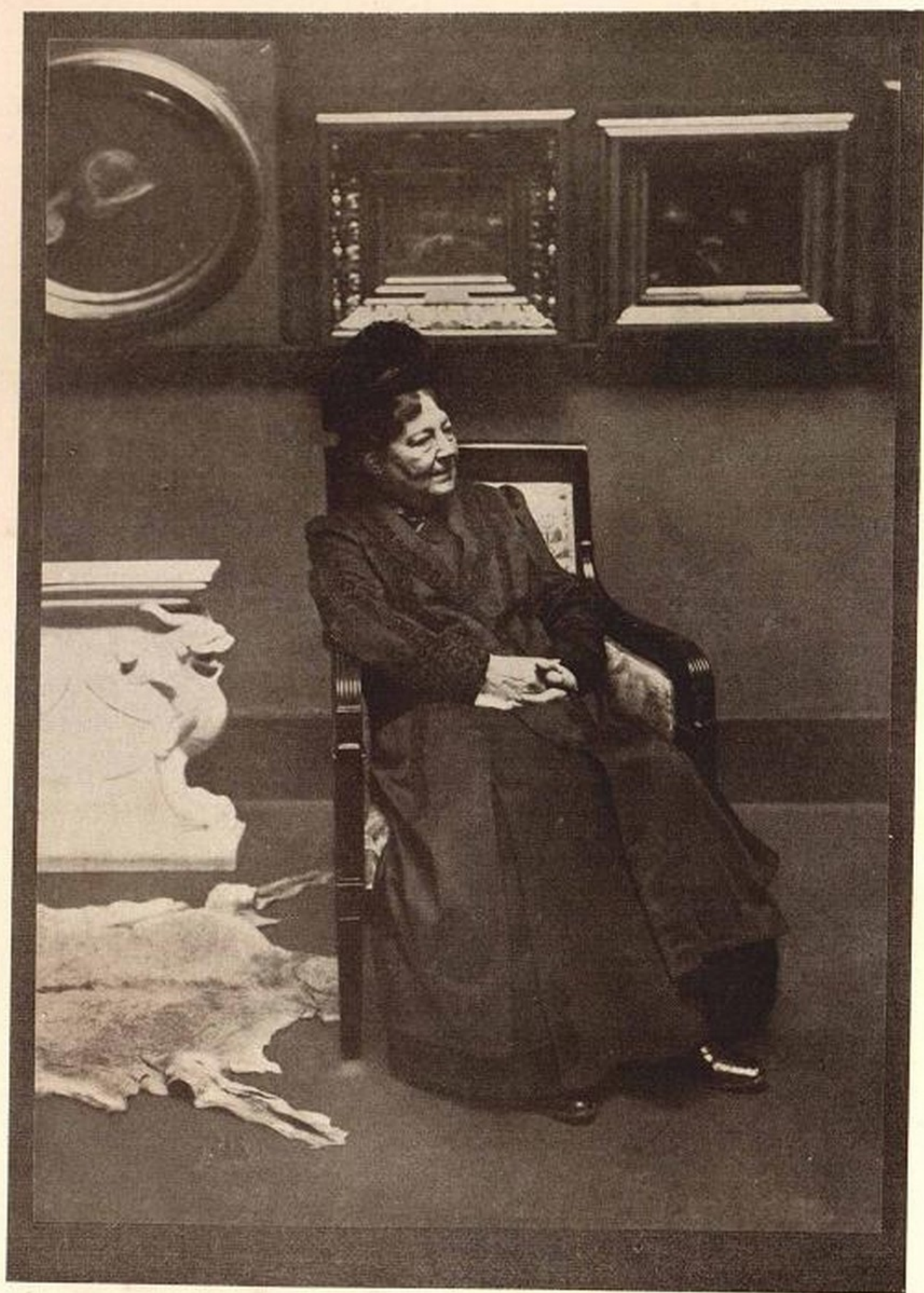
Sim, o *Louvre* e sua Irmã foram na realidade os mestres de Columbano, os mestres da sua arte inconfundivel e da sua alma agora viuva.

*

* * *

A pequena officina da rua do Tesouro Velho era em Lisboa um refugio espiritual. Uma paz quasi claustral envolvia-a. Ficava tam longe de todo esse Barulho como o castelo resplandecente do Santo Gral. As rosas perfumavam a penumbra e aí nos acolhia o sorriso da artista, que iluminava tudo em roda, — o mais belo sorriso de intelligencia e bondade que ainda vi em labios e olhos de Senhora. Não é sem uma comoção profunda que eu penso que essa officina se fechou para sempre! Parou o agil bailado dos bilros, dos bilros que bailavam ao som da musica traquina que faziam, urdindo a teia de maravilha.

Foi aí que se albergou um sonho de artista do mais nobre timbre, isolada entre uma sociedade que não podia compreendê-la como devia. Era uma fé heroica, com efeito, a que animava a Senhora que a todos nos deu tam alto exemplo, criando uma arte moderna dentro de uma tradição antiga, e uma arte que é a mais delicada e feminina de todas, — arte de urdir prodigiosos flocos da mais debil e harmoniosa architectura, os quais parecem saídos de mãos de silfos que em ritmos hieraticos, dansando à lua, condensassem neblinas, luares, espumas, tudo que espiritualiza a graça aerea e que é — a Renda. A maravilhosa rendeira foi entre nós quem orientou e enobreceu esta arte de encanto. Ela logrou fazer da renda vulgar, industrial, de Peniche, que operarias habilidosas, sim, mas sem cultura nem gôsto, nem terem quem lh'os ministrasse, urdiam sem ideal, — ela conseguiu fazer da renda gorda das operarias os seus modelos sublimes de poesia. Assim pôde ser criada, como obra de arte moderna, a Renda Portuguesa, e estilizada dentro de um conceito nacionalizador e de uma tecnica purificada e desenvolvida. Pensando-se em que todas as nossas industrias tradicionais e domesticas, umas bastardas, ou-



A senhora D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO
no atelier de seu irmão o grande pintor COLUMBANO

tras anémicas, aguardam o professor, o artista que as oriente, as enobreça e imponha como os mais belos produtos da actividade de um povo, avalia-se então quanto valeu a acção pratica e a religião estetica de esta grande amiga da Tradição nacional, que no mais melindroso e delicado ramo operou, sòzinha, um milagre tam lindo. Oh! a lisongeira, mimosa, subtil arte da Renda, como ela recebia um culto formosissimo na doce officina rumorosa de zumbidos que se enleavam no silencio e que as rosas perfumavam. Cantiga já hoje de outrora, em meus ouvidos saudosamente se prolonga esse rumoroso adejo das abelhas que os bilros semelham, e que ali, na salinha contigua à das exposições, entre as mãos das discipulas da eminente Senhora, noviças de este mosteirinho da Renda, perpetuamente adejava. Esta meiga officina era na realidade uma ermida levantada á graça da mulher e ao seu mais belo adorno e esmalte, e as mulheres que belamente o fôsem ali haviam de sentir uma das mais intimas e aristocraticas sensações de Beleza, sabendo que para elas se ritmaram estes adoraveis poemas brancos. Todas essas rendas que a Senhora D. Maria Augusta desenhou e compôs, e que hoje valem como quadros de mestre, porque, ai de nós, em silencio e sombra se quedou o fecundo adejo dos bilros, testemunham um discreto e suntuoso labor em que se empregou o gosto mais seguro e uma paciencia de santa, e em que as qualidades, excepcionais tambem, da pintora de flores, se revelam em raros pormenores.

Deliciosos fantasmas, passam ante meus olhos as rendas que tantas vezes admirei, nas exposições anuais da artista, quando, no dia intimo da abertura, todos os devotos se juntavam, senhoras, artistas, pessoas da familia, numa festa de carinhosa admiração, que era um dos momentos mais gentis do ano; ou em sua casa, no gabinete de trabalho onde ela continuava a tarefa, mesmo de noite, à luz do gaz. E revejo, numa nevoa dolorosa, — agora que a morte gelou essa fina mão criadora, — aqueles lenços goticos ou modernos, que dedos de homem se não atreveriam por certo a tocar, tam fragil, flebil é a sua estrutura; aqueles leques, com os quais o ar se deslocará mais fino e brando, colhido em tam formosa trama; aqueles cabeções que hão de dar junto à pele a mais grácil caricia de contacto; os panos de mesa, como aquele que, urdido todo de rosas desenhadas do natural, com claro escuro, bastaria só por si para colocar a artista no

mais alto logar a que uma professora de rendas póde aspirar na Europa . . .

O valor de estas obras de arte enriquece e, o que é mais, subtiliza e afina Portugal.

Elas proclamam na sua alva e candida urdidura um dos mais nobres esforços esteticos que desde sempre se tem produzido no campo da nossa arte.

*

* * *

Ha poucos dias voltei, após longa ausencia na provincia, ao ateliê de Columbano. Como sempre, possuiu-me a encantação da cela do monge. Mas enquanto olhava os quadros e os meus olhos se embalavam no canto surdo da côr do grande mestre, senti que ali alguma cousa mudára . . .

O ateliê estava cheio de saudade. — Os bilros estão mortos, sobre as almofadas. Partiu para Além a fada que os animava, deixando-nos sem uma alma encantadora e sem uma arte divina.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Poesia em prosa

I

ENTRE MAR E CÉU

Ha quem encontre melancolia em navegar, sobretudo quando a nau se afasta da costa e se perde, pequenina, na imensidade e na solidão do mar alto. Como se o mar, que nunca se cala, nos deixasse um momento sòzinhos! Como se o céu, de onde nos vem a luz e calor, isto é, a vida, pudesse alguma vez inspirar-nos desconfiança ou tristeza!

Eu então creio que não ha melhor companhia, nem mais doce vizinhança, que a de mar e céu. O paquete é forte, vasto e sólido, e não parece diminuido nem pela grandeza, nem pela resistencia do mar. Não é já o *lenho leve* de Camões. Mais depressa lembra uma ilha andante, alegre e senhora de si, deslizando num oceano submisso e a que o horisonte sempre curto marca fronteiras proximas. Nenhuma sensação de infinito inacessivel ou de isolamento e perigo. Espreguiço-me regalado sob a luz diamantina, bebo a longos haustos a pura e sadia rajada do vento, e sinto-me o habitante feliz de uma casa privilegiada que de todas as suas janelas tem vista para o mar admiravel e para o céu incomparavel.

Poucas horas depois de estar a bordo invade-me um bem estar irreal, uma embriaguez nova e suavissima, como se mar, luz e ar fossem filtros magicos, *champagnes* nectarianos servidos pela propria mão de Deus. Perco a noção do tempo, perco a do espaço, essas duas fontes de inquietação e de fadiga. Os dias passam como minutos; as distancias extinguem-se. Com efeito, nunca sinto o vapor avançar. Aprehando os seus baloiços de rede, mas não dou pela sua marcha. Tenho a impressão continua

de que mudei, não apenas de elemento, mas de planeta. Viver tem outro sabor, pensar tem outro fulgor. O sono das noites é como uma bemaventurança. A minha sensibilidade remoçada prodigaliza-me felicidades inéditas. O meu cérebro excitado fabrica ideias e imagens fulgurantes, exala sonhos como hálitos. Do banal paquete faço uma caravela heroica e surpreendo-me a dizer com orgulho ás ondas perguntadoras, como se navegasse a bordo dos proprios *Lusiadas*:

Os Portugueses somos do Ocidente;
Imos buscando as terras do Oriente!

Foi Michelet, creio eu, quem notou que, assim como o mar ocupa dois terços da Terra, tambem no corpo humano a parte liquida está em maioria. A agua é a regra na Natureza, a Terra a excepção. Por isso decerto a nossa alma se sente multiplicada nas ondas e como fecundada por elas. Por isso o mar movediço se nos afigura, ás vezes, mais firme que a terra firme. O solo prende-nos e cativa-nos, a agua liberta-nos, o ar emancipa-nos. Rastejar, flutuar, voar, dir-se-hiam os tres verbos com que podemos simbolizar as metamorfoses do nosso espirito, no seu esforço infatigavel para penetrar o sentido da Vida. A Terra é a Larva informe; o Mar seria a misteriosa crisalida; e o Ar, prolongado no Céu, a rútila e definitiva borboleta...

Assim divago, nesta viagem que imagino me leva para além de mim proprio, enquanto o mar, tantas vezes guerreiro e péfido, hoje se mostra todo de paz e de amor, meigo e voluptuoso, encurvando as suas ondas como colos femininos, fazendo-as correr atrás e adiante de nós, a cavalo umas nas outras, como para nos abrirem caminho e nos ajudarem a transpo-lo.

E enfim, sempre cêdo demais para a minha louca ilusão, entramos já de noite no porto que vai restituir-nos á terra. As estrelas rutilam. E as aguas fosforescentes parecem ter absorvido cada um dos raios desse luar celeste. Oh, a fosforescencia do mar, que prodigio sublime! E' o casamento da Agua e do Fogo diante dos nossos olhos incrédulos. As ondas ardem em labaredas. O rastro do vapor é uma longa chama. E eu mergulho as minhas mãos no mar e retiro-as molhadas e incendiadas a um tempo, embebidas em luz liquida, como se cada uma tivesse salvo, de algum fantastico naufragio, um farrapo de céu estrelado...

II

DOIS PORTUGAIS

Mais de um escritor nosso tem notado a diferença de ritmo e de caracter, a verdadeira dualidade da historia portugueza antes e depois do advento da dynastia de Aviz. Até D. João I, Portugal é uma nação agricola e guerreira, ciosa de independencia, integra e tenaz de caracter. A partir do reinado do Mestre de Aviz somos, e ficamos sendo, uma nação de mercadores, aventureiros e navegantes. Na primeira fase, alvitra o eminente sr. Basilio Telles, Portugal sofre a influencia das populações do Norte, municipalistas, sóbrias, tolerantes, laboriosas; na segunda fase começa (e nunca mais acaba) a hegemonia do Sul semita, fanatico, indolente, dissipado de costumes, sem verdadeira originalidade.

Teriamos pois dois Portugais: o primitivo, o autentico, era o Portugal lusitano e galego, aria e até loiro, de cuja forte e sã personalidade dão testemunho as paginas da nossa viril historia medieval. Seguiu-se o Portugal africano, moreno, moiro, de raça menos nobre e de sangue cruzadissimo, que por duas maneiras nos levou á gloria, segundo esta palavra se entende no sentido próprio ou no que costumam dar-lhe os jogadores.

Sendo o Portugal da Edade-Media o mais vigoroso, falta explicar porque se deixou tão prontamente vencer pelas moles populações meridionais. E aqui, creio eu, temos de fazer intervir a mão forte do Infante D. Henrique que, rasgando na casa portugueza a janela que dava para o mar, inundou de uma luz nova a nossa vida e creou ambições maiores no país inteiro. A vertigem e tentação das emprezas maritimas impoz-se á imaginação nacional com muito mais intensidade que o curto passado de proezas militares que era então o nosso. Os descobrimentos eram uma obra de alcance universal, susceptivel de mudar, como mudou, o rumo da civilização. A nossa pequenina existencia regional, por mais equilibrada e normal que fosse, perdeu logo todo o interesse. A fachada de Portugal passou a ser Lisboa, que era a sua incomparavel capital maritima. O Norte ficou-nos para sempre nas trazeiras.

Foi bom? Foi mau? Quem pode dizer-lo? O Portugal das conquistas foi efemero, mas a sua gloria encheu o mundo e são

ainda os restos dela que nos asseguram a existencia autónoma. E se as populações do Norte não conseguiram dominar e transformar as do Sul, comunicando-lhes as suas virtudes, póde duvidar-se que tivessem tido força para escapar á absorção hespanhola, quando a Hespanha chegou a ser a mais poderosa nação da Europa. Ainda hoje o dualismo do Norte e do Sul é visível em Portugal. Lisboa é uma cidade oriental, ininteligível na sua mentalidade e estranha nos seus costumes para todo o portuense de raís. O Porto podia perfeitamente ser uma cidade suíssa. Mas Lisboa, apesar dos seus defeitos, vence sempre, e o Porto, por sólidas que sejam as suas qualidades, e apesar de estar á testa de uma das nossas regiões mais prósperas e povoadas, cede e submete-se, não tendo nunca mais conseguido dar a sua fisionomia á vida nacional.

Parece, pois, que falta ao Portugal do Norte o genio do mando, a audacia, a capacidade atractiva, que facilitaram ao Sul, atravez de erros sem conta, a sua constante preponderancia. E pena é que assim seja, porque ao menos hoje, que já não temos terras nem mares a descobrir, a hegemonia das nobres regiões minhotas, transmontanas e beirôas, tão intactas ainda e tão portuguezas, não poderia senão ser proveitosa á nação, velha e exausta de tantas aventuras, e necessitada como nunca de reatar as suas tradições municipalistas e agricolas da Edade-Média.

III

CAMA DE CASADOS

Todos os noivos, nas vespervas da boda, deviam ler o admiravel, maravilhoso livro de Michelet, *L'Amour*, que é, embora escrito em prosa, um dos poemas mais belos e mais sãos da literatura moderna.

Não conheço, em nenhuma lingua, outro livro assim. Surpreende-me que elle não esteja traduzido por toda a parte, que dele não existam edições populares ao alcance das bolsas mais modestas, e edições de luxo, ilustradas com ternura e talento, para servirem como presente de noivado.

Noiva que porventura me estás lendo : que esse livro, ao lado de de orações, não desampare um instante a tua cabeceira. Em nenhuma outras paginas encontrarás quem melhor vos ensine, a

ti e ao teu marido de amanhã, a construir com o mais incansavel amor e a mais macia penugem o ninho duradoiro do vosso lar.

Fui hoje, como tantas vezes, consultar a obra-prima de Michelet sobre este problema importante da vida de casados: o leito. Nem a Alemanha, nem a Suissa, conhecem a cama comum que ainda hoje é a regra nos paizes latinos. Até que ponto deve reconhecer-se neste facto a influencia da mentalidade protestante, mais austera e fria, fazendo do casamento uma ligação menos absoluta e completa que o catolicismo? E' assunto para examinar em outra occasião. Agora quero dizer apenas que considero a cama de casados como um dos auxiliares mais eficazes da harmonia e da fidelidade conjugais. O casamento só não será um fardo, de que não tarde a sofrer-se o peso com impaciencia e tédio, na proporção em que constituir uma lenta e continua fusão dos corpos e das almas, sempre rica em surpresas deliciosas, uma communhão reciproca e perpetua, um progressivo affecto feito de hábitos cuja monotonia é cheia de variedade. A vida quotidiana separa e isola já o homem da mulher durante a maior parte do dia. A' noite, ao menos, a cama comum reuneos. Dormir juntos ensina a viver juntos. As horas do sono são mais de metade das da vida. O enlaçamento, o embutimento dos corpos, cria lentamente a especie de ditongo fisico, quasi automatico, que logo se repercute na concordia e no compasso igual dos corações. Dois seres que se amam, ao fim de longos anos de convívio, parecem-se já um com o outro, por dentro e por fóra, na fisionomia como na alma. Ha com certeza electricidades, fluidos comuns, que sem cessar circulam nos seus seres, em cruzamentos imponderaveis, de modo tal que sem erro se pode afirmar que as suas vidas, no que elas encerram de mais essencial e intimo, se foram tornando inseparaveis e indistinguiveis. O casamento, ou é isto, ou não é coisa alguma que mereça o sacrificio que se lhe faz de toda uma existencia. Aquele que não partilha instintivamente, sem reflectir, a dôr ou a alegria do ser a quem se ligou, não ama ou não é capaz de amar. E a cama comum não é indiferente para a elaboração lenta e misteriosa, realizada pelos homens com a colaboração vigilante de Deus, dessa delicada simbiose, como outra mais perfeita não conhece a Natureza. A cama comum é uma fonte pura e espontanea de amor, fisico e psíquico, e essas duas faces do amor devem andar sempre a par, á semelhança dos olhos que,

coordenados e convergentes, produzem a maravilha chamada o olhar. A sensação e o sentimento, os beijos e as lágrimas, a ternura interior e o extasi apaixonado, sucedem uns aos outros como os frutos sucedem ás flores. E a cama dos bemcasados é o apropriado, puro e discreto berço e laboratorio dessas milagrosas transformações.

Inutil é dizer que Michelet, a quem fui consultar com a certeza prévia da sua aprovação, não pensa de outro modo. Ele veria hoje, na generalização dos leitos e até dos quartos separados, mais um sintoma da degeneração da familia que já no seu tempo o inquietava. Sentiria decerto que todas as creações geniais da imaginação humana, que representam um esforço de seculos, se afundam rapidamente nas tentações do materialismo mais boçalmente e mais barbaramente científico. E até me ajudaria a sustentar que não só a cama comum, mas a propria cama, tal como a conceberam as nossas avós, se vai extinguindo. A arte subtil de ageitar o travesseiro e de compôr a dobra do lençol cai no ólvido. Nos leitos alemães, por exemplo, a roupa de cama, com que nos cobrimos, consiste num grande sacco de pano branco abotoado e recheado de lã. O travesseiro é outro sacco flacido e inconsistente. Não ha meio de aconchegar a cabeça nem de afeiçoar estreitamente o corpo a essas duas almofadas moles, mas, apesar disso, tão pouco maleaveis. Antipática e estúpida invenção!

IV

OLHAR MISTICO

Eu não sei em que parte do corpo humano tem a alma o seu domicilio, ou, pelo menos, o seu centro de irradiação; mas onde a procuro é sempre nos olhos dos meus semelhantes, e nem creio que possa encontrar-se mais visivel ou mais impressionante sinal da sua existencia. Um olhar diz tudo, e nele, como em parte alguma, é a dissimulação de leitura facil. Os juizes deviam ter mais olhos para o olhar dos acusados do que para as paginas estereis dos codigos. E que dizer da força magnetica de um olhar sobre outro, das correntes electricas irresistiveis que o encontro e a perfuração mutua de dois olhares bastam para estabelecer! Ha olhos que traspassam como espadas e ha-os que embriagam como

filtros. Ha olhos que se confessam sem cessar e ha outros que nos obrigam a confessar-nos a eles. A cada hora encontro no meu caminho a maldade, o egoismo, a inveja, a miseria e a dôr, e esses monstros todos me aparecem nitidamente no brilho sêco e no golpe acerado dos mil olhos que cruzo na rua. Por vezes entristeço, adoeço, envelheço, só pelo numero maior de maus-olhados de que o acaso me fez experimentar o contacto. A grande cidade é tão fatigante pelo seu ar impuro e já servido como por esse convivio forçado dos nossos olhos, sedentos de paz, com os da revoltada ou desgraçada humanidade.

Hontem, sem dar por isso, fiz uma deliciosa cura dos meus olhos exaustos, matando-lhes a sede na fonte pura e perene do olhar de uma religiosa. Nunca encontrei uma freira sem ter uma impressão imediata de alegria, de felicidade, de paz definitiva e absoluta. Como ellas riem! Como elas olham! Nas suas vozes, no seu riso, no cristal sem nódoas das suas pupilas, sente-se bem que já nenhum interesse perturba as suas almas e nenhum enigma angustia as suas intelligencias. Como as admiro, como as invejo, como comprehendo bem que a fé é a normalidade, é o equilibrio, é a saude da alma!

Sem duvida ha freiras curtas de espirito, cuja existencia deve ser uma especie de sono acordado, e cujos olhos mais reflectirão a paz inconsciente e animal do que a alegria vitoriosa, a centelha divina, da communhão com Deus. Mas eu tenho tido a ventura de contemplar e de ouvir falar mulheres intelligentes, cultas, modernas, que só se distinguem das outras em terem sabido arrancar da sua alma todas as paixões e ambições que, como más raizes, esterilizam a nossa misera e indecifrável vida. E esse nada foi tudo! E esse abstrair de si proprias bastou para lhes dar uma superioridade moral e até intelectual — descrever não é senão o triste sinonimo de ignorar — sobre a quasi totalidade dos seres humanos. Por isso elas riem como crianças acabadas de entrar na vida. Por isso elas olham com olhares tão suaves, tão frescos, tão vitalizantes, como aquela agua nova de que Jesus deu de beber á Samaritana, junto do poço de Jacó!

V

OS VOOS DA FRANÇA

(Escrito em 1912)

Eis uma vitória pacífica da França sobre a Alemanha, que deviam também registrar as chancelarias: ganhou-a o extraordinário aviador Pégoud, em Berlim, no aerodromo de Johannistal. A cidade inteira, num impulso de entusiasmo irreprimível, ali foi reconhecer e consagrar essa vitória. Foi preciso multiplicar os comboios e os tramways para dar passagem á multidão imensa, nunca vista, que tres dias seguidos se reuniu em Johannistal. Centenas de milhares de Berlinezes, candida e sinceramente assombrados como que viam, aplaudiram o temerario Francez, e nele, quasi sem darem por isso, a temeraria França. Os jornais trasbordaram do mesmo regosijo sem malicia e sem azedume. Pégoud voltou ao seu país inteiramente incapaz de compreender o que seja a hostilidade germanica. Berlim para ele significa apenas a apoteose.

Foram as prodigiosas cambalhotas no ar do insigne aviador que, contagiosamente, deram também volta á cabeça dos Berlinezes? Decerto concorreram; mas eu pretendo que a Alemanha não só admira mas também ama a França, embora julgue que é seu dever odial-a.

O elegante, leve, maleavel aeroplano francez, voando nas pontas das azas, com um motor discreto que mal se ouve, movia-se sereno e facil no ar purissimo. As suas evoluções eram claras e harmoniosas como o proprio genio da França, como a sua nitida linguagem, como a sua doce e fina paizagem, como a sua polidez requintada e o seu sentimento secular da proporção, do gosto e da medida. De repente a nau aerea despenhava-se verticalmente ou dava um salto mortal inverosimil; mas não houvera nesses movimentos audazes um erro de ritmo nem um desequilibrio. Era bem a propria França que eu via voar, deslizar, sorrindo ao perigo, tendo na sua graça a sua força, eterna e inimitavel feiticeira!

E á roda dela voavam pesadamente os aeroplanos alemães, tropeçando no ar, zumbindo lugubrememente, e parecendo voar em alemão com vôos retorcidos e dificeis. E eu bem os ouvia que diziam ao passar pela nau franceza, quasi involuntariamente:

— Só tu, ó França, sabes voar. . .

E á roda dela caminhava um *Zeppelin* allemão, o *Hansa*, massiço e colossal, com vôos de quatro pés, imenso e temeroso como um elephante ao lado de uma pomba. E tambem o *Hansa*, erguendo a sua voz grossa e sincera, não resistia a dizer á nau de Pégoud :

— Só tu, ó França, sabes voar. . .

No céu sem macula surgiam a medo bandos de passaros mais curiosos. E até os passaros, vendo Pégoud voar melhor que eles, tentavam em vão imitar os seus vôos inéditos e exclamavam por fim com a voz resignada dos vencidos :

— Só tu, ó França, sabes voar. . .

Cá em terra, a multidão, em gritos e bravos estrondosos, quando Pégoud passava, de cabeça para baixo, acenando alegremente com a mão, repetia, em côro, a mesma aclamação formidavel. O aeroplano francez era, diziam, como um corcel de raça correndo no meio de pilecas ronceiras. . . E por fim tambem eu, tomado do delirio geral, e vendo na nau Pégoud o unico *Pombo-Correio* autentico, digno do nome, inatingivel para mim como para todo o homem é todo o ideal, lhe gritei do fundo do meu coração alvoroçado :

— Só tu, ó França, sabes voar. . .

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Judith, ou a gratidão do povo (1)

A CONSTANCIO ALVES

Mais uma vez, com os pretextos procurados pelos seus arrogantes embaixadores, ou sem êles, dispensaveis na expectativa da victoria, que tudo havia de justificar, as hordas assirias, sempre cheias de appetite, transpunham as fronteiras do imperio, agora na direcção do occidente.

Haviam subjugado a Média e chegado ás praias do mar Cáspio: queriam ir ao Mediterráneo, do outro lado, através de montes e vales, rios e desertos, cidades por arrasar, vinganças por exercer, gente, gado e riqueza por adquirir. Passaram o Eúfrates, além da Mesopotâmia, e caíram sobre Soba, sobre a Licia, a Iduméa, a Siria, e iam direito a Israel.

Todos os dias chegavam foragidos, apavorados, correndo dian-

(1) Como é sabido, nunca se conheceu o original do livro de Judith: há traduções, e tantas, e discordes, que já se pensou não tenha existido um texto hebraico e, portanto, as chamadas versões sejam apócrifas. Os protestantes, muitos católicos, como outrora os judeus, assim as consideram. As numerosas traduções (só gregas há para mais de trinta) são todas divergentes, como é anacrónica e infiel a historia contada por êlas. A mesma versão latina de S. Jerónimo, não será rigorosa, pois foi feita com auxilio de alguém que lhe transpôs um texto aramaico ou hebrêu, enquanto o santo doutor mudava este em latim escrito, trocando antes o sentido que as palavras (*magis sensum e sensu quam ex verbo verbum transferens*). O traslado que hoje publicamos é, pois, tão autêntico, como os outros: a heroína bíblica não perde nada de sua boa fama e a alegoria que a criou serve a outro ensino, razão do subtítulo de nossa historia. Isto nos conforta ainda mais na admiração a Judith, a mulher que até agora ainda nenhuma igualou no emprego da beleza e da astucia, as armas onipotentes do sexo.

te da invasão, como folhas sêcas diante da tempestade: preparavam pelo medo e com a imaginação assustada a submissão fácil aos invasores. As noticias excediam todos os horrores já sabidos desses bárbaros. Campos talados, searas destruidas ou apoderadas, povos prisioneiros ou trucidados, cidades postas em saque e depois no incendio, universaes desgraças que apenas avultavam mais que os horrores miudos inflingidos a cada um dos míseros vencidos: velhos e inválidos acabados a ferro por incapazes; chefes esfolados vivos ou empalados nas encruzilhadas, para escarneo e terror; crianças mutiladas nas mãos inocentes e nos pés que ainda não sabiam andar; donzelas entregues á bruta lascivia dos batalhões; homens e mulheres marcados a fogo para uso dos conquistadores, bestas de carga e criados de servir, agressão da vanguarda dos proprios irmãos, ou anteparo inerme contra o primeiro embate nas novas batalhas.

As cidades e aldêas de Israel vinha todos os dias o eco dessa ameaça de destruição e morte. O sumo sacerdote de Jerusalem, Joacim, tomou o comando da resistencia, com as preces públicas, os jejuns, as penitencias, que deviam abrandar o Senhor: como complemento, ordenou que as gargantas dos montes fossem guardadas, dispostos trincheiras, e nas avançadas, por declives e pincares, dispersas sentinelas para darem o rebate contra o inimigo.

Holofernes, quando o soube, acendeu-se em colera contra esse povo orgulhoso, que preferia a destruição apos a luta; reuniu os seus maioraes, deu-lhes ordens, e endireitou as tropas para o baluarte do inimigo, Betulia, que se julgava defendida por encostas inacessiveis. Cento e vinte mil peões, vinte e dois mil cavaleiros, trem de guerra para sitio e ataque, alem de inumeraveis despojos e prisioneiros das terras já conquistadas, apareceram um dia, por todos os lados, derramados entre vales e barrancas, trepando nos aludes, nas cercanias da cidade.

Antes porem das hostilidades, teve o assirio uma alegria diabólica ao encontrar, no cerco que apertava, o aqueducto ⁽¹⁾ que conduzia aguas a Betulia. E então, expandiu-se-lhe a face larga e barbuda, numa tremenda vingança a tirar contra o orgulho de Israel: pois que se armaram para combatê-lo, haviam de render-se sem combate. Mandou cortar os canaes, guardar as fontes de

(2) *Judith*, vii, 6.

ao pé das montanhas, e acampou as suas hordas, a espera da capitulação, pela sede.

A fé em Deus, propiciado por orações e sacrificios, não abandonou Israel, sempre pugnaz e irreductivel, ainda na desgraça, quando restava uma esperança. Seria agora o milagre. Mas o céu estava sereno e sem nuvens, implacavelmente limpo e azul, as cisternas se esvaziavam, minguaram as rações dia a dia, até que a ilusão se desvaneceu e eles comprehenderam que foram abandonados pelo Senhor á furia dos bárbaros inimigos.

Não seria melhor renderem-se já? Ao menos, talvez abrandassem a colera dos vencedores, que deles haveriam alguma piedade. Se não, feridos e ultrajados seus filhos e mulheres, não seria menos cruel ter com o opróbrio a morte, nesse momento, que esperá-la mais alguns dias inuteis, de pranto e desesperação?

Por toda a parte eram soluços e lágrimas, cabeças inundadas de cinza, imprecações e promessas a Iaveh. Alguns com medo da morte proxima, mataram-se antes e apareciam dependurados nas traves das casas. As mães rasgaram as vestes e apertavam aos peitos os filinhos, talvez preferindo sufocá-los, a vê-los espostejados para comida dos cães. Homens e mulheres, corações retalhados de paes, esposos, irmãos, crentes, viam Israel destruido e, peor que a morte, a escravidão e o exodo.

Na praça, em torno de Osias, principe de Judá, a multidão gemia e suplicava um remedio immediato, fosse êie a rendição, para que ao menos se cumprisse, sem detença, a vontade de Deus, castigo aos pecados de uma geração amaldiçoada.

Quando a fadiga das lamentações inuteis apasiguou a população num torpor resignado, Osias pôs termo ao comicio, declamando :

—Ainda existe água para cinco dias. Esperemos, pois, irmãos, pelo socorro do Senhor: se até lá não vier, seja feita a sua vontade, e sem maiores sacrificios, entreguemo-nos nas suas mãos, e á mercê dos vencedores.

As lamurias recommçaram : a mercê dos vencedores, êles o sabiam, antecipadamente, era o morticinio, a escravidão e o opróbrio de Israel; a misericordia do céu, êles estavam vendo, era a colera de Iaveh, voltada contra o seu povo.

II

Judith ouvira as terríveis palavras de Osias, que repercutiam no seu coração, ainda mais que o eco das lástimas da cidade. Cinco dias! Marcava-se um prazo á piedade de Deus... Cinco dias! E depois... Fechou os olhos, como transida de um pensamento máu, repugnante, que êla afastou com os braços estendidos e as mãos espalmadas, a defender-se. Não era possível. Porque não morrer antes?

Moça, formosa e rica, enviuvara cedo, e o que Manassés deixara, a sua mocidade, sua beleza, seu carinho, dera-os a Deus. Não lhe faltaram pretendentes, dos mais nobres e dos mais dignos. Recusara-os todos. As suas riquezas, distribuia-as aos pobres, que lhe entravam ás portas sempre, e mais agora, nesses dias de miseria, como uma procissão num templo. A sua formosura, cobria-a com os olhos baixos, os veus espessos, a roupa de dó das viúvas, subtraída aos olhares da curiosidade ou do desejo, lá na estancia apartada da sua casa, que mandara construir para si e suas aias... onde orava, jejuava e trabalhava, para Deus e para os pobres, seus protegidos.

Este sacrificio de uma juventude forte, de uma beleza casta, de uma ternura sem emprego, de tantas riquezas dadas ao Senhor, seriam agora inopinadamente desviadas para premio de algum soldado bruto, cúpido e lascivo, que o havia de profanar, com a mesma tôrpe inconsciencia com que iam ser poluidas as virgens e as esposas de Israel.

Não... não podia ser. Um estremecimento de horror tomou-a, na repulsa a esse nôjo e a essa miseria, de si, das outras, de toda a pureza consagrada a Deus, que os bárbaros iam conspurcar.

Concentrou-se na sua alma. Não; não devia ser. O Senhor, por certo, reservara um socorro a seu povo. Qual? Em cinco dias, esgotada a água, a cidade se renderia. Nestes cinco dias de tentação a Deus, as penitencias haviam de pedir e obter a misericordia. Iaveh inspiraria uma idéa de salvação aos homens santos, aos anciãos e sacerdotes de Israel.

Os homens... desesperavam, como as mulheres... cinco dias contavam todos... De onde então o auxilio, a providencia?

Uma idéa lhe foi vindo á mente... E se fôsse êla a predes-

tinada a salvar o seu povo?... Como?... Outras idéas vieram vindo. Fechou os olhos de novo, os braços estendidos e as mãos abertas, como repelindo alguém que a buscasse prender... Mais súbito, o corpo se lhe endireitou, inteiriçado, resoluto, e exclamou:

—Se o sacrilegio se tem de fazer, que seja feito, tentando o impossível, pela salvação de todos. Se fôr inútil, precederá apenas alguns dias o da minha gente, de minha terra, de meu Deus!

Estava decidida. Mandou chamar a Chabre e Gotoniel, dois velhos sacerdotes, e exortou-os á fé e á esperança, êles que tentaram laveh, marcando um prazo á sua misericórdia. Entregassem súplicas, privações, penitencias, sem condição, á sua infinita bondade. Que se cumprisse, em tudo, a vontade do Senhor. Ajudassem a cumprir a sua, pedissem a Deus que ratificasse o seu intento; e concluiu:

—Não quero que se saiba do que vou fazer. Dizei a Osias e aos velhos chefes que me esperem á noite, na porta da cidade. Irei ter ao campo do inimigo... e se antes de cinco dias não tornar, é que Deus não se apiedou de nós.

III

Os sacerdotes partiram. Judith chamou a sua aia e deu-lhe ordens. Dentro em pouco havia pela casa um azafama, idas e vindas, arcas e cofres abertos, aguas de ourificação e perfume, como se preparassem um grande festim.

Na sua camara despia as roupas de viuvez que lhe ocultavam a beleza ainda intacta e desapertava o cilicio, que lhe magoava os flancos delicados. Um banho tépido e aromático lembrou-lhe o tempo da felicidade, em que se preparava para acolher Manassés.

Servas deligentes, umas se empregavam em cuidar-lhe do corpo maravilhoso, lavado e enxuto, outras em ungi-lo, com unguentos preciosos. As arcas profundas e os cofres selados restituíam estôfos e essencias, joias e adornos, expostos em profusão, para a escolha. O ambiente morno saturara-se de todos os perfumes orientaes, capazes de perder todas as cabeças, frascos de alabastro, ámbulas de onix, ánforas de barro cozido, vidros fenicios; estojos de metal guardavam o megálio, o telino, o ma-

lobatro de Sedonia, o nardo da Persia, o opobálsamo, o cinamomo, o gábano, o ládano, a cassia, a mirra... Judith lembrou-se, na confusão do olfato, do apelo que todos êles lhe faziam á memoria, do que lhes devêra, chamados alguma vez para aumentar-lhe a graça, no desejo do esposo. Manassés era levantino como os outros e gostava de ser preso á distancia: o perfume, dissera um poeta semita, é o laço invisível que atrae de longe o amante e o encaminha para os braços desejados... Olhou-os todos, como indecisa e por fim preferiu uma mistura sua, usada outrora, que ás mulheres de Betulia pusera curiosas por saber e imitar, e aos homens, indiscretos, por não lograrem aspirar de perto, indagar do proprio Manassés. E com esse oleo perfumado a aia paciente ungiu-lhe a pele doirada, lentamente, minuciosamente, dos cabelos longos aos pés miudos.

Um sorriso malicioso lhe aflorou ao labio, enquanto lhe acariciava o corpo a serva de mãos macias e untuosas: Assuéro havia de ser muito exigente, para Estér se ter de macerar um ano inteiro, em taes odores e unguentos (1)... No íntimo de seu pudor perguntou se não seria confiar demais em si, contentando-se com a unção de alguns instantes. Olhou-se então com carinhosa solicitude, tomou de um espelho de prata, mirou-se descansadamente, sorriu á pergunta que fizera, e, levemente confusa, abaixou os olhos, como se dissera tacitamente que não precisava de mais.

Depois, o esmalte das unhas, dos pés e mãos, avivadas a cí-nabrio, como os lóbulos das orelhas, as faces, o canto de dentro dos olhos, que um traço negro de carvão e resina alongara, como arqueara as sobrancelhas e fizera mais pesadas e compridas as pestanas. Os cabelos negros e profusos, como uma chuva de tinta, foram armados em penteado alto e nobre, onde as fitas que compõem a mitra se entremeiavam, semelhantes a serpentes de ouro que mergulhassem em ébano lustroso.

Olhou então para os adereços que havia de levar. Não bastava êla só? Considerou que o fausto é a moldura do amor no Oriente. O assirio era ainda mais do levante e mais bárbaro. Mas custou a decidir-se (2)... Eran colares e gargantilhas, de

(1) *Ut sex mensibus oleo ungerentur myrrino, et aliis sex quibus dampnientis et aromatis uterentur.* ESTER II, 12.

(2) Isaias-XV-25.

pérolas e amoras de oiro, ponteadas de prata; pulseiras e braceletes; aros para os tornozelos; cadeias para os pés; ligas para as pernas; cintos esmaltados de gemas raras, nos quaes todo o luxo e elegancia da oriental se requinta, porque dos ornatos femininos é o primeiro que o amor desenlaça e desusa na maternidade. Jeremias ⁽¹⁾ não dissera que Deus não esquece o seu povo, como uma mulher não esquece o seu *quissur*? Isaias ⁽²⁾ não anunciara, como um castigo tremendo, que as filhas de Jerusalem seriam privadas dos seus cintos? ... Eram aneis, arrecadas, pedras gravadas dos colchetes que fecham as túnicas, cheiradoresinhos que levam aromas, serpentinhas, luêtas, pingentes de pedras preciosas que caem sobre a fronte, barreiras ou diademas que a alteiam regiamente, os garavins ou tramas de fio de oiro, engastados de diamantes e pequenos discos redondos, rebrilhantes como soes, que abrigam o cabelo no penteado...

Depois, os vestidos de reserva e de cerimonia ou de festa, as túnicas, os paliolos, os mantos, os véus, as charpas, os volantes, as coifas de renda, os lenços e listões bordados, de varios matizes, pintados a agulha em Nínive, de linho fino de Egipto, de lã macia de Mileto, tintos de púrpura na Fenicia... Finalmente, as sandálias, de pele branda, entretecida de oiro e pedrarias...

Uma mulher nobre, de gosto, podia bem privar-se de adornos somenos, se um colar de pérolas, um cinto de gala, alguns aneis preciosos e umas sandalias magnificas, bastavam para lhe realçar a beleza. E o que desdenhou para si, para captar os bárbaros, mandou adereçar na aia que a devia acompanhar, e conduzir, num sacco de oiro, as provisões e as roupas para esses cinco dias.

IV

Quando, na hora marcada, diante dos chefes e sacerdotes, á porta da cidade, êla apareceu, houve uma admiração geral. Nos olhos senis fuzilou um relâmpago de pasmo e cubiça. As bocas decerradas diziam mais que qualquer louvor á maravilha que contemplavam ⁽³⁾. Esqueceu-lhes por um momento a sorte de Be-

(1) Jeremias-II, 32.

(2) Isaias-III, 20.

(3) Judith-V, 7.

tulia e o egoísmo duro de velhos distraiu-se do proprio interesse.

—Como se deixava partir assim, para o inimigo, o tesouro de mais preço que possuia Israel?

E o despeito ralou aqueles anciãos, levitas e chefes, com o resto de ciumes que lhes ficara da mocidade. O menos velho deles, Achab, murmurou ao ouvido de Sedecías:

—Os assirios, ao vê-la chegar no campamento, nos vão desprezar ainda mais... Não de pensar que em Betulia não houve um homem, capaz de prendê-la.

O outro cofiou a vasta barba branca e sacudiu a cabeça, quasi com raiva:

—E de facto, êla que agora se oferece aos gentios, nos desdenhou a todos. Nestes tres anos e meio ninguem logrou substituir Manassés ⁽¹⁾...

Zachêu, num outro grupo, talvez porque fôsse mais velho, disse para Gotoniel:

—A fúria dos inimigos vai crescer contra nós, para nos acabar mais depressa: julgarão por ela, todas as mulheres de Israel.

Mas essas oposições débeis, não tomaram corpo. A voz de Judith, depois do silencio que a admiração impuzera a todos, falou comovida, dirigindo-se ao principe de Judá:

—Vou atravessar a porta com a minha aia. Nestes cinco dias rezai para que Deus se condôa de nós. Depois, num pudor secreto, a voz lhe tremeu abafada, para acrescentar: — Não quero que se pergunte o que fui fazer. E insistiu: — Rezai por mim.

Pela porta entreaberta os dois vultos, á luz dos archotes, transpuzeram o batente e se acharam no campo.

Dentro de alguns instantes toda a cidade sabia da partida de Judith; os sacerdotes e anciãos não diziam ao que fôra; mas se adivinhava: ora, uma mulher moça, formosa, sem defesa...

Foi dado o sinal para o comêço das preces públicas, que iam durar cinco dias; mas nas imprecações e nas litanias ninguem se esqueceu dela um instante. Pensamentos sacrílegos, maldosos, irónicos, crédulos, confiantes, abnegados... todas as fézes, toda a essencia do coração, a um tempo impuro e santo dos homens, acompanhavam Judith.

(1) Id.—VIII, 4; XV, 11; XVI, 26.

V

Na noite fechada, Judith e sua serva começaram a descer as encostas que vão dar em Dotáin, ao encontro das avançadas do inimigo. Ao longe, de vez em quando, perdidos pelo vale, como vagalumes na treva, viam os fogos do campo de Holofernes.

Pela manhã, nas primeiras claridades da madrugada, foram detidas por exploradores assirios. Que faziam nesse andar? A judia disse quem era; vinha de Betulia e ia em busca do príncipe Holofernes; abandonava os hebreus que não queriam capitular para merecer a graça dos vencedores, e entretanto, já sem provisões de boca, ofendiam ao Senhor, comendo coisas impuras. Ia ensinar ao general como acabar com esse povo obstinado, sem a perda de um só homem.

As sentinelas a ouviam, já sem atender ao sentido das palavras, empregados nela os sentidos extáticos⁽¹⁾. E consigo deploravam que ela viesse falar ao chefe e trouxesse propositos de tanto valor para a sorte da guerra. Conduziram-na e a serva, através de atalhos, por entre as barracas do acampamento ainda adormecido, até ao pavilhão de Holofernes.

Quando foi possível falar-lhe e o capitão consentiu em recebê-la, já a judia estava cercada por uma multidão de officiaes, curiosos e admirados, que procuravam achar graça nos seus olhos, abaixados, tímidos e discretos, como convinha a uma prisioneira.

As cortinas da tenda se abriram e o príncipe apresentou-se, sentado á levantina, no seu leito, que um mosquiteiro de tela diáfana, broslado dn pedrarias, dissimulava e protegia. O espanto e a admiração logo seguidos do prazer de uma prêsa rica e magnifica, passaram no rosto do barbaro⁽²⁾. Logo o olhar se lhe quebrou lascivo, nessa rendição tácita que o desejo impõe primeiro aos homens. Examinou-a: os cabelos lustrosos e pesados, que esmaltavam as fitas e as gemas da mitra; o rosto sério e resplendente que a ternura e o prazer haviam de tornar, sem duvi-

(1) *Et cum audissent vtrius illi verba ejus, considerabant faciem ejus, et erat in oculis eorum stupor, quoniam pulcritudinem ejus mirabantur sumis.* JUDITH, X, 14.

(2) *Cunq̄ue intrasset ante faciem ejus, statim captus est in suis oculis Holofernes.* Id. X, 17.

da, jocoso e meigo, num contraste delicioso; o pescoço torneado, como uma torre de marfim antigo, cor de mel doirado; o tumulto do colo, entrevisto nas pregas moles da túnica, afrontado do caminho e da comoção; o cinto maravilhoso de pedrarias e de ouro, que lhe abraçava os flancos e onde a hebréa puzera toda a sua arte de seducção. A túnica lhe escorregava sem pressa, dos quadris redondos e descia quasi aos pés, não sem deixar espaço para que eles fossem vistos, pequenos, roliços, afogados pelas sandálias bordadas de pedras preciosas e esmaltes raros: o oriental ficou com a vista atada⁽¹⁾ a esse mimo de pés, joias de um escrínio tão rico, com que ela calcava o olhar deslumbrado dos homens e a poeira ingrata do chão. Depois de um exame mudo e lento, a cara larga do assirio rejubilou, mostrando através da vasta barba trançada, pelos labios entreabertos, a dentuça branca e forte de animal de prêsa. Fez sinal para que ela falasse.

A judia ia se prostrando ao chão, em reverencia, quando o chefe ordenou que a levantassem os guardas. Disse-lhe então quem era, porque abandonara Betulia, punida pela cólera divina, e ainda empenhada num sacrificio passivo e inutil, em vez de render-se para alcançar a misericórdia dos conquistadores. Nabucodonosor, rei da terra e o mais poderoso dos homens, seria o castigador das impiedades de Israel, pelo braço possante de Holofernes. Levantou os olhos e encarou-o⁽²⁾.

— Os homens te servem e até os animaes te obedecem; tua prudencia é celebrada no mundo e teu reinado forte e generoso é exaltado entre as provincias que conquistaste. Eu sei disso, e para não ter a sorte dos máus hebreus, e para vingar a Deus, ofendido por eles, venho a ti, para te ensinar os seus segredos, com que os dominarás em poucos dias, sem a perda de uma só das preciosas vidas que te foram confiadas.

A lisonja, para tanto orgulho e arrogancia, pareceu sinceridade; o desprezo aos estrangeiros e a certeza da victoria próxima, reafirmada pela prisioneira, confirmaram-lha numa fé sem vacillação. Já de antes, porém, Holofernes estava disposto a confiar nela: crer vem de querer. E o assirio desde o primeiro olhar⁽³⁾, que precedera as palavras, já a queria. Quando ela terminou, e

(1) *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus . . .* JUDITH, XVI, 11.

(2) JUDITH, XI, 5, 6, 10, 11; X, 13.

(3) JUDITH, X 17.

o rosto do chefe rejubilou-se de novo, a mesma impressão se via nas fisionomias dos officiaes que enchiam o pavilhão. Uns para os outros diziam: — Não haverá no mundo uma mulher semelhante, na attitude, na graça, no juizo⁽¹⁾.

Os argumentos procedem sempre, quando procedem de uma bôca bonita. A beleza sempre teve razão dos homens. Por isso, esses bárbaros, cuja disciplina era entretanto uma segunda natureza, talvez mais forte que a outra, deixaram a tenda com uma ponta de inveja ao chefe; mas saíram confiados, risonhos, senão contentes, porque a formosura alegre e encanta, ainda extranha e inacessível. E naqueles dias a imagem da hebréa sorriu nos sonhos acordados de um exercito inteiro.

VI

Pois que a tinha ali, sua, Holofernes não abusou do seu poder; saberia esperar que ela se dêsse. O amor no Oriente é violento, mas não é bruto: o desejo não desespera contra a paciencia, porque ela o cria forte e mais belo, para o premio da posse. Holofernes esperou.

A' judia foi destinado um pavilhão junto ao do principe, onde estavam os seus tesouros, e ela estaria em liberdade com a sua aia; consentiu-lhes o chefe que comessem das provisões que trouxeram, que fossem e viessem através do acampamento, ás fontes, para as suas abluções, que rezassem a sós no campo ao seu Deus.

Mas os dias e as noites passavam... Holofernes já não dormia, não pensava mais em Betulia, que não se rendia, e só em Judith, que não se entregava. Ao quarto dia mandou-lhe um emissario e um convite, para uma ceia no seu pavilhão e uma noite de nupcias. O bárbaro temia uma esquivança no momento, e era do character dos assirios⁽²⁾ nem das mulheres soffrerem recusa. Vágao, com bôas maneiras, ia convencê-la de uma e outra condescendencia, quando a hebréa, que esperava esse instante, exclamou:

(1) *Non est talis mulier super terram, in aspectu, in pulcritudine et in verborum.* JUDITH, XI, 19,

(2) *Foedum est enim aperd Assyrios, si femina irrideat virum, agendo ut immnis ab so transeat.* JUDITH, XII, 11.

— Quem sou eu para contrariar o meu senhor? O que lhe agradar será o meu agrado, o maior prazer da minha vida.

Levantou-se, chamou sua aia, e começou a vestir-se, e a se adornar, para aparecer ainda mais fôrmosa.

O coração de Holofernes bateu rijo dentro do peito⁽¹⁾, quando o eunuco trouxe as palavras de resposta á embaixada. A mēsa se armou no pavilhão, por encanto apareceram flores e iguarias, vinhos e baixelas lavradas, brandões accesos, divans, musicos e convivas, para, num grande festim, celebrarem-se os esponsaes do principe.

— Bebe e come alegremente, disse-lhe elle, de olhos deperdurados, porque achaste graça na minha vista.

Judith, como vencida, respondeu-lhe, em palavras que a comção entresachava de pausas⁽²⁾:

— Eu o farei, senhor, porque neste dia me acho glorificada, mais do que todo o resto da minha vida.

O bárbaro contentou-se ruidosamente, riu e cantou, e mandou servir aos convivas os seus vinhos mais capitosos. As endeixas e os canticos, amorosos e heroicos, todos os poemas de amor e de sangue do Oriente, ao som das cитарas, foram entoados por aquelas gargantas avinhadas. Quando o silencio espaçava uma pausa no vozerio, Holofernes esperava ter um momento de atenção da bela judia e lhe entornava a ternura liquida dos olhos negros, ou se aproximava mais do seu divan. Judith pedia ainda uma canção, outra, mais outra. E o vinho corria, como as melopéas das cantigas, do amor e da morte.

Os escravos foram conduzindo os embriagados. Vágao, o eunuco que vigiava sobre os prazeres do principe, conduzido o ultimo, despediu os serviçaes, e, discreto, foi se tambem, cerrando a porta. Holofernes cantava ainda e bebia sempre.

Judith ordenou á aia que estivesse atenta, do lado de fóra, e ficou a sós com o bárbaro. Ia cumprir-se o sacrificio: a mão trémula apalpou na cinta o cabo de um punhal. Tonto de desejo e de vinho, o assirio pesadamente levantou-se do leito, para prendê-la nos braços... Mas a embriaguez, mais forte do que o

(1) JUDITH, XII, 13, 14, 15.

(2) *Cor autem Holofernus concussus est: erat enim ardens in concupiscentia ejus.* JUDITH, XII, 16.

(3) *Et dixit Judith: Bebam, domine, quontam magnificata est anima mea hodie præ omnibus diebus meis.* Ed., XII, 18.

amor, atou-lhe os movimentos incertos e dubios, fê-lo tropeçar e cair de novo sobre o leito. E aí, numa posição contrafeita, congesto, roncou forte, porém vencido, á discricção de uma fragil mulher.

Judith, que encomendara a alma a Deus, na luta que ia travar para se defender, para salvar Israel, esperou repôr-se na calma, e acertar numa decisão perfeita. Puxou da cinta o punhal, debaixo do manto, inclinou-se para agarrar os cabelos do bárbaro e com dois goipes firmes, no pescoço, nos quaes puzera toda a sua força e a sua terrível audacia, tirou-lhe a vida, e depois a cabeça do tronco. A um movimento de repulsa, o corpo decepada rolou sobre o tapete da câmara.

Olhou em torno, despregou o cortinado do leito para levá-lo por testemunho; chamou a aia e na sacola de coiro deu-lhe a cabeça a guardar. Compuseram-se, apagaram as tochas fuliginosas e saíram ao campo, como para rezar e fazer as abluções costumadas. As sentinelas deixaram-nas passar, como nos outros dias. E feita a volta do vale, subida a encesta da montanha, pela madrugada, bateram á porta de Betulia.

— Deus não nos abandonou! Chamai o povo, pequenos e grandes, para verem o milagre!

E diante da cidade expectante, tirou do sacco de coiro o troféo sanguinolento.

— Aqui está a cabeça de Holofernes, príncipe das milicias assirias, destruidor de cidades e de imperios... Aqui está o seu cortinado, dentro do qual jazia ébrio, de onde por mandado de Deus a minha fraca mão puniu-o com a morte⁽¹⁾.

Antes que voltados do espanto, algum pensamento mau a ultrajasse, numa suspeita, acrescentou:

— Juro pelo Senhor que a sua guarda não me abandonou ao partir, ao permanecer entre os inimigos, ao volver ao meu povo. Juro que Ele não permitiu fosse a sua serva desonrada... e, sem mácula de pecado, me restitue a vós, para a celebração da nossa victoria. Louvai a Deus; rendei-lhe graças pela sua misericordia!

Aos chefes ordenou então que suspendessem, do lado de fóra dos muros, bem á vista, a cabeça do monstro. Preparassem as tropas para uma sortida, antes que os assirios dessem fé da perda que sofreram. Quando, agredidos, viessem a conhecê-la, tomálos-ia o horror dos inimigos, e a derrota seria completa.

(1) JUDITH, XIII, 18, 19, 20.

VII

Assim foi. A investida inopinada dos judeus tomou os sitiantes de surpresa, no acampamento meio adormecido. Dado o rebate, faltava o chefe. Vagao temeu-se de o despertar, numa manhã de nupcias. Por fim, urgido pela necessidade, ousou. O corpo de Holofernes lhe embargou os passos, antes de se aproximar do leito. Correu ao pavilhão de Judith, e achou-o vazio. Clamou então a traição, o príncipe morto, as hostes dos assírios sem comando.

Uma voz só, rápida, propagou-se ás tropas: o inimigo conseguira matar o chefe, e agora animado, caia sobre os seus soldados para desbaratá-los. Faltou-lhes a confiança. Vacilaram. Veiu o medo, um medo panico, de tanta força misteriosa e tão maravilhosa ousadia, e o grande exercito recuou, disperso em debandada, numa fuga espavorida. Ficaram no campo refens, gados, tesouros, das provincias e reinos conquistados: trinta dias levaria Israel só para recolher esses imensos despojos⁽¹⁾.

A alegria da salvação e a posse de riquezas sem conta encheram naqueles dias as ruas ds Betulia de uma loucura alegre e festiva. Hosana! Hosana! Foram mandados avisos ás outras cidades de Israel, e Joacim, o sumo sacerdote de Jerusalem, veiu, com todos os anciãos, vêr a heroína da sua raça, do povo eleito do Senhor, cujo coração forte, cuja mão delicada, salvara a terra, a gonte, a fé, contra um inumeravel e invencivel exercito de gentios... Nenhuma gloria humana, naqueles dias, em Israel, foi mais alta e maior do que a de Judith.

VIII

A vida quotidiana readquiria, porém, a sua mesquinha placidez. Judith despira os vestidos de festa e as joias de preço, que foram para as arcas profundas e os cofres scelados; retomara o dó de viuva, o cilicio, os jejuns, a modestia e o retraimento da sua camara, agora que só lhe restava o cuidado de Deus, pois não havia mais pobres em Betulia.

Mas havia murmuradores. Queriam saber como fôra. Indaga-

(1) JUDITH, XV, 13.

vam das criadas, tenfaram corromper a aia com dádivas e agradamentos, para a indiscreção ou o testemunho. Os olhos maliciosos riam' quando a boca não comentava, numa injuria. Já não a chamavam a viuva de Manassés . . .

Um dia, na praça reunia-se o povo para atribuir aos chefes, aos sacerdotes, aos anciãos, o melhor das presas, o tesouro de guerra dos barbaros, achado entre os despojos que a soldadesca saqueara. Dons magnificos tocaram a todos, sem esquecer um só. Quando chegou a ves das alfaias e joias e objectos de uso⁽¹⁾ do chefe, apesar da cobiça dos velhos e da ambição de partilha da populaça, uma scentelha de malicia brilhou nos olhos da multidão, que um sentimento só dominava, e daquela bocas todas irrompeu a resposta que Osias pedira: a quem deve caber a herança do principe dos assirios?

— A' viuva de Holofernes!

E a multidão inteira riu, como se tivera uma só boca, num escarneo infinito.

No silencio da sua camara chegara o insulto: Judith sentiu saltarem-lhe as lagrimas, de revolta e de dôr. E arrependeu-se, no fundo do coração, como se arrependem sempre os que servem ao povo. Talvez que o soldado assirio, a quem coubesse por sorte, no dia da ruina de Betulia, lhe fosse mais respeitoso . . .

AFRANIO PEIXOTO
(Da Academia Brasileira)

(1) JUDITH, XV, 14.

PÁGINA DO NATAL

БУДУЩЕ ДО ИДУЩЕ

A Anunciação ⁽¹⁾

Entrando pois o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve cheia de graça: o Senhor é contigo: Benta és tu entre as mulheres. Ela, como o ouviu, turbou-se no seu falar e discorria pensativa que saudação seria esta

S. LUCAS V. V. 28 E 29.

*Surgiu languidamente a madrugada:
Luz carminada do virgíneo pejo,
De virgem recém-casada
Que dá o primeiro beijo...*

*E nêsse dia, como nos mais dias,
Acordaram, do sono, a aquela hora
A cantar as cotovias
E a rezar Nossa Senhora...*

*E logo que rezou sentou-se á porta
A dobar linho e a cantar tambem,
Cantar ás vezes conforta
As penas que a vida tem...*

*E o fino linho de alvejante brilho,
Emquanto a roda leve rodopia,
Vai passando do argadilho
A's mãos da Virgem Maria...*

(¹) Dum livro em preparação = *Alba Plena* = (Vida de Nossa Senhora).

*Um véu de fumo paira, ondeante e brando,
Por sôbre as casas, vinhas, olivais...
E vai-se lento espalhando,
Delindo, delindo mais...*

*De âmfora ao ombro, para a fonte, passa
Uma mulher de andar airoso e lindo,
Das côrtes vão para o monte
Longos rebanhos balindo...*

*A' frente de um, vem o pastor Nathan
Com uma vara de amendoeira em flor
E diz: Que linda manhã...
Louvado seja o Senhor!*

*Mas tu, Maria, ainda mais linda és
Diz o velho pastor, passando á beira,
E ao passar, depôs-lhe aos pés
O ramo de amendoeira...*

*Que formosa manhã, que lindo dia!
Torna a dizer Acaz, outro pastor.
Volve-lhe a Virgem Maria:
Louvado seja o Senhor!*

*E a voz cantante e límpida de Acaz
De pronto e sorridente respondeu:
Louvada também serás
Em toda a terra e no Céu!...*

*E vendo que no lar já não havia
Nem luz de chama, nem fulgir de braza,
Então a Virgem Maria
Foi para dentro de casa.*

*E enquanto sopra ao lume, vê acêsa
Em vez da lenha, uma alumbrante estrêla...
Volta se a Virgem surpresa
E vê um anjo ao pé dela!*

*Os seus cabelos eram sol desfiado,
Eram seus olhos opalinos céus,
No sorriso iluminado
Ardia o verbo de Deus!*

*E rezou docemente : Avè Maria,
Cheia de graça ! O Senhor é contigo.
Nossa Senhora tremia
Como a folhinha do trigo*

*A' brisa, quando o anjo continuando
Disse : Bendita és tu entre as mulheres!
E ajuntou em tom mais brando :
Não receies por me veres...*

*Eu sou o mensageiro do Senhor
E alegre novidade o céu te envia.
Olhou te Deus com amor,
Vais ter um filho, Maria!*

*E hade subir a um trono resplendente
E o reino que hade ter não terá fim!
Responde a Virgem tremente
E mais alva que o marfim :*

*Como é que em minha carne virginal
Tão cândido milagre se gerou,
Estando eu como um cristal
Em que nem o sol entrou?...*

Cobriu-te Deus com sua sombra amada
— Sombra que encerra toda a luz dos céus —
Por isso estás fecundada,
Teu filho é filho de Deus!

E erguendo os olhos puros e sidérios
Torna-lhe a Virgem numa voz que tem
A harmonia dos psaltérios
No templo em Jerusalem:

Faça-se em mim conforme o que disseste,
Eu sou a humilde escrava do Senhor.
E o mensageiro celeste,
Como um perfume de flor,

Sumiu-se, diluiu-se, voou...
Não ha frinchas nos muros, nem no chão...
Pela porta não passou...
E por cima tambem não...



Desenho de ANTONIO CARNEIRO

A Visitação

*E' chegado o momento de compor,
Na minha amada língua portuguesa
A página mais linda e a maior
Que a Bíblia tem e que a Igreja reza.*

*Se fôra o sol um favo tenro e flavo
E a sua luz resplandecente fôsse
O que é, para os alvéolos dum favo,
O mel doirado, perfumado e doce...*

*Se fôra o sol assim e eu o pudesse
Abranger e suster na minha mão,
Expemê-lo-hia brandamente e dêsse
Claro sumo, dessa luz então*

*Faria a tinta com que escreveria
No mais alto lugar dos altos céus
As palavras de glória que Maria
Em pé, sôbre a montanha, ergueu a Deus.*

*Como não posso, vou balbuciá-las
(Que a mais não chega a minha inspiração)
E quem mas queira ouvir, queira escuta-las
— Não tenha ouvidos, tenha coração...*

*Mas antes, muito ao de leve,
— Pena a fugir no papel —
Farei um resumo breve*

*Da visita encantadora
Que á sua prima Izabel
Foi fazer Nossa Senhora :*

*Lá distante, lá em cima,
Nas montanhas de Judá
A Virgem tinha uma prima ;*

*E numa branca jumenta,
Nossa Senhora foi lá
A casa dessa parenta ;*

*Foi lá a Virgem Maria
Numa apressada anciedade
Dizer-lhe a sua alegria ;*

*Ora essa prima também,
Apesar da longa idade,
Estava para ser mãe ;*

*Por divina intercessão
O seu ventre concebêra,
Trazia lá San João...*

*Mal a Virgem se avizinha
Santa Izabel (que assim era
O nome dessa vèlhinha)*

*Sentiu milagrosamente
O filho que em si trazia
A dar saltos de contente!*

*E enlevada na surpresa
De ver a Virgem Maria
Desce-a e beija-a e põe-lhe a mesa;*

*E á burrinha em que a Sênhora
Fizera a larga jornada
Leva-a para a mangedoura;*

*E adorna a casa de flores
E rende á Virgem sagrada
Sagrados e altos louvores ;*

*E a seus pés exclama entre
Lagrimas com que lhos banha :
Bento é o fruto do teu ventre !*

*Benta és tu entre as mulheres !
Bem hajas porque á montanha
Subiste e por me trazeres*

*A doce felicidade
De contemplar, ao sol pôr
Da minha avançada idade*

A que é Mãe do meu Senhor!

*E a Virgem, Mãe de Deus ergueu-se então
E disse este hino eterno, esta oração :*

*A minha alma engrandece,
Glorifica o Senhor !...*

*E todo o meu espirito estremece
E crepita e exulta e resplandece
Em Deus, meu Salvador !...*

*Beijo de orvalho na folhinha de herva,
Baixou Deus da vertigem do infinito
Por sobre mim, sua humilhada serva,
A eterna luz do seu olhar bendito...*

*E fiquei para sempre iluminada
Nesse piedoso e límpido clarão !
E hão de chamar-me bem aventurada
Sempre! de geração em geração...*

*O seu nome é sagrado :
E o seu poder que nunca tera fim
(Por ter em mim poisado)
Não vistas maravilhas fez em mim !*

*E aos que o temem e a quem dêle implora
Misericórdia e protecção clemente,
Deus encaminhá-os — pela vida fóra
E sempre, eternamente...*

*Manifestou a força do seu braço :
E aos vãos, aos de orgulhoso pensamento
Desfê-los como a poeira pelo espaço
No turbilhão do vento...*

*Derruiu tronos e reis — pô-los de rastros...
E aos humildes ergueu-os para os astros!*

*Deixou os ricos sem riqueza e nome
— E encheu de bens os que sentiam fome!*

*Com desvelado e carinhoso amor,
Protegeu Israel, seu servidor,*

*Marcou-lhe os firmes passos com sinais
De benções e clemência,
Conforme prometêra a nossos pais
A Abrahão e a toda sua descendência...*

*E eis que será perpetuamente assim
Nos séculos dos séculos sem fim!...*

AUGUSTO GIL.

O museu nacional de arte antiga, de Lisboa

I

Um curiosissimo documento extractado, ha dezenas de anos, pelo illustre erudito que foi o Visconde de Juromenha, para uma revista da especialidade e n'ella esquecido, sendo mais um valioso subsidio para o balanço da nossa passada riqueza artistica, diz-nos tambem e melhor do que qualquer outro documento o que poderia ser hoje o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, sem esses dois grandes flagelos que foram o terramoto de 1755 e a invasão franceza (1). A devastação soffrida pelo paiz n'esses dois cataclismos foi de tal ordem que, dos setenta quadros originaes mandados de Paris a D. João V, de 1725 a 1727, conjuntamente com «todas as gravuras dos mais distinctos auctores», reunidas em 106 volumes grand-in-folio, cujas encadernações importaram por si só em 8:480 francos, restam hoje, que eu saiba, apenas dois, e isso mesmo no caso de se identificar com o

(1) A lista dos flagelos é maior, mas nós apontamos especialmente estes dois por serem os que mais contribuíram para o aniquilamento dos tesouros guardados nos Palacios Regios e, sobretudo, dos que estavam nos Paços da Ribeira, Casa da India e armaria d'el-rei onde, em 1571, alem de centenas de peças de artilharia e cossoletes, lanças, morriões e arcabuzes para cincoenta mil homens, havia ainda «trinta mil armaduras inteiras para cavalaria»!

Os outros cataclismos foram os diferentes terramotos, todos, ainda os mais violentos, de efeitos menos desastrosos que o de 1755, o desastre de Alcaccer-Quibir, o dominio hespanhol, o Santo Officio, a extinção das ordens religiosas e, mais modernamente, o bric-à-braquismo.

«painel representando uma mulher ao reflexo de uma lux», de Schalken, a pintura representando «a feiticeira de Endor», do museu a meu cargo. Dos demais painéis, em numero de duzentos, que constituíam a galeria de um dos mais altos funcionarios franceses da época, o conselheiro de Estado e Presidente do Tribunal de Contas, Mr. Fraula, galeria organizada durante 40 anos e que, pelo mesmo commissario de D. João V em Paris, o governador Mariette, foram oferecidos a este monarca, nada concluiremos por não haver a certeza de que tivessem sido adquiridos, se bem que seja improvavel que D. João V, faustoso e pródigo em materia de arte, não tivesse realizado essa compra. Com esses setenta quadros em que, ao lado de outros mestres valiosos, figuravam obras de Rembrant, Van Dick, Rubens ⁽¹⁾ e Gerar Dow, perdeu-se então muito do que constituia os nossos tesouros de arte da Renascença que, na sua política de atracção, parecem ter sido respeitadas por Filipe II ⁽²⁾. O terramoto levou para a voragem do rio ou do fogo o recheio maravilhoso do Paço da Ribeira e o da Casa da India, em que os objectos de ourivesaria se deviam acumular entre as decorações de Nuno Gonçalves e as dos outros pintores

(1) O pequeno quadro representando «A Virgem com o menino e Santos», actualmente no Paço da Ajuda, é, não ha duvida, um dos que fazia parte d'esta remessa, tão precisas são n'este ponto as indicações do documento extractado pelo Visconde de Juromenha. E este quadrinho é indiscutivelmente obra de Rubens, não tendo razão de ser as duvidas de que Mariette se faz echo. Conhecemos outros identicos e, entre elles, o do museu do Prado e o do Kaiser-Friedrich-Museum, mas todos são replicas do nosso que é, sem contestação possivel, o modelo original do grande retabulo do altar-mór d'Anvers.

(2) Contra o que é ainda corrente, Filipe II não só não ordenou o saque de Lisboa, mas até o procurou evitar. As suas ordens ao Duque de Alba n'este ponto são terminantes. E apesar de não poder haver duvida de que a armadura de El-rei D. Sebastião, actualmente na «Armeria Real», de Madrid, onde é uma das peças de honra, foi, como já provamos, para Hespanha posteriormente á morte da princesa D. Joana e, certamente, durante o periodo da occupação hespanhola, época em que tambem decerto foi para ali o livro de Francisco de Holanda e ainda as tapeçarias (reposteiros) encomendadas pelo Infante D. Fernando a Damião de Goes, que ha anos descobrimos no paiz visinho, parece-nos comtudo poder-se afirmar que Filipe II, que tanto procurou aumentar as suas coleções de arte á custa das Flandres, não fez o mesmo em Portugal. Nem isso se harmonisaria de resto com a sua atitude para com Portugal e os portugêses, que procurou sempre captar por todas as formas, nem, se assim não fôsse, se acharia explicação facil para a tão escassa existencia de objectos de origem portugêsa nas coleções regias hespanholas.

regios primitivos. E com tudo isto, que tinha sido acumulado em seculo e meio da mais prodigiosa riqueza e que bastava para fazer de Lisboa o mais espantoso tesouro artistico do mundo, desapareceram tambem, com os seus edificios magestosos, os recheios da Patriarchial e do Tribunal da Relação, decorado por todo um grupo de pintores admiráveis do nosso cincoento, e os das Igrejas, Misericordia, os melhores palacios dos nobres e outras habitações, ainda talvez mais senhoriaes, dos grandes burgueses, especialmente as que constituíam a famosa Rua Nova e que eram os verdadeiros interpostos das inumeráveis riquezas que, por Lisboa, passavam, vindas da India e do Brazil. De parte do que se perdeu pouco de preciso sabemos porque, com as obras de arte, foram-se tambem a maioria dos arquivos. De outra parte, porem, chegaram até nós, ou inventarios precisos ou notas como as que, sobre o recheio do Palacio Ducal de Villa Viçosa, transportado para o Paço da Ribeira no seculo xvii e ahi perdido tambem em 1755, escreveu o italiano João Baptista Venturino. No relato da viagem do Cardeal Alexandrino, esse companheiro do Legado de Pio V, registou, ainda que por alto, o fausto da decoração mobiliaria d'esse Palacio, como outros documentos, uns publicados outros ineditos, nos dizem o que foi a riqueza do nosso arsenal de guerra, com as armaduras, relevadas, cinzeladas e tauxiadas de oiro, dos nossos capitães e fronteiriços e a magnificencia de certos interiores, como o da Casa Cadaval no seculo xvii, cuja Biblioteca se impunha não só pela qualidade dos livros mas ainda pela das obras de arte, que com êles, a enchiam e em que, entre outras pinturas, havia um retrato do cronista João de Barros.

Pois apesar de tudo isso e da maneira desastrosa como se liquidaram os bens das ordens religiosas, extinctas em 1833, e ainda do muito que o bric-à-braquismo tem, desde há dezenas de anos para cá, levado para fóra do paiz e cuja importância se avalia verificando o que, até hoje, tem transposto a fronteira do que esteve em 1882, no Palacio das Janelas Verdes, Portugal tem ainda presentemente um recheio de arte valiosissimo, e tão valioso que permite fazerem-se, frequentemente, no fundo das velhas provincias e em plena Lisboa, achados que só se julgavam possíveis em paizes mais cuidadosos com o seu patrimonio de arte, como a Italia, ou em regiões mais ignoradas e de difficil accesso, como certas terras de Hespanha. E é ainda a enormidade d'essa riqueza, que, no começo do seculo xviii, trasbordou



PEQUENA SALA DE PINTORES FLAMENGOS
E HOLANDESES DO SECULO XVII

(Quadros de Rubens, Gerard Dow, Steen, Teniers,
Van der Neer, Van Ostade, etc.)

largamente para o Brazil, a quando da mudança da côrte para o Rio de Janeiro (1), que explica como, apesar de todos os erros e faltas cometidas ainda em épocas recentes (2), se pôde constituir um núcleo com a importância do Museu Nacional de Arte Antiga e outros de Lisboa e da provincia.

*
*
*

Se bem que aberto ao público em 12 de Junho de 1884, no Palacio das Janelas Verdes, o museu existia já, embora mal acomodado e sem edificio proprio, desde 1833, pois desde que, n'esse ano, foram extinctas as ordens religiosas, começou-se, ainda que com pouquissimo cuidado e criterio, a recolher dos conventos de frades o que se supunha ter valôr artistico. O recheio dos conventos de freiras só foi arrecadado mais tarde e a par e passo que, nas respectivas casas, ia falecendo a última monja. Creadas, em 1833, as Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto foi aquelle espolio artistico entregue á primeira d'estas Academias, surgindo então a ideia de uma galeria nacional que, por varios motivos, só em 1869 se veio a instaurar, publicando então o Marquez de Souza Holstein o primeiro e provisorio catálogo de pintura (3).

(1) Das muitas riquêsas que para ali foram n'essa ocasião pouco parece restar alem do que constitue parte do actual recheio do Museu Nacional de Bellas Artes, da capital federal, e entre o que, segundo uma antiga «noticia da Academia Imperial das Bellas Artes», que possuo, devem existir obras de Velasquez, Perugino, Corregio, Veroneso, Van Dick e outros grande artistas.

(2) Com outros erros, como o de não se ter adquirido, para o museu nacional, a totalidade ou parte da coleção do Conde de Daupias, em que a arte francêsa do seculo XVIII e do começo do seculo XIX estava representada superiormente, é sobretudo lamentavel que, por morte de D. Fernando II, se não tivesse reveindicado para o paiz o muito que do espolio artistico d'este principe era propriedade da nação, e tinha sido reunido por elle na ideia da constituição de um grande museu de arte nacional. Por imprevidencia do governo e desconhecimento dos herdeiros, vendeu-se assim então em hasta publica e sahiu para fóra de Portugal muito do que devia estar actualmente no museu de Lisboa.

(3) Embora este catalogo, que tem a data de 1868, seja considerado como o primeiro, visto o de 1872, que se lhe seguiu, ter a rubrica de 2.ª edição, não o é de facto, pois já em 1862 sahira outro, que é rarissimo, por logo após a sua apparição ter sido retirado do mercado. Posteriormente, em 1883 e 1889, publicaram-se mais dois.

N'esta data, já o primitivo núcleo, constituído por quadros e uma ou outra obra de arte decorativa provenientes dos extinctos conventos, estava bastante aumentado. A primitiva coleção, acrescentam as aquisições feitas em 1859, no espolio da Rainha D. Carlota Joaquina, e se esse espolio não era a maravilha louvada exageradamente pelo *Panorama*, não era também tão insignificante como nos mostra Raczinski, em uma das suas cartas. D'êle procedem dois admiráveis Peredas, um dos mais notáveis Luca Giordanos que se conhecem, duas excelentes marinhas de Vernet e, entre outros quadros dignos de uma galeria de primeira ordem, dois belos retratos da Escola Hespanhola que, a meu ver, devem ser dados, respectivamente, a Mazo e a Pereda, sendo, n'este caso, este último de valôr excepcional por ser o único retrato conhecido do grande artista da escola de Madrid. De 1865 a 1867, com sessenta e cinco contos que, durante esse período, o Rei D. Fernando cedeu, da sua dotação, para aquisição de obras de arte, fizeram-se mais compras, entrando então no museu, entre outros quadros, um lindo painelsinho da primeira maneira de Rafael Sanzie e obras de Moro, Teniers e de outros pintores de mérito, sobretudo de holandêses e flamengos. Embora depois d'isso as aquisições não continuassem por falta de recursos, o que é certo é que esse núcleo, ainda enriquecido n'este infeliz período com algumas doações, entre as quaes cumpre destacar as importantíssimas do Conde de Carvalhido, já era bastante valioso em 1884, a quando da sua transferencia para o Palacio das Janelas Verdes. Pena foi que das coisas admiráveis que esse Palacio abrigara dois anos antes, por ocasião da Exposição de Arte Ornamental,

São todos analogos e maus sob diversos aspectos. O illustre erudito e escriptor Manuel de Macedo, recentemente fallecido, que foi conservador do museu durante muitos anos e deixou feitos os catalogos das secções de ceramica, ourivesaria e, em parte, das secções de desenhos e indumentaria, redigiu ainda um outro da secção de pintura, sobretudo com elementos fornecidos pelo actual Tesoureiro do Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa, sr. Antonio Viegas que, benedictinamente, reuniu tudo o que, nos velhos papeis da Academia e do Museu, encontrou de aproveitavel. Mas esse catalogo, que é superior aos anteriores, alem de não abranger, é claro, os quadros que deram entrada no museu a partir de 1910, está a ser inteiramente remodelado por ser apenas descriptivo e nem sempre ser de grande rigor nas attribuições. Aos catalogos de ourivesaria e ceramica, ha também a acrescentar as peças entradas no museu após essa data e a fazer as correções que forem necessarias.

tão poucas tivessem passado para o Museu. N'esse caso, esse esforço que representou um grande benefício para o melhor conhecimento da nossa riqueza artística, e a cujo êxito se deve ainda a instalação do Museu Nacional no Palacio das Janelas Verdes, para a qual concorreu tambem o então inspector Conde de Almedina, teria sido ainda de maior utilidade para o paiz, não tendo tido em tão alto grau o inconveniente que teve de, pondo o comerciante e o amator em contacto com muitas obras de arte ignoradas, tornar mais facil a sua compra e saida para o estrangeiro.

De 1884 até á reforma de 1911, que desdobrou o museu nacional de Belas Artes em dois — «Museu Nacional de Arte Antiga» e «Museu Nacional de Arte Contemporanea», agora confiado á direção acertadissima do eminente artista que é Columbano, pôde de novo voltar-se a faser aquisições graças ao legado do Visconde de Valmôr, que, por isso e pela verba que deixou para pensionistas no estrangeiro, bem merece a gratidão de todos os que em Portugal amam a arte. Bastante tarde chegava já esse legado que, apesar de importante, pois ascende a 70 contos, era de si só muito insufficiente, e tinha demais, para o efeito do enriquecimento das coleções de arte antiga, o inconveniente de, sendo só applicavel á pintura e á escultura, ser tambem comum á arte contemporanea, a que foi sobretudo applicado. Mas ainda assim e se é lamentavel que a comissão executiva da antiga Academia Real de Belas Artes tivesse deixado de fazer aquisições como a da «Santa Familia», de Durer, e a da «Virgem com o Menino», de Van der Weyden?, que lhe foram propostas posteriormente á instituição desse legado, o que não é menos certo é que foi com êle que se comprou uma parte valiosa da coleção Aragão e se adquiriram quadros como «A pintura» e o «Retrato de desconhecido», de Vieira Portuense, e inumeros desenhos, em que se destacam uma preciosa serie de Sequeiras e o «Nascimento da Virgem», de Perugino, generosamente cedido pelo seu possuidor, o benemerito professor Luciano Freire. N'esse periodo, com outras doações do snr. Conde dos Olivaes e Penha Longa, entrou tambem no museu, oferecido por este illustre colleccionador, o retrato de el-rei D. Sebastião, ultimamente mais valorizado pela revendicação que d'essa obra pudemos fazer para o pintor português quinhentista, Christovão de Moraes.

De 1911 para cá e desdobrado o primitivo museu em dois, as

coleções de arte antiga, a que se destinou todo o Palacio das Janelas Verdes, conheceram melhores dias graças ao maior subsídio concedido pelo Estado e ao interesse que o publico lhe vem votando e que se efectiva, sobretudo, com a acção importantissima e patriótica do grupo «Amigos do Museu».

A este grupo deve-se, alem de bastantes aquisições feitas com o producto das suas quotas anuaes, a oferta e deposito de quadros e outras obras de arte, cujos doadores ou depositantes, na sua quasi totalidade membros do grupo, são as senhoras D. Aurora de Macedo, D. Cleyde Keil, D. Amelia Augusta da Silveira Correia, D. Maria Forte Coelho de Sampaio e D. Fany Murró e os senhores: Guerra Junqueiro, Dr. Camilo Pessanha, Visconde de Santarem, General Jacinto Parreira, Adriano Julio Coelho, Carlos Farrôbo, Henrique de Mendonça, Conde de Santar, Dr. Francisco Falcão, Dr. Antonio da Costa Cabral, Dr. Xavier da Costa, Cesar Pires, Marquez da Fóz, Francisco Ribeiro da Cunha, Marquez de Abrantes, Dr. Alfredo Bensaude, Vasco d'Almeida Moreira, e Luís Fernandes, que deixamos propositadamente para o fim por que este illustre amator e colecionador de arte, que é o presidente da comissão executiva d'aquelle grupo, tem prestado ao museu e à sua Biblioteca excepçionaes serviços. É ainda ao grupo que se deve a reprodução, em postaes e paineis, das obras mais importantes do museu, em series, cuja publicação está apenas iniciada, como se lhe deve igualmente a iniciativa e publicação da conferencia que, ha mezes, realizou no museu o illustre Poeta e membro do grupo Dr. Afonso Lopes Vieira e as que brevemente hão-de realizar eruditos e criticos de arte nacionaes e estrangeiros como o francez Émile Bertaux e os hespanhoes Cossio, Herrero, Tormo, Domenech, Florit, etc.

A inscrição no orçamento do museu, em 1912, de uma verba anual para aquisição de obras de arte permitiu tambem que as coleções, bastante aumentadas já com a generosa cedencia do grande poeta Guerra Junqueiro e com as obras de arte recolhidas em virtude da lei da separação e da que extinguiu as congregações religiosas, tenham ido a pouco e pouco engrossando com o preenchimento de lacunas, que não poderão talvez já agora remediar-se de todo, mas que, em subsequentes anos e com o aumento indispensavel e sucessivo d'aquella verba, poderão certamente tornar-se menos evidentes. Uma e outra verba tem-nos

permittedo effectuar compras de muitas peças de ceramica, com representação de obras de valor excepcional nacionaes e estrangeiras, ao mesmo tempo que vamos enriquecendo a secção de mobiliario, pobrissima sobretudo do sec. xvii para traz. Não descurando as outras secções, como a de esculptura e indumentaria — esta com a da ourivesaria, das mais notaveis do museu — temos tido a felicidade de adquirir para a secção de pintura, obras de excepcional merecimento, como um Fragonard, Coypel, Houckgeest, Jean Breughel, van der Venne, Wouvermans, etc. A collecção de miniaturas triplicou, augmentada principalmente com obras de artistas portuguezes de grande valôr e quasi desconhecidos, dos sec. xviii e xix.

* * *

Não sei ao certo qual foi a orientação seguida pelo primeiro diretor do museu, o professor Antonio Tomaz da Fonseca após a mudança das collecções para o Palacio das Janelas Verdes, mas pelo que pude apurar essa orientação era bem melhor que a do professor Antonio José Nunes, seu successor, em 1894. Ambos pintores e sem uma educação especial, que tambem não era facil na epoca em que viveram, foi a secção de pintura, de resto então, como hoje, a mais importante, aquela que lhes mereceu especiaes atenções; mas emquanto o professor Fonseca, n'uma orientação racional, dado o numero relativamente reduzido de quadros estrangeiros, parece tel-os agrupado por epocas, o professor Nunes, ao tomar posse do museu, alterou essa disposição, para os colocar por escolas.

O resultado, é claro, foi lamentavel, por se exhibirem lado a lado quadros como a «Visão de São Francisco», de Luca Giordano, então atribuido a Ribera, e o «Othelo e Desdemona», de Muñoz Degrain. Prejudicando-se mutuamente por motivos que seria longo enumerar, cada uma d'essas telas sofria ainda da falta de ambiente proprio, tão essencial á valorisação da obra de arte e que era impossivel obter-se desde que se agrupavam obras de caracter e epoca tão diversos. Tambem Fonseca, em uma boa orientação, reduziu bastante o numero de pinturas expostas, opondo-se tenazmente á exhibição de determinados quadros, cuja colocação a vaidade e inconsciencia dos doadores não dispensava. Foi assim e bem cedo o precursor dos que, na unica solução aceitavel, defendem o principio de que a obra, quando inferior

artisticamente, deve ser eliminada dos verdadeiros museus de arte, dando-se-lhes, no caso de se impôr pelo seu valôr documental, um logar áparte e em secção separada. O criterio do director Nunes era tambem n'esse ponto diferente e tanto que, morto Fonseca, o museu das Janelas Verdes em breve se transformou em um verdadeiro deposito em que a obra de arte autentica desaparecia apagada e perdida entre banalidades ou verdadeiros horrores.

E este estado de coisas durou até 1901, ano em que, com a reorganização dos serviços de arte, a comissão executiva da extincta Academia Real de Belas Artes, com grande dificuldade e em lucta com aquele director, conseguiu modificar em parte o museu, fazendo-o voltar á organização anterior. Foi esse um grande serviço prestado pelos tres vogaes que a êle procederam, os professores José Luis Monteiro, Luciano Freire e Veloso Salgado, mas a sua tarefa, nas condições difficilimas em que foi realisada, estava longe de corresponder ao que era indispensal fazer-se, e o museu, sem recursos e sem quem por êle directamente se interessasse a valêr, continuou, apesar de assim melhorado, a ser o armazem que tinha sido até ali. As salas, embora já não fossem o verdadeiro disparate que eram antes, continuavam pejudadas de quadros e tanto mais quanto, após a retirada dos dois delegados da Academia, o director Nunes voltára a colocar-lhes parte do que por êles tinha sido deslocado. Subindo até á cimalha e sem os cuidados de conservação indispensaveis e os de modificação de temperatura que eram faceis de obter, as pinturas, alem de desvalorizadas pela sua colocação e pela falta de ambiente digno, iam ainda, dia a dia, perdendo-se com os progressos constantes da ruina que lhes trouxera, mais do que o decorrer do tempo, os maus tratos sofridos. As outras secções tambem não tinham melhor sorte e, não dignificando o paiz que as guardava, nem constituíam o prazer para a vista que deviam constituir, nem representavam, por falta de disposição metódica e escolha acertada, o elemento de ensino que deviam representar.

* * *

Foi assim que encontramos o museu ao ser-nos entregue a sua direcção em 1911.

Tractando de acudir desde logo aos quadros em mais emi-

nente ruína ou aos que, sendo de maior valor, estavam, como o «S. Jeronymo», de Dürer, prejudicados por quasi desfigurados, tivemos mais uma vez no Professor Luciano Freire o melhor e o mais desinteressado dos auxiliares, como o provam todas as pinturas expostas nas tres novas salas, das quaes algumas, como a «Ressurreição», de Rubens e o «Deposito de Armas», de Teniers, representam da sua parte verdadeiros milagres. E iniciado esse trabalho e outros que exigiam solução immediata, tratamos de estabelecer o nosso programa que, depois de estudado e fixado, temos seguido desde então.

Já que o acaso trouxe as collecções que constituem o museu nacional de arte antiga para uma construção do seculo XVII (1) que, embora mal tratada e em parte desfigurada nos seculos XVIII e XIX, é ainda assim um bello edificio e, para mais, com a situação ideal que lhe dá a sua colocação sobranceira ao Tejo, esse programa é, como não podia deixar de ser, reorganizando o museu, reconstituir simultaneamente aquele Palacio, fazendo d'ele, o mais possivel, e sem prejuizo para as obras de arte a apresentar, um exemplar da casa nobre portuguesa da epoca. Ficará assim, até certo ponto, como um typo de habitação senhorial seiscentista, concorrendo, para attenuar, com a sugestão de ambiente vivido que um ou outro dos seus compartimentos dará, a monotonia e enfado que os museus, com o seu alinhamento mais ou menos mascarado de quadros e vitrines, fatalmente trazem. Nem podia deixar de ser assim. Depois dos trabalhos de Molinier, em França, e dos de Harry, em Inglaterra, a velha concepção dos *museus-galerias* passou aos dominios da historia. E essa renovação continua a fazer-se por toda a parte, desde a Allemanha que, nas pegadas da Inglaterra e da França e com o poder do seu espirito assimilador, as ultrapassa por vezes, sob

(1) O Palacio das Janellas Verdes não é uma construcção pombalina, como se suppõe. O edificio, caracteristicamente barcôco na sua fachada e que, apesar da sua grande nobreza de linhas, mais bello seria com a cornija que lhe falta, foi mandado construir pelo Conde de Alvôr, fidalgo da casa dos marqueses de Tancos. Vendido depois por esse titular a Mathias Ayres da Silva d'Eça, 2.º director da Casa da Moeda, foi, após a morte d'este, comprado ao seu filho segundo pelo Marquez de Pombal. As transformações internas que sofreu, quasi todas prejudiciaes á sua estetica, como o portico rócócó e armoriado que, do primeiro andar, dá accesso á escada nobre, foram feitas a partir d'essa epoca.

a direcção inteligente de Tschudi, Brinckmann, Bode e Friedlender, até á propria Hespanha que acordou agora do marasmo com a transformação projectada para o museu do Prado e que, entre outros, tem, já ha muito, em Florit, Domenech e Cabot, organizadores de collecções bem orientados.

O moderno ideal do museu, aparte o gosto discutivel que algumas das suas installações revelam, é o que vemos realisado no «Bayerisches National — Museum, de Munich, em que a obra de arte é apresentada no seu ambiente proprio, colocada entre as suas contemporaneas e disposta, entre elas, no local que o seu primitivo destino lhes teria presumivelmente dado. Mas um museu assim só é possível possuindo-se as riquezas artisticas que possui a capital da Baviera, pois sem isso de nada serviria a construção de um edificio como esse, cujo custo ascendeu a alguns milhões de marcos e em que as obras expostas, representativas de todos os tempos desde os mais remotos até hoje, se exhibem em compartimentos onde tudo, desde o pavimento ao tecto, nos falla a mesma linguagem.

A solução para o museu de Lisboa é portanto a intermedia, ou antes a especialissima que atraz expuzemos, girando entre a solução realisada no museu nacional de Munich e no seu irmão mais velho de Zurich, e a effectivada n'essas duas lindas e discretas collecções holandezas, que são o «mauritshuis», da Haya e o Boymans, de Rotterdam. A organização do museu Edouard — André, de Paris, o nucleo de arte mais bem apresentado que conhecemos e hoje sob a direcção do eminente critico de arte Emile Bertaux, é um caso aparte e que se em mais de um ponto deve estar sempre na mente dos organizadores de collecções, não é entretanto applicável senão em casos especialissimos como aquelle. Longe da velha organização por nós encontrada n'este museu, quando tomamos posse da sua direcção, e que parecia a transplantação, para as collecções das «Janellas Verdes», do arranjo das galerias do seculo XVII tão fielmente estereotypadas por David Teniers, na sua famosa tela da «Gemaldegalerie», de Vienna, o museu nacional de arte antiga, dentro em pouco, com o seu vestibulo e escadaria nobre reconstituídos e a sua autentica e interessante capela, em que se fará apenas a substituição de peças moveis por outras identicas de maior valor, e com as salas de epocas caracteristicas que seja possível organizar-se, e das quaes está em via de formação a do sec. XVIII, estou certo



PEQUENA SALA DE PRIMITIVOS
(Quadros de Memling, Mett de Bless,
Frey Carlos, Patinir, etc.)

que não envergonhará o paiz; por ora e emquanto a sua transformação não estiver mais adeantada, o que demora talvez ainda um anno, pode comtudo e desde já mostrar com honra as tres novas salas, as quaes apesar de, para todos os effeitos, serem tres simples salas de museu, fogem entretanto à rotina corrente na distribuição das obras exhibidas e na escolha dos accessorios ainda os mais secundarios.

Assim n'esta orientação, o nosso museu não terá, certamente, com o espetaculoso de um grande scenario, essa *mise-en-scène* a que visam alguns dos maiores museus modernos, mas, em compensação, sobrejar-lhe-ha, em encanto discreto e intimo, o que porventura lhe faltar em riqueza e fausto. E não será isto talvez um mal, já porque traduz melhor o modo de ser portuguez, todo feito de delicadas nuanças, já porque, e decerto por isso mesmo, entre algumas das salas quinhentistas do Bayerisches e as da casa Gruuthuse, de Bruges, por exemplo, ou entre a grande sala de armas d'aquelle museu e as do museu da Porta do Hall, de Bruxellas, parece-nos que não pode haver hesitações. A vasta abobada, rigorosamente copiada, que se vê no compartimento gothico do museu bavaro, com o seu robusto pilar central a que se encostam peças de armaria riquissimas, não vale, para o effeito da suggestão, as da antiga e modesta «defesa» da velha cidade belga, tão impossivel é a contrefacção d'esse perfume de sonho que só o tempo, com os seus inimitaveis toques e o poder prodigioso da evecção, consegue dar.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

(Director do museu nacional de arte antiga, de Lisboa)

Versos

I

IGNOTUS

*Homens, irmãos, não sei de certo ao que alludis
Quando me proclamaes a terra da ventura,
Onde tudo o que existe é realmente feliz,
— Do seixo á flor, da ave ao chacal, da onda á creatura.*

*Tudo — dizeis — sorri de amor nesse paiz:
Os sêres dão de si a emanação mais pura,
E as coisas, por seu turno, o mais doce matiz
Para sahir de tudo a mesma formosura.*

*Juraes que esse torrão existe, na verdade...
Onde? em que ponto? em que astro? ora pergunto eu,
Louco por ir bater ás portas da cidade...*

*Irmãos, nenhum de vós, porém, me respondeu,
Porque agora sentis toda a fragilidade
Da patria da ventura onde ninguem nasceu.*

II

SONHOS

*Sonhei que tinha captiva
Dos meus amorosos braços
Essa que me fez penar.
— Despontou a manhan viva...
E a luz, cortando os espaços,
Veio a visão dissipar.*

*Mais tarde sonhei que tinha
Montes de pedras preciosas,
Rios de ouro colossaes.
— Immensa fortuna a minha,
Desfructada em deliciosas
Horas que não voltam mais...*

*De outra vez, num sonho doce
Á minha vaidade humana,
Beijar-me a gloria senti.
O sol verdade me trouxe
Rompendo a visão insana :
E a gloria tambem perdi...*

*Mas, hoje, insistente sonho
Faz que eu durma satisfeito
Nas mil suggestões que dá.
Esperanças nelle ponho...
A morte está no meu leito
E ao vir do sol... ficará.*

Bernardo Pereira de Vasconcellos

(DO ACTO ADDICIONAL Á MAIORIDADE)

(Excerpto)

Quando occorreu o 7 de abril, Bernardo Vasconcellos estava em Minas. De modo que, elle «e outros individuos conspicuos pelo seu character politico», no dizer de Armitage, «não tomaram parte na revolução mais do que pelo impulso que davam ao espirito publico as opiniões que n'elles se conheciam».

Entretanto, a sua entrada em scena, como figura essencial, não se fez esperar. Diogo Feijó, a 5 de julho de 1831, fôra nomeado ministro da justiça, depois de assignado entre elle e a regencia aquelle famoso pacto em que o padre-estadista tão eloquentemente revelou a autonomia do seu character, e impoz o prestigio da sua vontade.

Vasconcellos era seu companheiro na Camara dos Deputados. Era natural que se conhecessem de perto, e que Feijó, ministro da justiça, agindo com mão de ferro contra os perturbadores da ordem publica, precisasse de um temperamento igual ao seu, de um homem que soubesse querer, que soubesse agir, e que á energia de acção reunisse capacidade de estadista. Moreira de Azevedo assignala que houve, então, tibieza e vacillação de alguns ministros no applicar dos revulsivos que a sociedade reclamava, e que foi Feijó quem fez modificar o ministerio. Aliás, è esse um facto incontestado, que Pereira da Silva ainda mais salienta. Reprimidos os successos de 16 de julho de 1831, Feijó quiz levar até ás ultimas consequencias a sua acção contra os revoltosos, punindo-os severamente. Como os ministros Moraes e Souza França quizessem abrandar-lhe a colera, o grande cida-

dão exasperou-se, e, comprehendendo que com companheiros capazes de taes condescendencias não chegaria ao fim da sua missão, collocou a regencia no dilemma de não continuar a tel-os no ministerio ou de demittir os ditos ministros. A regencia cedeu, conservando Feijó. Na sessão de 15 de julho — vespera da sua entrada para o ministerio — Vasconcellos, fallando das desordens imminentes tinha dito que «não convinha senão muita energia», e que era preciso mostrar «aos inimigos da ordem publica que os representantes da nação não se aterravam». Não havia, pois, a menor duvida sobre qual seria a sua conducta na agitada administração.

Como se sabe, a sua pasta foi a da fazenda. Na sua biographia, transcripta na *Galeria dos brazileiros illustres*, de Sisson, e attribuida a Justiniano José da Rocha, está assignalado que «as finanças se achavam no grau maior de descredito e de ruina, aggravado ainda pelo effeito natural da revolução, pela intimidação permanente de motins».

À Camara dos Deputados remetteu Bernardo de Vasconcellos, a 26 de julho de 1831, um officio «acompanhando a exposição dos principios que o novo ministerio tem fixado para desempenho da missão que acceitou». Ali procurei esse documento que podia falar da orientação, das idéas, do modo de vêr as coisas do preclaro estadista, e não o encontrei. No archivo, vi o autographo da propria acta da sessão; mas papeis d'esse tempo, da commissão de constituição, a que o programma de Vasconcellos fôra remettido, não existem.

Entretanto, vê-se da legislação do tempo que elle assistiu de perto aos negocios da sua pasta. Pela lei de 4 de outubro de 1831, foram organisados o Thesouro nacional e as thesourarias das provincias; pelo decreto de 20 de novembro de 1831 mandou correr livremente, como mercadoria, o ouro em pó; pelo decreto de 13 de dezembro de 1832, deu regulamento ao porto do Rio de Janeiro; pelo decreto de 16 de julho de 1832 poz em execução o regulamento da Alfandega, de 25 de abril do mesmo anno.

Mas essa é a obra que se tornou exterior, que se fez conhecida pela sua assignatura. Uma outra construiu elle, assistindo aos seus companheiros, encorajando-os ou secundando-lhes o esforço. Nabuco assim partilha a gloria do tempo entre as suas grandes personagens: «A . . . de Feijó é ter firmado a suprema-

cia do governo civil; a de Evaristo é ter salvado o principio monarchico; a de Vasconcellos é ter reconstruido a auctoridade».

Não lhe coube, bem se vê, a menor parte. Em tempos em que a auctoridade se enfraquece, não se póde prestar maior serviço á sociedade do que revigoral-a.

Vasconcellos continuou no ministerio até 10 de maio de 1832.

Em 1833, como vice-presidente de Minas, a sua personalidade se pôz mais uma vez em relevo. Uma sedição, n'aquelle anno, agitou a provincia contra o presidente Manoel Ignacio de Mello e Silva. Como este se achasse ausente, Vasconcellos assumiu o poder, mas, não tendo tempo de armar elementos para resistir vantajosamente aos revoltosos, foi por elles feito prisioneiro. Vasconcellos, porém, foi posto em liberdade pelo povo de Queluz, e em S. João d'El-Rei congregou forças para restaurar a auctoridade. «Com o profundo tino que o distinguia», diz Theophilo Ottoni, Vasconcellos «reuniu em torno de si a provincia inteira». Em breve, rendendo-se os revoltosos, o presidente Manoel Ignacio reassumiu o governo.

Em 1834. o seu esforço mais notavel foi o projecto do *Acto Adicional*.

Já se viu, com o testemunho de Uruguay, que não foi escripta por Vasconcellos a disposição que se tornou «a causa principal de toda a confusão e conflictos que se deram entre as attribuições do poder geral e provincial».

Nos seus discursos, durante a discussão do projecto, ha varias passagens que attestam o seu criterio moderado. «Estou, disse elle na sessão de 1.º de julho de 1834, que se devem diminuir os laços da centralisação, mas não de um jacto que faça dar um tão grande salto . . .» N'esse mesmo discurso, elle se confessou «amigo das reformas, reformas necessarias ao Brazil, operadas pela razão e calma, e não reformas que em dois dias tornem este nome odioso ao Brazil».

Na sessão de 4, ponderou: «Se as reformas de que somos incumbidos, forem feitas com tranquillidade; se não se verificarem as idéas que os inimigos das luzes têm querido ligar á palavra — reformista — isto é, se a palavra — reforma — não fôr entre nós synonymo de anarchia, de guerra civil, muito facil nos será para o futuro fazer não só uma reforma, mas muitas, accomodar a nossa Constituição ás necessidades reaes, aos interesses do Brazil . . .».

Esse espirito ponderado, essa submissão á relatividade das condições do meio em que vivia, não parecia calculada. E a ella é mister attender quando se quizer estudar a adhesão de Vasconcellos ao partido do regresso.

Elle fez sempre questão de que se soubesse que não dera já-mais interpretação extensiva ao *Acto adicional*.

Na sessão de 29 de maio de 1839, repisando o assumpto, disse que «entendera sempre que o *Acto adicional* devia ser modificado». E acrescentou: «Alguns meus antigos companheiros quizeram que eu o alargasse muito». E como Ferreira do Mello objectasse: *Quem queria alargar muito era o nobre senador*, Vasconcellos retorquiu: «É mister muita coragem para se negar um facto conhecido! Eu não queria que se alargasse muito o *Acto adicional* e por uma razão: porque a nossa revolução não tinha chegado ao ponto de dispensarmos todas as provincias da tutela do governo federativo que tem resistido ás facções e ao tempo».

Pertence ainda a esse discurso a sua confissão de que, «depois de publicado o *Acto adicional*», entendeu que «se devia fazer alto no movimento, que se dizia revolucionario, de 7 de abril; julgou que nem mais um passo adiante devia ir, ao menos enquanto uma experiencia bem calculada não mostrasse que algumas alterações deviam ser feitas: quiz, portanto, parar o carro revolucionario; atirou-se deante d'elle; soffreu, porque quem se atira deante do carro revolucionario sempre soffre».

Á vista dos documentos do tempo, a dissidencia de Vasconcellos com os seus amigos data dos fins de 1834. N'um d'elles se lê isto: «Segundo publicações acreditadas da Côrte, poderemos datar a apostasia do Sr. Vasconcellos de fins da sessão de 1834. Uma administração se pretendeu compôr, então, de que fizesse parte o illustre financeiro; porém, ou porque o auctor do terceiro partido offercesse como condições indispensaveis á acceitação de uma pasta, medidas que exorbitavam todas as raias da humana prudencia, dictadas pelo seu conhecido capricho e por uma vingança gratuita e premeditada contra determinados individuos, ou por outra qualquer causa obscura, ainda não revelada, não se pode conseguir».

Sente-se que o auctor do trabalho era hostil a Bernardo. Mas um seu patricio, o Conego José Antonio Marinho, confirma sem azedume o facto: «Tratava-se de organizar um novo ministerio;

e a regencia, bem como os que influíam sobre ella, commetteram a imprudencia de repellir as pretensões que manifestava o deputado Vasconcellos para occupar uma pasta, a que de certo tinha direito pelo importantissimo serviço que acabava de prestar na confecção do *Acto Adicional*. Esta repulsa, unida á preterição que tambem soffreu, sendo apresentado em uma lista triplice para substituir uma vaga no Senado, o exacerbaram; e na provincia das Minas, para onde partira immediatamente, tratou de suscitar embaraços á administração geral, promovendo a queda do ministerio em que primava a influencia do desembargador Aureliano».

Uma outra divergencia de Vasconcellos com seus amigos esteve na candidatura de Feijó a regente, contra a qual tambem se pronunciara Honorio Hermeto. No governo, o famoso padre não soube derivar a má vontade de taes adversarios. Ao contrario, alimentou-a. Data d'esse tempo um formidavel conflicto entre o poder legislativo e o executivo. Feijó era voluntarioso. Uma vez assentando uma orientação, era difficil affastal-o d'ella. A sua regencia marca uma lucta titanica entre elle e a Camara dos deputados. Uma vez empossado do seu alto cargo, Feijó, logo no dia seguinte, encerrou a sessão da assembléa geral.

Foi isso em outubro de 1835. Ha um anno já (outubro de 1834) o 7 de abril, orientado por Vasconcellos, defendia a criação no terceiro partido. De modo que, ao encerrar Feijó a sessão legislativa, diz Moreira de Azevedo: «a Camara dos deputados manifestava claramente em seu seio a existencia de tres grupos distinctos; primeiro, a grande facção da antiga maioria; segundo, a antiga opposição; terceiro, um partido médio ou central, cujos elementos, pouco a pouco e sem designio apparente, foram-se condensando». Em 1836 as divergencias se foram accentuando a mais e mais. Os debates azedaram-se. A paixão politica accendeu fogos e entrou em movimento com alta pressão. Não obstante, o governo, carente de varias medidas, prorogou-lhe os trabalhos. A Camara, porém, deixou de reunir-se; Feijó dirigiu-lhe, então, a celebre fala de encerramento: «Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos; elles, infelizmente, vão em progresso; oxalá que na futura sessão o patriotismo e sabedoria da assembléa geral possam satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado. Está fechada a assembléa».

É bem de imaginar como a corrente opposicionista voltaria incendiada ao parlamento. Na falta de abertura da sessão de 1837, mal se disfarça o mau humor do governo. «Remedios fracos e tardios, dizia-se n'ella, pouco ou nada aproveitam na presença de males graves e inveterados».

A Camara, por sua vez, propoz dizer «que só da mutua e leal cooperação dos poderes politicos póde provir efficaz remedio aos males que affligem (a nação)», e acrescentava: «Mas esta cooperação, a Camara dos deputados faltará aos seus mais sagrados deveres, se a prestar a uma administração que não gose da administração nacional». No debate vigoroso que a proposta despertou, foi o trecho alterado para que após as palavras — «aos males que a affligem — se acrescentasse: «e esta cooperação a Camara dos deputados se esmerará em prestal-a aos ministros de V. M. Imperial, se guiados pelos interesses e necessidades do paiz, procurarem assim manter a harmonia e confiança entre os diferentes poderes do Estado, condição essencial da marcha regular dos governos representativos». O resto do trabalho foi suppresso.

Quando a Camara enviou a sua deputação para responder á fala do throno, foi, ao regressar a mesma, colhida pela sensacional noticia de que o regente redarguira inconvenientemente. Souza Martins foi quem expoz a resposta de Feijó, advertindo que ella não fôra escripta pelo regente, mas sim reconstituída pela commissão, cujos membros a haviam confeccionado entre si, e, recorrendo á memoria, puzeram por escripto a fala, senão nos mesmos termos, com pequena differença de palavras sendo este o conceito: «Como me interesso muito pela prosperidade do Brazil e pela observancia da Constituição, não posso estar de accordo com o principio emittido no segundo periodo da resposta á fala do throno; e sem me importar com os elementos de que se compõe a Camara dos senhores deputados, prestarei a mais franca e leal cooperação á Camara, esperando que, ao menos, d'esta vez, cumpram, as promessas tantas vezes repetidas, de tomar em consideração as propostas do governo». Raphael de Carvalho, qualificando a resposta de «declaração de guerra», queria que ella se pedisse por escripto. O proprio presidente tem duvida em seguir a praxe da Camara: «O costume da casa é receber estas respostas com muito especial agrado; mas como esta contém alguma coisa de extraordinario, áuido fazel-o sem accordo da Camara».

Estava, entretanto, presente o ministro da marinha e o presidente entendeu que era de melhor alvitre adiar a discussão.

Vasconcellos tirou do caso o melhor partido: «Eu apoio, disse elle, o que V. Ex.^a acaba de dizer. O sr. ministro está presente para assistir á discussão da proposta para fixação das forças navaes, continue-se na ordem do dia. Só quero falar sobre a inserção ou não inserção da resposta ao voto de graças na acta. Eu quero que se publique na acta, que se publique pelos periodicos e editaes e que lhe demos a maior publicidade possivel». De facto, nada melhor para justificar a tremenda opposição que se ia seguir.

A esse tempo, já estava Vasconcellos separado de Feijó. A princeza D. Januaria havia sido, desde 31 de maio de 1836, reconhecida successora do throno, prestando no Senado o respectivo juramento. Sustenta-se que Bernardo pleiteou a sua regencia, como meio de apear Feijó do governo. Negou-o, em parte, o grande estadista. No seu manifesto sobre a maioridade, affirmando que «nunca fôra considerado infenso ao governo de S. M. I. o Senhor D. Pedro II», reforçou a sua declaração com o facto de já haver «em outra epoca desejado a regencia da augusta princeza imperial, a senhora D. Januaria, *desejo este que nunca excedeu os limites do seu pensamento*, e que lhe custou as mais acerbas injurias e calumnias . . . Confesso ingenuamente, accrescentou, que o meu aferro á monarchia e o exemplo da dispensa de idade da senhora D. Maria II, rainha de Portugal, foram os unicos elementos de minha convicção . . .»

No entanto, para o Conego Marinha, a sua participação no caso foi mais decidida. «O desembargador Vasconcellos foi á Minas, refere elle, a tomar assento na assembléa provincial, na qual achou-se então em unidade; e apezar de todos os seus recursos e prestigio, de todos os seus esforços na tribuna provincial, soffreu o dissabor de vêr passar por grande maioria de votos na assembléa provincial uma representação contra a projectada regencia da senhora Princeza Imperial, com allusões que lhe eram pessoalmente applicaveis».

Elle mesmo registou no manifesto da maioridade que «nas discussões da assembléa provincial de Minas Geraes, o indigitáram como *conspirador* contra o regente do *Acto Adicional*, imprecando a sua morte».

Seja como fôr, desde os fins de 1834 a sua orientação era

outra. Os varios factos que aponteí concorreram para distancial-o a mais e mais dos amigos com quem viera politicamente do 7 de abril até á approvação do *Acto Adicional*.

Em 1837, a opposição, de que Bernardo era chefe, foi violentissima contra Feijó. Resvalou, na imprensa, do puro dominio partidario para as relações pessoaes. Impotente para dominar o momento, Feijó convidou Pedro de Araujo Lima para ministro do imperio justamente com o fim de transmittir-lhe a regencia.

Vasconcellos entrou, então, para o ministerio, occupando interinamente a pasta do imperio e effectivamente a da justiça.

Triumphava, assim, o partido do regresso. que foi, afinal, o partido conservador.

Bernardo muito soffreu pela fundação d'esse partido. São muito citadas as suas palavras do tempo: «Fui liberal; então a liberdade era nova no paiz; estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéas praticas, o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometteram; a sociedade, que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganisação e anarchia. Como então quiz, quero hoje servil-a, quero salvá-la, e por isso sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo no dia dos seus perigos, da sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triumpho que até o excesso a compromette».

Por muito tempo, Bernardo ouviu accusações nesse sentido e foram varias as occasiões em que explicou o que quizera dizer com a palavra — *regresso*. «O systema do regresso, disse na sessão de 12 de maio de 1838, consiste em não adoptar como opinião publica qualquer boato que um ou outro foliculario apregôa como tal. O systema do regresso ensina a avaliar as medidas que se pretendem adoptar para bem do paiz, e submettel-as á discussão . . . Se o systema do regresso assim entendido é prejudicial ao paiz, então, de certo, nós não podemos servil-o . . .» E accrescentava com a sua habitual ironia: «Se o nome é máu, se o nome é odioso, não popular, não duvidaremos abandonal-o, chamando-o — *progresso*».

Era o mesmo conceito que serviria a Clemente Pereira na sessão de 18 de maio do mesmo anno para defender a attitude da maioria: «Falou-se por vezes em progresso e regresso, e parece que com a intenção de macular o credito da maioria. É

necessario fixar as verdadeiras idéas que estes nomes representam. Quanto a mim, entendo que continuar na marcha até aqui seguida, sem alguma modificação, é verdadeiramente regressar ao absolutismo d'onde partimos, porque este caminho conduz á anarchia, esta á dictadura e ao despotismo, e entre este e o regresso ao absolutismo não ha senão um passo. Reformar, pois, os erros commettidos, e avançar no caminho da prosperidade, é fazer verdadeiramente progresso; e neste sentido, nós os deputados da maioria, somos progressistas e não regressistas».

Na sessão de 21 de maio, como Clemente Pereira tivesse dito que estava com Vasconcellos porque este «renunciara a principios que aquelle reputava exaggerados», Vasconcellos observou: «Devo certificar ao nobre deputado que o ministro da justiça não mudou; estava e está sempre com o progresso: a differença que ha entre o ministro da justiça e o deputado de outro tempo, é que a experiencia, a observação dos resultados de alguns actos para que elle contribuiu, algumas idéas mais que com o estudo tem grangeado, o tem convencido de que deve proceder como aconselhava Washington, auctor sem nota — com pé firme, mas lento . . . Perguntarei, quem professa taes idéas é ou não progressista?»

Comprehende-se que doesse aos politicos de quem Bernardo se havia distanciado, a perda de um tão valoroso companheiro. D'ahi o epitheto de apostata com que o feriram muitos.

Mas, na verdade, quem lhe podia atirar a primeira pedra? Ainda hoje, cerca de oitenta annos depois, as homens juntam-se, separam-se, tornam a unir-se, fazem um dissidio e alliam-se ainda uma vez. É uma conjunctura politica muito explicavel n'um paiz em verdadeiro estado de formação politica. O que os partidarios devem fazer para não tornar antipathicas as allianças que celebrarem, é não se maltratarem, não se injuriarem uma vez deixando de ser cerreligionarios. Não é preciso, quando se discutem idéas e principios, envolver personalidades. Este conselho é tanto mais para ser seguido entre nós, quanto é certo que não temos e não podemos ter partidos definidos. No estado actual da nossa sociedade, a politica ha de fazer-se em torno de combinações periodicas. Basta esta circumstancia para vêr-se que os homens que estão hoje unidos hão de separar-se ámanhã, para voltarem de novo a novas allianças . . .

Com maioria de razão havia de ser assim ao tempo de Ber-

nardo de Vasconcellos, em que o Brazil ainda estava na primeira infancia da independencia e as idéas politicas se achavam num verdadeiro periodo rudimentar.

Foi justamente por isso que elle poude fazer frente a José de Alencar, no Senado, na sessão de 29 de maio de 1839. «Disse mais o nobre senador: o que é que se poderia esperar de um gabinete composto de membros discordes ha annos em opiniões politicas, e que se ligaram depois contra o governo que acabou em setembro? Ora, sr. presidente, eu não sei como o nobre senador não nota, não exproba outras ligas politicas. Não tem o nobre senador em si exemplos memoraveis de ligas que nunca poderiam esperar-se no mundo? Não tem . . . (O sr. Alencar: — Diga, diga). Se quer que eu o diga, eu o direi, depois não se arrependa de o ter exigido . . .»

No caso do eminente estadista, o que convém não é, precisamente, justificar a sua deserção das fileiras liberaes. Não é saber se elle agiu por despeito. Ainda aqui, desgraçadamente, a parábola da mulher adúltera poderia ser invocada . . . A metade da obra dos politicos é argamassada nos despeitos pessoases; e nenhum, nem hontem nem hoje, poderia apedrejar o illustre patriocio. Entretanto, alludindo á «á seita do regresso», Theophilo Ottoni affirma que ella tôra «proclamada em impeto de *desculpavel* despeito por uma das maiores illustrações brazileiras».

O facto tem, porém, outra psychologia. O que manteve unidos os homens de idéas democraticas foi a existencia do partido restaurador. Do 7 de abril até fins de 14, elles viveram num regimen de concessões. Os moderados cederam aos exaltados em varios pontos de que não abriram mão se a carranca de Pedro I não lhes evocasse o predominio portuguez.

A morte, porém, do primeiro imperador, cuja noticia, no Rio de Janeiro, circulou a 22 de novembro, embora houvesse occorrido a 24 de setembro, em Lisboa, fez desaparecer do scenario a facção caramurú.

Era preciso desatender por completo á phenomenica social para não se vêr que a ordem das cousas iria modificar-se. Em todo o partido reinam dissensões latentes. N'um dado momento ellas se tornam patentes.

Por um lado, a orientação de Bernardo vem da liberdade em que elle se sentiu de agir segundo as proprias impressões, sem mais os perigos da restauração que era o espectro de todos os

brazileiros; pelo outro, da necessidade que effectivamente houve de construir e pôr em movimento todo um mechanismo conservador que amparasse a sociedade entregue á desordem e á anarchia.

Dir-se-ha que elle faria tudo isso em companhia dos seus amigos e prestigiando a regencia de Feijó.

A objecção é sem valor. Havia uma opinião restauradora, assim como havia uma opinião liberal. Quando aquella desaparecesse, a opinião liberal dividir-se-ia, porque a sociedade não vive sob uma orientação isolada. Aliás, ella era, de si, dividida em moderada e exaltada. Saindo da scena os caramurús, era mais que provavel que os moderados se tornassem conservadores e os exaltados liberaes. Vasconcellos foi, pois, o instrumento de uma determinante social.

Por outro lado, Feijó, regente. passa como certo que não foi o mesmo homem forte que se animara a licenciar o proprio exercito quando ministro da justiça.

Rio de Janeiro.

(Continua)

AURELINO LEAL.

Uma carta do dr. Manuel Monteiro

Publicamos hoje a carta que o Dr. Manuel Monteiro destinava ao primeiro numero da *Atlantida* e que infelizmente se extraviou, sendo substituida pelas rapidas palavras incertas na nossa pagina de abertura. E' um documento honrosissimo para nós, e uma prova mais do espirito culto e generoso do illustre ex-Ministro do Fomento.

Meu querido João

Aplaudo com o mais vivo calor a sua nova iniciativa, e que tivesse em virtudes que, a maneira patricial, a cobrança de bens.

Mais uma vez quer a sua amizade, agora ao serviço d'uma obra patriótica e fecunda em realizações de superior interesse para dois países irmãos, colocar o meu nome com o seu.

E' para mim tocante, além de honroso, a sua lembrança, que aviva a saudade dos tempos moços em que uma amizade camaradagem espiritual para sempre nos uniu.

Não confilios, porém, nesta emergência, ao seu lado como obscuro colaborador, mas muito arrebatado em patrocínio do admirável movimento, que V. e Paulo Barreto, operam a Portugal e no Brasil.

O alcance e a importancia da Atlantida e o uma legítima eudicencia ou um respeitavel conhecimento podem amargamente ou não ver.

Mas não importa a acção negativa dos inactos contra a obra constructiva, e, se sem duvida perdurarem esses fundamentos, apesar da hora incerta, solidamente se lançam, e sobre os quais, na qualidade de orago que deve inspirar confiança a si, deixo as palavras de Boa Ventura.

Seu ex. cordal

Manuel Monteiro

Revista do mez

UMA CADEIRA DE ESTUDOS BRAZILEIROS NA FACULDADE DE LETRAS

O ilustre Director da Faculdade de Letras, o professor Dr. Queiroz Veloso, acaba de comunicar á *Atlantida* uma noticia que será recebida com enorme contentamento por todos os amigos de Portugal e do Brazil. É a de de que vae ser proposta, pelo Conselho Escolar da Faculdade de Letras de Lisboa, a creação de uma cadeira de Estudos Brasileiros, abrangendo a Historia, a Geographia, a Literatura, a Etnographia, etc., da grande Republica Sul-Brazileira. Cremos não ser estranho a esta bela iniciativa o nosso eminente colaborador Dr. Alberto de Oliveira, Consul Geral de Portugal no Brazil, e que no Rio de Janeiro soube conquistar a estima e a admiração de todos.

Registando a boa noticia, fazemos votos sinceros e fervorosos para que em breve seja uma realidade a aspiração da Faculdade de Letras, e para que possamos dentro de mezes aplaudir a primeira lição do brasileiro notavel, que decerto será chamado a reger a nova cadeira.

NOTAS DO TEMPO E FÓRA DO TEMPO

As aspirações dos povos manifestam-se principalmente nos deslumbra-mentos dos poetas. Estes não só veem, mas também preveem. Quando os olhos inquietos da multidão encaram o futuro, espiando signaes e revelações, elles possuem o condão de ler o indicifavel. Olavo Bilac, em cuja sensibilidade o lirismo brasileiro atingiu a puresa de um christal, é hoje um dos prophetas da sua Patria. A sua campanha a favor do serviço militar obrigatorio e do derramento da instrucção primaria não visa um successo de momento.

Comprehendendo que, nas futuras formas da civilisação, as noções de cultura e força serão inter-dependentes, elle trata de rasgar ao Brasil horizontes bastante largos, para effectuar uma obra que fará da grande republica a reguladora dos seus proprios destinos. O espirito governa o orbe, domi-

nando cada vez mais os agentes cegos e fataes com que a natureza escravisa os povos. Quem se não cultivar, elevando ao maximo a sua energia de acção e dominio, terá de viver ingloriamente. É isto que Olavo Bilac entende com rara clarividencia.

As suas palavras são as de um sementeiro que fecunda uma terra, que os seculos sagrarão como bemfeitora da humanidade.

*
* *

A guerra continua pondo em jogo as forças fataes, instinctivas e mecanicas que a intelligencia europeia, e mesmo mundial, não conseguira domesticar. Com o homem vive a fera e nesta a paisagem sangrenta das epopeias.

No inicio do seculo xx, a humanidade, abraçando numa grande pagina heroica o horror da sua historia, sente que o tempo nada acrescenta nem tira ao seu destino.

O homem em qualquer parte que se encontre, seja individuo, seja povo, destroe num anno ou numa hora uma sementeira de seculos.

O juizo ainda não é o pendulo regulador da alma e do coração do orbe que habitamos. Se-lo-ha um dia? Talvez. Entretanto, ergamos as mãos para as Potestades, porque a ironia é uma lei de impotentes . . .

*
* *

A Inglaterra vivia concertada, feliz, desportiva e pensando que o util é bastante para a felicidade dos povos.

Educara-se na liberdade e com esta construiu um sistema de certas que lhe garantia uma gostosa escravidão. O inglez acreditava em si e um farto optimismo biblico e mercantil lhe sorria nas horas de repouso.

O Diabo, porem, que, neste mundo, segundo diz Shackespeare, lança pedras na agua mais limpida, inventou a Allemanha e a sua *kultura*, ou seja um conluio magestoso das forças da intelligencia para reduzir a evolução dos povos a uma operação dialectica da força. Os inglezes riram, depois sorriram e por fim viram o maior perigo da sua existencia. E as certas que lhes garantiam a digestão começaram a cair. Comprehenderam que o seu aprendizado ainda não estava feito.

Os inglezes agora, encarnando o espectro de Hamlet buscam uma Sombra. E conforme o que ella lhes disser, assim será a sua historia.

*
* *

A religião é susceptivel de se gastar, usando-se a ponto de não representar para os fieis mais que uma sobrevivencia poetica de idades extinctas. Deixa de ser um elemento vivo na composição superior das nossas aspirações extras-terrestres.

As preces e os sentimentos dos fieis não se esquecem com o seu calor, porque a sinceridade intima que ella demanda não se concilia com as emoções passageiras, fluctuantes de uma geração fruste de magros epicuristas. É por este simples motivo que os nossos templos, quando visitados pela turba, accu-

sam os aspectos banaes de uma mentira que, para o não parecer, invoca Deus com uma fé tão morta que quasi dois seculos a cobrem.

E, todavia, Deus continua sendo a maior, a unica revelação da historia humana.

JOAQUIM MANSO.

ALGUMAS PROPHECIAS SOBRE A GRANDE GUERRA

Fallando com o historiador argentino Roberto Sevilier, ter-lhe-hia dito em fins de outubro o rei Affonso XIII:

«Muito antes das hostilidades começarem, podia-se já prever que a guerra era inevitavel; no entanto é impossivel prever-se-lhe actualmente o termo. E' preciso não suppôr que depois da guerra haja um desarmamento parcial. Terminada que seja, pelo contrario, a lucta, todos se deixarão absorver mais do que nunca pelos preparativos de outra guerra. Na minha opinião, os socialistas e as classes trabalhadoras não exercerão pressão alguma sobre os governos afim de os impedir de crearem novos armamentos; creio que, em todos os paizes, os socialistas se approximarão dos governos e que as suas aspirações legitimas serão satisfeitas como resultado de uma boa politica pratica.

«Além d'isso, os socialistas tratarão de completar a sua educação. Hão de reconhecer que alguns dos seus chefes, prégando a paz universal, os tinham enganado por completo. Após os successos d'esta guerra, os socialistas de todos os paizes terão de comprehender que, emquanto aos seres humanos conservarem instinctos humanos, não ha melhor protecção para um paiz que a criação de armamentos, que lhe permittam servir-se de uma força organizada para se defender. E esta força organizada deve estar prompta a todo o instante. Os factos são os factos, e esta terra não será nunca a terra da Utopia.»

E' possivel que esta prophesia viesse a realisar-se desde que o triumpho da guerra actual pertencesse aos imperios centraes. Dada a hypotese, o programma allemão encontra-se definido n'uma recente brochura do dr. Franz von Liszt, que preconisa a formação de um novo imperio germanico mais forte que o antigo, de mais dilatadas fronteiras, com uma extensão immensamente consideravel de dominios coloniaes. Todos os Estados europeus, exceptuando a Grã Bretanha e a Russia, passariam a gravitar dentro do systema politico allemão, sob o infantil disfarce de uma confederação geral de que a Allemanha conservaria naturalmente a hegemonia. A união mais intima da Allemanha e da Austria-Hungria, diz o dr. von Lizst, «adquire uma importancia excepcional, como ponto de cristalização para a organização dos Estados da Europa media». Dos seus maiores inimigos actuaes, o conhecido membro do Reichstag apenas admite a entrada da França na confederação que preconisa, e referindo-se á solida posição d'esse formidavel organismo politico, acrescenta:

«Essa posição seria infinitamente mais forte se se chegasse a conseguir que a França, e com ela Hespanha e Portugal, se agregassem á Confederação,

com o que se formaria uma organização de todos os Estados do continente europeu, sobre cujo solo Gibraltar não poderia continuar sendo inglez.»

A formula do dr. Franz von Liszt resume-se nas seguintes palavras: «Deve assegurar-se a paz europeia *contra* a Inglaterra, *sem* a Russia e se for possivel, *com* a França». A pretendida prophesia de Affonso XIII ácerca dos preparativos para uma nova guerra ficaria d'esta forma amplamente realisada.

Já agora porém não é licito duvidar do triumpho das nações alliadas. Todos os dias na França, na Inglaterra, na Italia, no Japão, nos Estados Unidos da America do Norte, novas fabricas de munições se installam para garantir a victoria. Ao passo que os allemães se vêem na contingencia de conquistar, com sacrificios enormes, o caminho de Constantinopla, afim de se assegurarem das colheitas de algodão da Asia Menor, indispensaveis ao fabrico dos seus explosivos, todos os seus adversarios dispõem á vontade das materias primas que as suas industrias reclamam. Cada dia que passa representa um enfraquecimento para os imperios centraes e uma nova vantagem para os seus contendores. O dominio dos mares pertence-lhes. Acompanha-os a confiança universal.

A guerra terminará mais cedo do que se julga; e a Allemanha, que sem desembainhar a espada podia economicamente ter dominado o mundo, vê-se-ha reduzida a exercer na civilização o papel que aos vencedores aprouver distribuir-lhe. Apenas cahir o pano sobre essa tragedia immensa, começará para os homens uma paz longa e fecunda. A' Edade da Pedra succedeu a Edade do Bronze e a do Ferro. Vae começar a Edade do Direito e da Justiça.

Paris, Novembro de 1915.

HERMANO NEVES.

SALA BEETHOVEN

Do illustre pianista Rey Colaço recebo a seguinte carta circular:

Ex.^{mo} Senhor

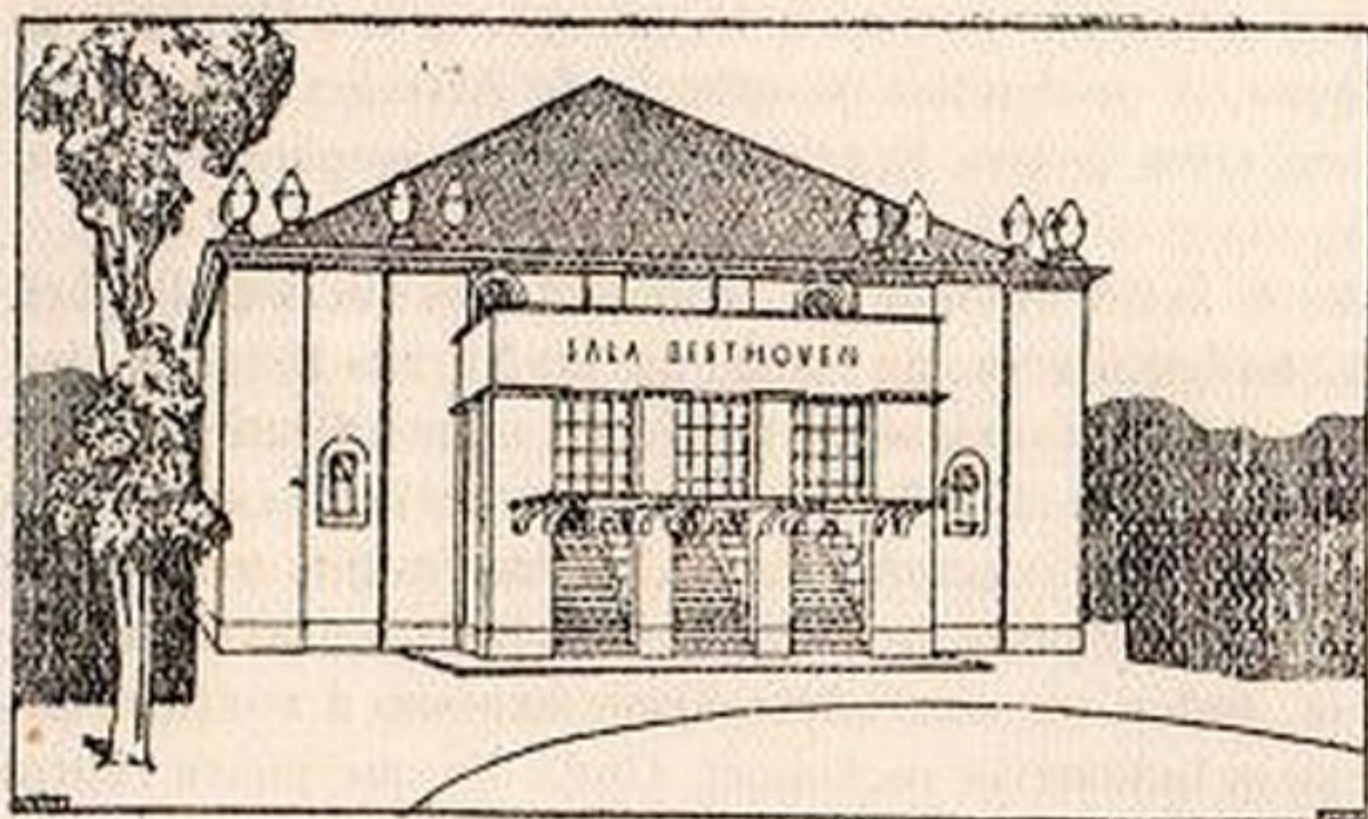
Ha muito tempo que se faz sentir em Lisboa a falta d'uma sala para concertos intimos. — Esta lacuna faz nascer em mim a idea de promover a construcção da SALA BEETHOVEN.

Apezar das difficuldades momentaneas que traz a tremenda guerra actual e a crise que ella determinou em toda a parte, não me parece difficil reunir em Lisboa umas 250 adhesões de «amigos da musica» para chegarmos a edificar uma sala com todos os confortos e melhoramentos modernos e que, pela indole dos concertos, conferencias e representações intimas que n'ella se pudessem realizar, constituiria um beneficio para a nossa cultura em geral.

Cada socio entraria com a quota de 50\$000 rs. dos quaes receberia juros logo que a sala pudesse funcionar, e que ficariam garantidos.

Eu apello para o conhecido interesse de V. E.^a por tudo o que possa ajudar a levantar o nosso meio artistico, e peço encarecidamente, no caso

de V. E.^a não poder concorrer directamente, para fazer a maior propaganda possível a favor da minha ideia.



Aplaudo vivamente a ideia de Rey Colaço que vem preencher uma lacuna de ha muito em aberto na nossa terra — a de uma Sala onde sensatamente possamos ouvir a boa musica de camara, a conferencia e o espectáculo dramático de caracter íntimo; e

faço-o com tanto mais entusiasmo quanto é certo revelar-se aí um sintoma de progresso mental nas gentes lisboetas. Porque, se não digo que essa sala é por elas reclamada, direi que ela é bem aceite neste momento, ao contrario do que certamente teria sucedido algum tempo atrás. Demonstram-no as adesões asseguradas até hoje.

O quarteto classico, designando assim toda a musica de camara pela sua forma mais perfeita e equilibrada, tem tido nestes últimos dez anos, em Lisboa, como principais cultores, este nosso distincto pianista e a Sociedade de musica de camara. Os seus concertos rialisaram-se geralmente no Conservatorio, no Salão da Ilustração Portuguesa, na Liga Naval e numa Sala do Gremio.

Certo é, porem, que nenhuma destas salas reúne as condições de intimidade e intellectualidade exigida pelas tres superiores formas de arte visadas por Colaço. E, além de algumas delas não disporem bem o público para a concentração espiritual que tais formas reclamam das gentes a que se destinam, por não terem sido preparadas para tal fim, facto é que elas são todas ou muito grandes ou muito pequenas.

Mas, como vimos, a nova sala não mira apenas ao concerto. É até porventura a conferencia que mais carece de um local devidamente disposto para lhe revelar todo o seu valor educativo e fazê-la tornar a serio. Esta forma de arte acha-se ehtre nós absolutamente no seu inicio. O portuguez, como outr'ora succedeu com o parisiense, quando Sarcey e outros começaram a fazer conferencias perante o público de Paris, está ainda muito exclusivamente afeito ao orador político para suportar quem correntiamente fale, socorrendo-se de notas, ou lendo até uma longa prosa escrita. Não só exige que se fale de cór, mas carece da deploravel e bombastica retórica, consagrada em anos e anos de intrujice parlamentar e suas derivadas. Por outro lado, a grande sala de espectáculo exige isso: — o conferente actor, de voz possante e frase eloquente, de grande *falactia*. E' pois de crêr que uma sala de medianas dimensões, onde se reunam umas duzentas, ou duzentas e cincoenta pessoas, quando muito, concorra para criar a atmosfera mental elevada e suficientemente harmónica em que a verdadeira arte da conferencia se desenvolva e, a

pouco e pouco, se converta numa necessidade espiritual das nossas gentes, como em França succedeu.

A idea de Colaço impõe-se pois, com todo o direito, a uma simpatia maxima e abre-nos horisontes artisticos inesperados, porque parece destinada a iniciar uma epoca de fecundos proveitos no nosso pobre meio intellectual.

Ora, a meu vêr, muito bem andou o architecto, Sr. Raul Lino, projetando essa sala no estilo dorico, cuja sobriedade e rectidão de linhas de todo se alfa á sublime ingenuidade do Homem a quem ela é levantada, e que se educou lendo e meditando Plutarco; assim como bem fez escolhendo, para a sua decoração interior, uma côr dôce e grave que favoravelmente nos dispõe para ouvirmos cousas serias. Não é aquele esterico vermelho das escadas da Biblioteca pública, que súbitamente nos inverte as intensões e nos faz pedir os romances de Ponson du Terrail ou de Conan Doyle quando nos dispunhamos a lêr Fernão Lopes ou Herculano.

A fachada externa, essa, devo confessá lo, é que me surpreendeu pelo character do moderno estilo alemão em que foi concebida, mas sobretudo pela nota quasi funebre que lhe dão os quatro pares de urnas poisadas na cornija.

Não se distingue, é natural, como aquele casarão do Hotel Metropole no Rocio, por lhe faltar o andar terreo e pelo destrambilhado emprego de elementos decorativos, desviados do racional destino que os motivou. O Sr. Lino é um artista de muito fino gosto e de incontestavel personalidade para incorrer em semelhantes grosserias; a ritmica da sua fachada confirma-o. Eu preferiria, porem, achar aí uma calma grave, sim, mas aliada á luminosa alegria, áquela superior e jovial nobreza que Wagner viu na Grecia apolinia e cujos temas decorativos mais expressivos eram a lyra, com i grego, já se vê, e a palma.

E que o illustre architecto me perdôe tanta ousadia; por forma alguma me faz ela esquecer a muita estima em que tenho o seu belo talento. Mas esse estilo alemão, que eu já conhecia de outras salas de espetaculo, por exemplo: do recente Teatro dos Champs Elysées de Paris, e da Sala de Hellerau perto de Dresde, séde da escola da Dança ritmica de Jacques Dalcroze, esse estilo, digo, deriva de tres factos principais que supponho não terem completa correspondencia entre nós: a riação contra a espalhafatosa architectura burguesa dos *parvenus* alemães, que invadiu as cidades do Imperio quando a sua prodigiosa industria os enriqueceu sem lhes comunicar bom gosto, e que pela atabalhuada exuberancia ornamental de varios generos, em que entravam todos os materiais, o gesso, o cimento, a pedra, os marmores falsos e verdadeiros, os metais. etc., até chegou a fatigar a rudimentar estética dessas gentes inesperadamente felizes; a influencia da escola de Munich que, do movel de linhas rectas, largo, cómodo e inexpressivo, sobiu á architectura dos grandes edificios e lhes transmitiu a sua arte negativa; a falta de pedra na região berlinense que levou a's construções de cimento. Ele é bem o estilo architectónico do cimento e nisso está ao mesmo tempo, penso, a sua rasão de ser e a sua condenação.

Mas no nosso caso, no caso de Rey Colaço que devemos fazer nosso, temos incontestavelmente de atender á economia e á rapidez de execução, e por isso aceitemos o seu emprego. Nada comtudo impedirá que Raul Lino con-

descenda um pouco com a alegria do nosso ceu e a riqueza de nossos recursos de construcção, que se compadeça deles; e que, num futuro proximo, essa fachada receba uma sobria ornamentação que, nobilitando-a e alegrando-a, lhe não perturbe todavia, a calma augusta e grave das suas linhas.

Seja porem como fôr, a idea de Colaço é bela, a colaboração de Raul Lino valiosissima e tudo leva a crêr que os 250 subscriptores para que apéla o illustre pianista corram presurosos a depôr, nas suas mãos que tantas e tam nobres alegrias lhes tem dado, o magro subsidio que nunca sonhou com mais superior e fecunda applicação. Para que em breve essa bela idea se converta numa consoladôra rialidade.

Lisboa, 19-11-15

ANTONIO ARROYO.

O ANO ARTISTICO

João de Barros pediu-me, para o segundo número da *Atlântida*, um balanço rápido da vida artistica portugueza durante o ano de 1915. Escrevo-o a correr. São simples anotações ácerca dos factos dominantes. Crítica? De modo nenhum. Notícia. A noticia viva, curta, fulgurante, exacta, — inventário de factos e comentário breve de aspectos.

*
* * *

A 15 de maio inaugurou-se a décima segunda exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, no palácio da Rua Barata Salgueiro. Impressionaram-me profundamente os retratos neo-velasqueanos de mestre Columbano, já muito meus conhecidos, e, entre todos, o retrato maravilhoso de Augusto Rosa, a que largamente me referi no meu ultimo livro «*Ao ouvido de M.^{me} X;*» os *Carvalhos* e *Chã de Leonte*, do grande colorista que é Veloso Salgado; o retrato de M.^{lle} Sophia Berlein, obra prima de Constantino Fernandes; o mármore de Francisco dos Santos, que me lembrou, pela energia da expressão, o *Beijo*, de Rodin; e toda a obra original, vigorosa, inimitável, de Malhõa. De Columbano, tudo está dito. Honra o nome portuguez e a raça latina. De Malhõa, muito há ainda para dizer. A sua exposição d'este ano é notável. Desde a *Varanda dos Rouxinoes*, comovida pintura onde balbucia, entre glicínias azues, a ingénua expressão d'um idílio de Theócrito, até essa maravilha de cõr que se chama *Um recanto de Figueiró dos Vinhos*; desde o retrato do sr. A. L., com a sua blèpharite de velho e o seu brazão d'armas, até à cabeça enérgica, viril e moça do *Cefeiro*, que se diria arrancada, estuando sangue, às páginas ardentes de Fialho; desde a originalidade magnífica da *Pereira Sêca*, onde uma face risonha de velho assoma junto d'uma arvore florída, até a essa soberba orquestração de horizontes e de céus, branco luminoso nas *Margens do Arunca*, róseo de poente na *Igreja* e no *Nascer de lua*, pardo e trágico na *Trovoada perto*, — como o talento de Malhõa, de tela para tela, explende e vive, se exalta e se transfigura, cheio de raça e de cõr, de povo e de sol, de bravura e de orgulho!

* * *

No mesmo mez de maio abriram-se ao público, no Museu Nacional de Arte Antiga, mais tres salas novas. A arte portugueza está devendo grandes serviços ao dr. José de Figueiredo. O illustre director do Museu das Janelas Verdes não tem apenas a competência que enobrece; possui a fé, que move montanhas. A sua obra é uma obra de renovação e de claridade, de revelação e de dignificação. O seu nome ficará, como o de um dos melhores educadores do sentimento artístico em Portugal. As tres novas salas do Museu, — a dos primitivos, com Memling, Frey Carlos, Eduardo, o «Portuguez»; a dos mestres do século XVI e XVII, com Dürer, Holbein, Rubens, Rafael, Giordano, Della Robia; a dos flamengos e holandezes, com Tenniers, Abraham van den Tempel, van Thulle, — são tres lições de beleza que honram em José de Figueiredo, simultâneamente, o organizador, o educador e o artista.

* * *

Foi creado e está sendo instalado no novo palácio do Conservatório de Lisboa, um grande museu de Música e de Teatro. Nele se encontram largamente representadas as artes histriónicas e subsidiárias do espectáculo dramático, e a organologia arcáica e moderna. Da colecção instrumental farão parte tres colecções fundamentaes: o museu Keil, que o Governo deseja adquirir; a colecção de arqueologia instrumental pertencente ao Estado, proveniente sobre tudo de casas congreganistas extinctas e provisoriamente instalada no palácio das Necessidades, e a colecção organológica que o illustre musicólogo Sr. Nichel Angelo Lambertini ofereceu ao Conservatório. D'esta última, onde há peças valiosas e interessantes, como uma espineta italiana do século XVI; uma virginal do século XVIII montada sobre suporte de sátiros alados; uma admiravel harpa de Cousineau; teorbas e cistros seiscentistas; clavicórdios de 1730, encontrados em Coimbra, no convento de Santa Tereza; sanfonas francezas de pastoral de Boucher ou de Watteau; baixões monásticos; saltérios italianos de cem cordas; cravos de penas, e outras joias de arqueologia musical, — publicou o Sr. Lambertini um catálogo sumário que honra a sua competência. Portugal, em matéria d'arte, atravessa, evidentemente, uma fase de organização e de construção. Não a perturbará a política?

* * *

Morreu o mais notavel dos criticos de arte portuguezes: — Ramalho Ortigão. O auctor eminente do *Culto da Arte em Portugal* não é apenas um jiterato: é meio século de literatura. Não é apenas um homem: é uma sociedade, é uma época. A sua influencia sobre a sociedade portugueza da segunda metade do século XIX, só comparavel á influencia de Rafael Bordalho, foi formidavel. Ensinou duas gerações a pensar, a escrever, a vestir. Sob o seu influxo, renovaram-se as consciências, transformaram-se as modas, modificou-se o psiquismo d'uma época inteira. Foi ele que pela primeira vez afirmou a existência de uma Arte portugueza. Esse homem singular, d'uma viril energia, de uma impertubavel serenidade, inglez pelos hábitos, francez

pelo espirito, estruturalmente portuguez pelo coração; esse homem que viveu com a simplicidade de um filósofo e que cahiu na morte com a magestade de um tronco fulminado, — soube ter, como nenhum outro homem de letras em Portugal, a coragem do seu tipo, a coragem da sua individualidade, a coragem da sua independência, a coragem das suas opiniões. Ramalho Ortigão foi a mais nobre e a mais vehemente expressão de um caracter.

*
* *

Teixeira Lopes concluiu o busto da Duquesa de Palmela, D. Maria Luiza de Sousa Holstein. É uma maravilha, que há de ficar, na história da estatúaria portugueza contemporânea, ao lado do célebre busto da *Ingleza*, de Soares dos Reis. Resplandece, nas creações dos dois Mestres, o mesmo claro de génio. São duas obras irmãs. A frescura, a fluidez, a espiritualidade que há na expressão d'esse mármore admiravel, onde uma grande figura de mulher renasce para a vida eterna das estátuas! A *Duquesa de Palmela*, de Teixeira Lopes, é, simultâneamente, o espirito e a raça, a doçura e a energia, a altivez fidalga e a graça acolhedora. Tem a cabeça levemente inclinada sobre o hombro, na sua attitude habitual; o cabelo ondeado e alado em dois bandós crespos; a linha do nariz imperativa e nobre; o sorriso tranquilo, espiritual, inteligente, indefinivel, enrugando-lhe a commissura das pálpebras, fazendo-lhe arfar de leve a narina, florindo-lhe na boca finamente polpuda, iluminando-lhe os dentes eguaes, — como se em volta d'esses lábios d'austriaca, o mármore, sangrando, palpitando, vivendo, ganhasse a fluidez d'um nevoeiro, a transparência luminosa d'uma gota d'agua, a imaterialidade perturbadora d'um perfume. O supremo Artista, que soube fixar, n'um lampejo de intuição, tudo quanto havia de rápido, de impermanente, de fugitivo n'essa expressão infinitamente mudavel e eminentemente intelectual, quiz comprazer-se, com a arte clara d'um grego e a volúpia anciosa d'um italiano da Renascença, a arrancar áquele bloco de calcáreo, golpe a golpe, scentelha a scentelha, um espirito que lateja e freme, uma graça que envolve e que sorri. Perante o busto d'essa nobilissima Mulher, primavera eterna que encheu com o seu talento a segunda metade do século XIX, recordei a frase subtil de Fontenelle: — «O segredo da sua idade é o único que as mulheres sabem guardar».

*
* *

Manoel Gustavo realisou, no norte de Portugal, uma exposição de olaria artística. N'essa exposição, o illustre artista vincoou, d'uma maneira nítida e profunda, a sua feição original de *potier d'art*. Ao seu impulso renovador desapareceu a velha faiança quebradiça, os encanastrados frágeis da tradicional louça das Caldas, para surgir a olaria sólida, ás vezes com o aspecto grave e resistente dos *potiches* japonezes, procurando valorisar-se mais pela linha sóbria e elegante do vaso do que pela complicação excessiva dos motivos ornamentaes. E' já outra faiança que nasce, rica de novas formas e de novos vidrados, de novos processos e de novos modelos — uma faiança esbelta e simples, sóbria e forte, que com duas vieiras enriquece um pichel, que d'um cone truncado faz um *potiche* gracioso, que transforma n'uma nobre peça um can-

girão de Barcelos, e que ascende á mais pura arte no «Gomil dos noivados», deliciosa terra-cota em barro branco de Leiria, cuja taça léve e cujos pequeninos Amores eu entrevejo, afagados a cinzel, no ouro baço das velhas joias, servindo de calix, em pleno officio da missa, a algum elegante e voluptuoso cardeal da Renascença.

*
*
*

Tendo-se aberto concurso, na Escola de Belas Artes, para o provimento da cadeira de escultura, concorreram dois escultuários portuguezes: Costa Mota e Simões de Almeida Sobrinho. Uma das provas consistia na interpretação de uma grande figura histórica: o Infante D. Henrique. Acabo de vêr o solitário de Sagres nas versões, ambas interessantes, dos dois illustres escultores. O Infante de Simões d'Almeida é o mesmo da iluminura do códice de Azurara e das tábuas admiraveis do Nuno Gonçalves: fisionomia dura, reflexiva, enérgica; typo celto-slavo, escuro, plebeu; o mongil rôxo e o chapéu amantado de Borgonha, tão conhecidos dos retratos de Van Eyck; as mãos normandas e finas amarrotando um portulano de Veneza. O Infante de Costa Mota é menos característico; tem menos composição e menos vigor; mas a máscara é bôa e a expressão justa. Ambos os candidatos, pelo valor incontestavel das suas provas, fôram admitidos em mérito absoluto; em mérito relativo o venceu Simões d'Almeida Sobrinho, por nove votos contra dois. Os alunos da Escola de Belas Artes, n'uma sentida homenagem de respeito pelo velho escultor vencido, que não excluiu a admiração pelo vencedor, juncaram de flôres a sua estátua.

*
*
*

Morreu a senhora D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, que tão alto elevava a indústria artística das rendas portuguezas. No instante em que essas lindas mãos se immobilisam na morte, -- recordo a lojinha do Tesouro Velho, silenciosa como uma capela, onde a grande Artista expunha as suas últimas creações. Uma luz doirada e tranquilla de fim de tarde; dois ou tres móveis portuguezes; um molho de rosas frescas sangrando e abrindo nas guélas d'uma faiança de Raphael, — e, em volta, armadas sobre almofadas de veludo, dezoto, vinte pequeninas joias brancas, mordidas de oiro aqui e além, finas como espuma, leves como pensamentos, expressão gloriosa e paciente de tudo quanto pode haver de encanto, de fragilidade e de graça na arte delicada da Mulher. Hoje, que ella morreu, julgo ver por sobre essa leve ourivesaria branca, misteriosa e antiga, erguidas em gestos de graça e de súplica, de éxtase e de vôo, de bênção e de dôr, mãos ligeiras, mãos resignadas, mãos melodiosas de mulher, entre cujos dedos brincam, dançam, florescem eternamente, como um suplicio, pequeninos bilros de madeira.

JULIO DANTAS

O ANO LITERARIO

Nunca a palavra pesadelo, de que abusamos tanto, correspondeu, tão lugubrememente, como agora, á realidade, na maior catástrofe provocada pelas misérias dos homens, pelas suas ambições, pelo seu orgulho, por essa fatalida-

de imponente e monstruosa que faz degladiarem-se os povos e as raças e que as epopêas idealizam, mais tarde, nos seus cantos.

Uma impressão de sonho e pesadelo. A's ideias de luta pela vida, de triunfo dos fortes, opuzeram-se, nos últimos cincoenta anos sobretudo, as tendências de solidariedade, de paz, de socialismo, de arbitragem. O aumentar dos armamentos era, realmente, aterrador, mas muitos ingênuos supunham que se poderia evitar este amontoar de pavores inauditos, cujo desfecho é ainda incalculavel.

Ao cabo de ano e meio, já muita gente corre os telegramas da guerra quasi com a simples curiosidade de seguir um folhetim. Não é só pelo hábito. E' tambem pela impossibilidade de sentir de longe, fundamente, impressivamente, a grandeza estupenda desta catástrofe.

O indivíduo apága-se, sóme-se nas grandes massas anónimas dos exércitos. Os mortos e feridos contam-se, cada dia, ás dezenas de milhares. Nas encostas e nas planícies das nações em guerra, o vento levanta baforadas de podridão. Extenuada, imunda, por vezes cheia de fome e de sede, com uma ferocidade acirrada pelo sofrimento e pelo treno dos massacres, a soldadesca mais rude semeia a devastação e a morte, para esquecer o seu próprio terror, excitando bestialmente os instintos de acoissados e de perseguidores.

Que searas imensas de vidas, a dos exércitos entregues á morte! Nasceram de milhões de amores, esses que o fogo e o ferro dilaceram. Para quantos foram inúteis os cuidados das mães, as noites em branco, os devaneios sobre o futuro, as esperanças, os grandes sonhos!

Desilusões sem remédio para o nosso idealismo de pacifistas; e como todos vamos saír alquebrados desta desgraça imensa, os que combatem e os que de longe seguem angustiadamente os horrores da guerra! A ruina economica, a rudeza e o retraimento da vida social, um ambiente desfavoravel á arte, a sangria aniquiladora na flôr das raças, a miséria e o luto — que contraste para as aspirações de bondade a que tanto nos afeiçoaram as páginas sonhadoras e vagas de Guyau, Zola, Tolstoi, Mirbeau...

E o que nos causa mais angústia é a possibilidade de a guerra ainda se prolongar por muito tempo. A Allemanha é uma nação imensamente poderosa, cuja civilização nós, latinos, não sentimos e mal compreendemos, que nos irrita e nos enerva, que nos ameaça e nos agride. Mas é, em muitas coisas da intelligencia, a primeira ou uma das primeiras — na medicina, na jurisprudência, na pedagogia, na defesa, no comércio e nas indústrias. Dá sobretudo, ao *sur-ménage* secular dos latinos, uma impressão de força, de mocidade irreprimivel. Infelizmente, acima do esplendor universitário, da filosofia germanica, da música sublime, da frente de Goethe e das águias imperiais, o mundo vê, a cada passo, surgir o tacão bestial e caserheiro da grande bota prussiana.

Uma nação como a Alemanha difficilmente se aniquila; subjuga-se momentaneamente e, para isso, é necessário atirar, para o outro prato da balança, os canhões, as esquadras, o dinheiro e o orgulho britânicos. E' um adversário que, mesmo de corda na garganta, será sufficientemente forte para não aceitar condições muito humilhantes.

A hipótese mais terrivel é que todas as nações em luta, extenuadas de dinheiro e de energias, façam involuntariamente resvalar o conflito para uma dubia anarquia geral, um exgotamento tremendo, em que as suas forças des-

manteladas, incapazes dum lance decisivo, se desmoralizem numa impotência prolongada.

Como não há na historia um conflito comparavel a este, é impossivel prevêr até que ponto a miséria e a morte, saltando de fronteira em fronteira, venham a alastrar, na Europa, uma devastação mais horrivel que as mais horri-veis calamidades contadas nas crónicas da idade média. As multidões, sofren-do demasiadamente na terra, volverão porventura os olhos, novamente, para o céu vasio. E o nosso orgulho de civilizados, estéril e inutil, quebrá-lo-ão as dôres incomportaveis. As nossas torturas serão talvez maiores que as dos sel-vagens nús, sem fogo e sem abrigo, porque temos nervos vibrateis e afinados, como stradivários de sofrimento.

Mas, apesar de todos os maus preságios, «o milagre francês» realizou-se, a Alemanha, em sete ou oito milhões de homens, já tem mais de dois milhões de baixas confessadas, o bloqueio arruinou o seu comércio marítimo, o golpe dos Balkans está falhando neste momento e a Inglaterra, embora hesitando em decretar o serviço militar obrigatório, continua disposta, como de costume e sem pressa, a vencer.

*
*
*

A guerra limitou a produção literária quasi só às paginas apressadas dos panfletos, dos jornais e dos livros de impressões sobre combates, recorda-ções e episódios de heroismo. Ainda não há a perspectiva da história para os grandes quadros esboçados na maneira ampla da *Guerra e a Paz*, uma das obras mais estupendas de todas as literaturas. Os próprios poetas sentiram a impossibilidade de igualar os seus cantos à grandeza das acções que se desen-rolam continuamente nos campos de batalha.

Por vezes, essa larga perspectiva histórica é dispensada para um cân-tico de triunfo e de glória, quando o poeta soltou tambem o grito de ataque e de combate e trouxe, da peleja travada, uma impressão sangrenta e fúlgida, os gemidos de dôr, a imobilidade sinistra dos que ficaram pelo caminho, o clamor da victoria, a invocação altiva e melancólica da Pátria. Assim, este magnífico soneto de um poeta ainda ha pouco obscuro, Maurício Boigey, *Vauquois*, publicado num jornal das trincheiras, *Le Rigolboche* :

*Vauquois . sombre colline émergeant des guérets,
Nos héros t'ont reprise, un matin, pierre à pierre.
Tu te gorgeas de sang, au fracas du tonnerre
Dont le roulement sourd emplissait les forêts.*

*Colline d' épouvante et pleine de secrets,
Petite dans la paix, énorme par la guerre,
J'irai m'agenouiller sur ta funèbre terre
Et porter aux héros le tribut des regrets.*

*Un jour que ton sommet se changeait en fournaise,
Ils te prirent d'assaut, hurlant la Marseillaise,
Troupe de lionceaux guidés par des lions.*

*Dormez, nobles guerriers, sur la noble colline,
La gloire vous a ceints de ses plus purs rayons,
Et la Patrie est là qui vous pleure et s'incline.*

Edmond Rostand consagrou um soneto pedante e sêco, à destruição da catedral de Reims. No entanto, que dolorosos poemas de indignação e piedade serão inspirados, durante séculos, pelas ruínas das velhas igrejas devastadas, do norte da França, monumentos povoados de recordações ainda mais belas e delicadas do que as centenas de estátuas que lhes vestiam de grupos humanos as vetustas paredes da idade média. Para os crentes e para os artistas, é igual o horror pela abominável brutalidade alemã. Mesmo que se provasse terem os franceses utilizado os campanários para postos de observação, nem assim os alemães justificariam o seu crime. A catedral de Reims merecia bem o sacrifício de alguns corpos de exército.

Para os espíritos cheios de crenças piedosas, as velhas igrejas têm um encanto profundo e repassam-nos dum respeito em que ha assombro e mistério. Paira nelas o sopro de Deus, materializado nas imagens e nos relicários. As sombras e os recôncavos soturnos parecem sussurrantes e povoados de almas, umas bemaventuradas, outras errantes e perdidas. O brilho das luzes e o fulgor das pedrarias e dos metais preciosos evocam os gládios coruscantes dos arcanjos e o trono de Deus.

Mas para os descrentes o encanto não é menos subtil e penetrante. O vazio infinito dos céos forma um contraste duma ironia comovedora e enternecida com essas colunas e abóbadas altíssimas, que para êles se ergueram implorativamente, ao esforço, durante séculos, de milhares de obreiros que descansam ha muito na terra. Milhares e milhares de criaturas ajoelharam ali, sofreram e cerraram igualitariamente os olhos, arrastando no mundo uma maior ou menor agonia. Como as ondas do mar, eternamente desfalecendo e eternamente erguidas, as gerações passaram, abençoando Deus ou sorrindo dolorosamente diante da impalpavel eternidade da sua glória.

No brilho esmaecido das roupagens, das joias e das pinturas, vão os nossos olhos procurando o geito amoroso com que os artistas de outras idades as dispuseram e avultaram. As grinaldas dos sonhos e dos devaneios ficam por muito tempo balouçando se amorosamente nas nossas almas, sobre o abismo das éras desvanecidas. O arrepio delicioso e nobre, que fez nascer os cantos altivos de Vigny e os trenos de Leopardi, enche-nos dos terrores atraentes e dos desfalecimentos passageiros em que nos debruçamos sobre a eternidade e a morte.

São infinitos os temas literários, heroicos e dolorosos, da guerra, e hão-de inspirar os romancistas, os poetas, os dramaturgos e os historiadores, durante muitos séculos. O que podemos prevêr desde já é que os milhões de crianças concebidas em meio das maiores agonias de esposas e mães, nascidas dos beijos dos «permissionários» que, entre dois combates, trazem ao leito nupcial, para umas ternuras momentâneas e cheias de lágrimas, os pobres corpos combatidos — essas crianças serão, mais tarde, os adolescentes em cujos sonhos de liberdade e de glória haverá a melancolia das gerações predestinadas pelo infortúnio para uma quasi irremediavel invalidez moral e de acção. Se as guerras napoleónicas, brinquedo de exércitos minúsculos a par das formidaveis

acções travadas hoje, exacerbaram as taras nervosas dos românticos de 1820 a 1830, que extremos de passividade melancólica, de tristeza, de pessimismo poético, atingirá a mocidade de 1930 a 1940?



Tendo seguido o movimento literário em Portugal, no ano de 1915, sem as responsabilidades duma secção de crítica, haverá omissões inevitáveis nesta apressada revista de trabalhos publicados recentemente entre nós.

Afonso Lopes Vieira, que n'*A poesia dos painéis de S. Vicente* continuou mostrando ser um dos nossos mais belos prosadores contemporâneos, nas *Poesias sobre as scenas infantís de Schumann* interpretou as subtis emoções das crianças, com uma ternura encantadora. Augusto Gil, na *Sombra de fumo*, «emprestou ao poema processos musicais»; o seu livro lê-se no quarto d' hora que leva a consumir-se uma cigarrilha perfumada. O fumo e o aroma evolvem-se num momento e os sentidos vibram, com uma suavidade amortecida, quasi imperceptivelmente. Mário Bei:ão, no *Ausente*, a par do ritmo, da côr dos poemetos por vezes muito vagos, mostrou ser um dos saudosistas mais inspirados, se por saudosismo se compreende um mixto de nostalgia, desgraça, aniedades amorosas e expressão lírica de raça decadente.

Basílio Teles publicou sobre *A Guerra* as opiniões serenas de um elevado espírito. O sr. Luciano Pereira da Silva enriqueceu a bibliografia camoneana com um estudo interessantíssimo sobre *A Astronomia dos «Lusiadas»*. O sr. Mendes dos Remédios, na útil colecção de *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, deu-nos, além da *Castro* de António Ferreira, o volume *Escritoras doutros tempos*, em que se destacam as obras tão originaes de Soror Maria do Ceo. António Sérgio, na *Educação Cívica* e nas *Considerações histórico-pedagógicas*, afirmando com entusiasmo a grandeza das ideias e das obras de Alexandre Herculano, exalta a iniciativa individual e a cultura alheia a um estreito character nacionalista e intelligentemente pratica, condenando o parasitismo burocrático e a tradicional educação comunitária do nosso país. Teófilo Braga coordenou e prefaciou o livro *Tristão o Enamorado* e escreveu um estudo erudito para a última edição da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. Manuel de Sousa Pinto analisou a individualidade de *Rafael Bordalo Pinheiro*, como caricaturista, no primeiro volume das suas melhores obras. O sr. Júlio Dantas escreveu uma série de crónicas sobre *O Amor em Portugal no século XVIII*, socorrendo-se principalmente, segundo parece, do *Anatómico Jocosos*; nessa obra anedótica abundam intrigas e episódios de alcova, sangrias, clisteres, purgas, penteados, murças de cónegos e lascívias de purpurados; dá-nos a impressão, talvez propositada, de ter baseado o seu trabalho no inventário dum cabeleireiro e nas memórias duma alcoviteira.

Leonardo Coimbra reuniu em volume, com o título de *O pensamento criacionista*, as lições de filosofia efectuadas, ha meses, na Universidade Popular do Porto. João de Deus Ramos publicou em folheto o projecto de lei, discursos e pareceres sobre a *Reforma do Ensino Normal* que, a executar-se, no ano próximo, sensatamente, com honestidade e elevado espírito republicano, poderá contribuir para resolver com eficácia o problema ainda mal esboçado da educação nacional.

O sr. Reis Santos, no trabalho apresentado no concurso para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sobre os *Factores essenciais do Império Britânico*, realizou um estudo muito interessante, sob vários pontos de vista, para o nosso país, sobretudo no momento terrível e decisivo da conflagração europêa. O sr. Veloso Rebelo, nas *Primeiras tentativas da Independência do Brasil*, documenta as suas aptidões de consciencioso erudito.

Entre outras revistas honestas e úteis, continuam a publicar-se o *Arquivo Histórico*, que deu ha pouco uma sumptuosa edição da *Chronica de Dom João Primeiro*, de Fernão Lopes; *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, cujas belas edições se destacam nas obras nacionais de livraria; a *Revista de Educação*, da Sociedade de Estudos Pedagógicos; e *Portugal*, em que o sr. W. Bentley, mostrando pela pátria portuguesa um profundo amor, faz a mais desinteressada e penhorante propaganda da nossa terra.

No momento em que encerramos esta nota, acabam de aparecer as recordações do sr. Ricardo Jorge sobre *Ramalho Ortigão e Gente d'algo* do sr. Conde de Sabugosa. Tencionamos falar destes livros no próximo número.

O sr. António Barradas enviou-nos a dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto sobre *A Linguagem médica de Portugal e Brasil*. Também recebemos o estudo estético do sr. Aarão de Lacerda, *Da Ironia, do Riso e da Caricatura*, a 2.ª edição aumentada da *Tragédia Divina* do sr. Costa Victor e o volume de poesias *Golpes*, do sr. Eduardo Pereira.

*
*
*

José Pereira de Sampaio (Bruno) era uma individualidade complexa. Propagandista republicano, o seu idealismo puríssimo desgostou-o pela realização imperfeita das suas aspirações. Erudito, maravilhava pela abundância e certeza dos conhecimentos e noções acumuladas. Crítico literário, sem o brilho duma prosa evocadora e fúlgida, tinha no entanto, pela inteligência e pelo esforço paciente, um relevo original — nas páginas da *Geração Nova*, por exemplo. Historiador, da informação minuciosa conseguia, por vezes, erguer a visão dum episódio ou duma época. Filósofo, o seu espírito elevado e árido não se tornou acessível, senão parcialmente, mesmo entre os intelectuais mais cultos do nosso país. As pessoas da sua intimidade afirmam unanimemente o character bondoso, a grandeza moral, a suprema espiritualidade desse homem — no convívio dos amigos, nas palestras, na sua existência cheia de probidade e interessada sempre e apenas pelas nobres coisas do espírito.

LUIS DA CAMARA REYS

OS THEATROS

Julio Dantas, a quem a Escola da Arte de Representar deve o mais notável impulso que semelhante ensino recebeu em Portugal desde Garrett, sendo apenas para sentir que o número e a importancia das vocações não correspondam á grandeza desse bem orientado esforço, segue com uma carinhosa solicitude os progressos dos seus alumnos, patrocina-os quando tentam os primeiros passos na vida do theatro e vae tão longe no empenho de lhes suavisar as asperezas do caminho, em que tantos succumbem por falta de inci-

tamento e de apoio, que para elles tem cinzelado algumas das mais belas páginas da sua tão brilhante como discutida obra de dramaturgo. As *Rosas de todo o ano* escreveu-as para Maria Mattos e Dalila Motili interpretarem no pequeno palco do Conservatorio, nas últimas provas do curso; para Luiza Lopes e Celeste Leitão compoz *Soror Mariana* com que ambas auspiciosamente se estrearam no Gymnasio.

E' um acto curto, intenso, de technica modelar, seguro de effeito, esse a cuja volta se levantou o ruido que assignala sempre a exhibição duma nova peça do eminente poligrafo. Houve desta vez quem pretendesse descobrir em *Soror Mariana* o propósito de atacar o monachismo e quem dissesse que a verdade histórica tinha sido nella deturpada. Nem uma coisa nem outra! A freira de Beja, admittida a authenticidade das famosas cartas sobre a qual o paciente e erudito estudo de Luciano Cordeiro quasi não deixa uma dúvida, trouxe-a Julio Dantas á luz da ribalta como ella propria, escrevendo a Chamilly, se retrata. Quanto a um supposto ataque á clausura religiosa, excluida a natural revolta de Mariana contra os que, creança ainda, a metteram no convento, debalde lograriam proval-o os levianos acusadores. A relaxação que caracterisava tantos mosteiros em pleno século XVIII não se adivinha em nenhuma das outras figuras do drama, vasadas, pelo contrario, em moldes austeros como a abadessa, ou exemplificando a bondade evangélica de Jesus como o bispo. A mesma freira confidente aconselha o bem, aponta os riscos, insinúa a enormidade do sacrilegio... Mas condensemos, em breves linhas, o entretcho do evocativo acto.

O conde de Chamilly teve a última entrevista nocturna com Mariana Alcorado no mosteiro da Conceição de Beja. Despedem-se na casa do capitulo onde reinam a escuridão e o silencio. Contrastam a secura, a indifferença do capitão de cavallos, que é um vulgar conquistador satisfeito, e a fervorosa paixão da freira clarista, suplicando-lhe que a arranque d'aquelle inferno e a leve para França, que, ao menos, quando passar pelo mosteiro, mande tocar mais alto os clarins para ella sentir a sua alma que passa. Chamilly foge-lhe dos braços, o sino toca para o côro, a comunidade começa a descer a escadaria de pedra para atravessar a casa do capitulo e a abadessa, toda curva ao peso de meio século de claustro, dá com Mariana e Ignez que se desculpam. Nessa altura, apparece uma visita inesperada: o bispo. Recebera denuncia de que um homem entrava de noite no convento. Quando aguardava, no terreiro, que rompesse a manhã, para não infringir a regra, vira-o descer por uma corda e reconhecera-o: era o conde de Chamilly e de Saint Leger. Tornava-se preciso saber que freira o recebia na sua cella. Fazem-se indagações. Ignez e Mariana veem á presença do prelado. Inquiridas, negam ambas. D. Frei Francisco lê então a carta denunciadora. Era do proprio Chamilly para um amigo e fôra perdida. Nella dizia o capitão de cavallos: «... Já sinto a falta de Versailles, do regimento de Mazarin e das mulheres de Paris, As portuguezas enfastiam-me de morte... Deixo ahí duas em Beja. Uma freira do mosteiro da Conceição, que me recebia de noite no convento e uma mulher da rua do Toro, que me deu ha tres dias um filho.» Soror Mariana, que ouvira ler parte da carta suspirando voluptuosamente o nome do bem amado, não se domina mais. Morde-a o acicate do ciume. Numa allucinação, arranca o papel das mãos do bispo, amarfanha-o nas suas, beija-o, clama que é men-

tira o que nelle se contém, pergunta em dolorosos brados porque lhe fugiu, porque a matou o amante, e confessa, com orgulho, que recebera, de facto, o conde de Chamilly. Mas, do mesmo passo que diz ser bom soffrer por elle, lamenta que a não houvessem estrangulado no berço e que a sepultassem viva, amortalhando a naquelle hábito que a suffoca... Olham-na com estupefacção. Através da larga janella de miudas rotulas, a claridade rosea da manhã augmenta. De súbito, a marcha de clarins rompe lá fóra. Mariana, desvairada, precipita-se sobre as grades, chama pelo seu Noel que a não ouve. roga-lhe que a tire daquella prisão, que a leve porque deseja viver! E, exhausta, confundindo-se-lhe a palidez do rosto com a alvura da toalha, eil-a por terra, hirta, como morta, enquanto os clarins se ouvem mais perto e os primeiros raios de sol a osculam, assim prostrada no chão de tijolo da casa do capitulo. As últimas palavras, de paternal indulgencia, profere-as o bispo, respondendo á abadessa que o interroga sobre o que ha de fazer: «Que a tratem com amor. Deus ouviu-a. E perdou-lhe.»

Na posse absoluta das suas admiraveis faculdades, Julio Dantas theatralisou magistralmente este episodio, em que a psicologia amorosa da freira de Beja se ajusta com perfeito escrúpulo á lição dos únicos documentos que possuímos della: as inegalaveis cartas. As scenas encadeiam-se rápidas, primeiro a da despedida dos amantes, depois a das exprobações e rogos de Ignez, em seguida as da visita episcopal com a comunicação do escándalo á abadessa e o interrogatorio de Mariana e da sua companheira, por último, a confissão do peccado de amor, predominando sempre o diálogo de phrase breve, incisiva, natural, por vezes quasi monossilábico. Luiza Lopes, que na prova final do curso dissera e representára com impressionante vigor dramático o monólogo de Maria no terceiro acto de *Frei Luiz de Sousa*, confirmou, desempenhando *Soror Mariana*, os juizos da crítica, ao consideral-a um temperamento promissor que o estudo e a experiencia hão de fortalecer para que a tragedia entre nós tenha d'ora avante quem a incarne. Se hesitações ou falhas os mais exigentes entreviram porventura no seu trabalho, as qualidades patenteadas, e que os espectadores em noites successivas premiaram com applausos, constituem sobeja garantia de futuras noites de gloria. Na abadessa e no bispo, Maria Mattos e Mendonça de Carvalho agradaram sem reservas e Celeste Leitão em soror Ignez, a freira confidente, teve, como Luiza Lopes, uma feliz estreia. Seria lastimavel esquecimento não mencionar a primorosa montagem de *Soror Mariana*. O scenario da casa do capitulo do mosteiro da Conceição, que José Mergulhão pintou sobre uma sugestiva aguarela conjectural de Alberto Sousa, honra ambos os artistas.

*
* *

Outra peça que o Gymnasio poz em scena com requintado gosto intitula-se na traducção portugueza de João Soller, da adaptação hespanhola de D. Frederico Reparaz, *La donna é mobile*, e subscrevea a comediographa americana miss Margaret Mayo. O seu titulo original é *Duas camas*, e a auctora já havia conquistado as sympathias do público do mesmo theatro com outra peça igualmente movimentada e alegre: *Chuva de filhos* ou, traduzindo á letra o seu titulo de origem, o *Meu bebé*. Representada no Cervantes de Madrid, na vespera de o ser em Lisboa, *La donna é mobile* caíu redon-

damente, a despeito de figurar entre os seus interpretes um comico de reconhecido valor: Simó Raso. «El escándalo — escreveu um crítico — fué mayúsculo». Em Lisboa, porém, succedeu o contrario. Os espectadores — sobretudo as espectadoras — riram com as chistosas inverosimilhanças da farça, admiraram a harmonia do desempenho que lhe deram os artistas hoje dirigidos por Maria Mattos e aplaudiram todos os interpretes e tambem a empresa que timbrou em apresentar *La donna é mobile* com um adequado e lindo scenario.

Ha um jovem casal, no primeiro acto da peça de miss Mayo, em que a discordia começa a produzir-se por divergencias de gostos. Deliciosamente instalada, ella compraz-se em receber e obsequiar os visinhos; elle detesta semelhantes familiaridades aliás inocentes, e sobretudo a especie de côrte que um ridiculo tenor italiano faz a sua mulher, que gosta de o ouvir gargantear a canção do *Rigoletto*. A fim de pôr termo a tal convivencia, resolve mudar-se. A consorte do tenor, antiga domesticadora de patos, ciumenta do marido, toma resolução idéntica, e sem saberem uns dos outros, tornam a ser inquilinos do mesmo predio. A admiradora do italiano conheceu a moda de duas camas no quarto conjugal da casa delle e adoptára-a tambem. E' em torno dos dois leitos novos que toda a intriga se desenrola...

Certa noite, o tenor que abusa das bebidas, engana-se no andar e introduz-se no domicilio dos seus antigos visinhos. Estava elle no club e ella adormecera pouco antes. E' o segundo acto, — um pretexto para duas scenas mímicas: a da dona da casa que treme com medo dos ladrões e apenas se deita depois de rebuscar todos os cantos, e a do italiano ebrio que se julga na sua residencia e se mette na cama alheia, tomando-a como a propria. A suprema habilidade de miss Mayo consiste em evitar qualquer deslize pornographico, por mais que aproxime o lume da estopa, e não ha dúvida de que o consegue. No terceiro acto, aquelle em que a farça attinge o auge da confusão, é a surpresa da pobre dama que descobre o tenor no leito do marido; é este que chega e não comprehende a angustia da mulher; é o italiano que se esconde debaixo da cama e dentro de um cesto de roupa; é a domesticadora de patos que procura o seu «divo», disposta a ministrar-lhe uma dura lição; é certa criada, presumindo de esperta, que reputam louca e que por sua vez se considera entre doidos; são outros typos ainda e outras hilariantes complicações, terminando a comedia por tudo se esclarecer a geral contento. As duas camas causadoras da balburdia unir-se-ão, para substituir o leito commum que fôra desterrado . . .

Em nada inferior á maioria das peças do seu genero, excedendo até muitas dellas na leveza, na fantasia e na graça que não contunde nem ruborisa, sem uma escabrosidade de situação ou de phrase, comprehende-se que *La donna é mobile*, tal como a vimos no Gymnasio, bem representada e bem montada, obtivesse um lisongeiro exito.

*
* *

O theatro Nacional, depois de recordar *Peraltas e secias* e *Os velhos*, duas das mais perfectas comedias do theatro portuguez contemporaneo, deu-nos como primeira peça nova na presente época um trabalho estrangeiro, o que não se coaduna muito com o seu nome, embora esse trabalho seja dos que em qual-

quer parte, pelo seu incontestavel valor, se impõem á admiração e ao applauso do público. Trata-se de *La malquerida*, de Jacinto Benavente, hoje talvez o maior dramaturgo da península, comquanto em sua mesma patria figuras como Pio Baroja pretendam reduzir-lhe os meritos quasi apenas a uma grande intelligencia e a uma grande habilidade, — o que já não seria pouco! Tragedia rural, o scenario doutra aldeia que não fosse hespanhola sorrir-lhe-ia tambem. Não reside, com effeito, na côr local, mero accidente, a profunda belleza da obra. Nos tres actos soberbos de *La malquerida* não se pintam de preferencia costumes, esculpem-se estados de alma, e a acção é quasi tudo, as palavras quasi nada, soprando através das suas scenas, como acertadamente escreveu Pedro de Répide, «el viento fatídico y fatal de la tragedia griega». O conflicto de amor, criminosamente liquidado, e que dois tiros de espingarda, como duas balizas, assignalam, ao cahir o pano sobre o primeiro e sobre o terceiro acto, perscrutamol-o nas suas causas e nas suas consequencias desde que a representação começa. Jacinto Benavente é assombroso de perfeição technica e de analyse psicológica. As personagens do seu drama são creaturas verdadeiramente humanas, ainda na propria torpeza que caracteriza algumas. A catástrofe produz-se e não nos surprehende, tão inexoravel se desenhou a fatalidade... Recordemos, em sumula, o thema de *La malquerida*.

Raimunda, lavradora abastada, ainda moça, ficou viuva e com uma filha. Casa de novo. O pano sobe quando se festeja o ajuste dos esponsaes dessa filha, de nome Acacia, com Faustino. Mas o marido de Raimunda ama a enteada, que em silencio corresponde a esse amor. Não querendo vê-la afastada de casa e na posse doutro, Estevam, o padraсто, peita um dos seus servos, o «Russo», para matar Faustino, o noivo. Um antigo namorado de Acacia é preso como auctor do mysterioso assassinio, mas a justiça não apurou indicios da sua criminalidade. A morte de Faustino requer, porém, vingança. Por causa della, dois povoados andam em guerra. O «Russo» denuncia-se, inconscientemente, mostrando dinheiro; já se murmura dos amores de Estevam e Acacia; já os puzeram em cantigas. Raimunda acaba de sabel-o. Interroga a filha, que lhe declara odiar o padraсто; interroga o marido, que lhe confessa, chorando, a sua paixão pecaminosa e que não occulta a responsabilidade do crime que mandou executar. Mas Raimunda, para que o seu lar se não desmanche e se não macule, perdoa ao marido e pede á filha que, num abraço, lhe perdoe tambem. Acacia e Estevam apertam-se e beijam-se. E' um beijo longo, sensual, em que os labios se colam; um beijo revelador e decisivo... A' pobre mãe não restam dúvidas e clama a sua colera, a dupla traição de que foi victima! Estevam, certo de que Acacia o ama, toma, num desvairamento, a sua çadeira e, diante de todos os que acudiram aos brados da mulher, alveja-a e prostra-a com um tiro. Então Raimunda, mortalmente ferida, roga á filha, num murmurio, que se aproxime e segreda-lhe que o sangue materno a lavará de toda a nodoa...

Quanto ao desempenho, deve confessar-se que, salvo raras excepções, esteve longe de corresponder á grandeza da obra, não obstante haver sido confiado aos primeiros artistas do Nacional. E a tradução? Inferior ao desempenho e assignada por dois pseudonimos desconhecidos.

A CANÇÃO POPULAR DO BRASIL — FOLK-LORE

Ha um grande exito agora nos theatros do Brasil — o Trio João Phoca, Abigail Maia, Luiz Moreira.

João Phoca, Abigail Maia e Luiz Moreira — eis ahi tres nomes de ha muito conhecidos e queridos no Rio de Janeiro que se preoccupa com coisas d'Arte e de Theatro.

Ella — é uma comediante de raça. Filha de Joaquim Maia e de Balbina Maia, irmã de Olimpia Montani, tia de Lucilia Peres, nasceu e cresceu em meio de artistas e no dia em que, quasi menina, pizou o palco pela primeira vez, sentiu-se ahi como em casa sua. Quer dizer que triumphou desde a estreia e, pouco depois d'ella, tinha o seu logar marcado no theatro de comedia. O que faltava era o theatro de comedia e Abigail Maia teve que passar para a opereta e a magica, com escalas para revista.

Não foi menor ahi o seu exito; e no dia em que João Phoca a foi buscar para collaboradora das suas conferencias, tinha ella no meio theatral do Rio de Janeiro a cotação de primeira entre as primeiras.

Luiz Moreira é um compositor que entrou para o theatro pela porta larga do triumpho. A sua primeira partitura para o *vaudeville Mimi Bilontra* valeu-lhe duas consagrações: a do publico e a official. Aquelle, assobiou durante um anno a valsa da peça; o governo deu-lhe uma pensão para ir concluir á Europa os seus estudos.

Foi isto, ha 25 annos e estes 5 lustros Luiz Moreira consagrou-os todos ao theatro — e a sua bagagem de partiturista é das mais mais vastas e das mais applaudidas.

João Phoca é o homem que nasceu para afugentar a tristeza, pelo menos a tristeza alheia. Propria, não sabemos se a tem. No jornal, no theatro, na conferencia, no cavaco intimo, a nota que elle dá, a tecla que elle fere é d'um bom humor simples, expontaneo, correntio que força ao riso. Impossivel conservar o serio quando elle abre a torneira da sua *blague* — e foi por isso que elle adquiriu no Rio primeiro, depois em todo o Brasil e em Portugal uma popularidade extrema.

E são esses os tres elementos que se conjugaram em boa hora para fazer um Trio de Riso e de Canção.

João Phoca discorre sobre um thema sempre alegre, thema que dá margem para o encaixe de numeros de musica cantados. Abigail Maia transmite ao publico esses numeros com o seu fio de voz delicado e delicioso e na interpretação que lhe suggere o seu temperamento artistico. Luiz Moreira acompanha-a ao piano como a sombra acompanha o corpo ou então dirige a orchestra quando o numero mereceu a roupagem das suas magistraes orchestrações.

E ahi teem os senhores o que faz o Trio nos seus espectaculos que foram o successo de todo o Estado de S. Paulo e estão sendo o do Rio e serão em pouco, certamente, o de Lisboa.

Falta apenas dizer que o que canta Abigail Maia é toda a gamma da musica brasileira despretentiosa e simples — desde a canção que é quasi uma romanza, até á cantarola do violeiro ingenuo, cantarola que era apenas um arremedo de melodia até ser harmonizada por Luiz Moreira.

Dá-se então que o Trio está fazendo uma obra altamente meritoria de

compilação, de descobrimento e de divulgação do *folke-lore* nacional. E como Abigail Maia nasceu actriz e tem o dom precioso da reprodução do observado, quando a ouvimos cantar um «samba» nortista, uma «embolada» de vaqueiros, um «rasgado» gaúcho, um «catêretê» paulista, ou uma modinha pernostica de capadocio carioca ou bahiano, vemos, positivamente vemos o typo do cantador, o movimento da dança e ainda o ambiente, o scenario onde a scena se desenrola — e que João Phoca, ao apresentar o numero nos descreveu já com a sua verve endiabrada.

Damos como curiosidade :

INDERÊ — velha cantiga popular do Norte do Brasil. A letra do corpo da canção é interminavel e refere-se a casos e factos dos pontos em que *Inderê* foi sendo cantado e dançado o numero e o seu movimento coreographico é de «samba». A letra do estribilho :

*Oia a saia d'ella — Inderê
Como o vento a leva no á . .*

Eis uns compassos da musica :

All^{to} moderato.

Piano. *ff*

Dá bem uma idéa da dança em que as mulheres depois de duas voltas muito rapidas sobre os pés, abaixam-se deixando as saias tufarem como os antigos balões. Esta cantiga foi descoberta, instrumentada por Luiz Moreira e é cantada com infinita elegancia por Abigail.

A. DE M.

Noticias & Comentarios

O BRAZIL NA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

Na sua dupla qualidade de socio efectivo da Academia Brasileira de Letras e de socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa, o Dr. Alberto d'Oliveira, Consul Geral de Portugal no Brazil, e escritor ilustre, proferiu um interessantissimo discurso na sessão de 2 de Dezembro da velha instituição portugueza. N'esse discurso, que será publicado no Boletim da Academia, proclamou o Dr. Alberto d'Oliveira a necessidade d'uma estreita aliança intelectual e artistica entre Portugal e Brazil; e propoz á Academia que desse o seu appoio, junto dos poderes publicos, para a criação da cadeira de estudos brasileiros na Faculdade de Lettras, de que n'outro logar falámos. Vivamente aplaudido e secundado por todos os assistentes, entre os quaes se contavam Lopes de Mendonça, Presidente da Academia, o Dr. Almeida Lima, Reitor da Universidade de Lisboa, o Dr. David Lopes, professor da Faculdade de Lettras, o eminente escriptor Dr. Teixeira de Queiroz e Roma do Bocaie, antigos ministros dos estrangeiros, Dr. José de Figueiredo, Dr. Julio Dantas, Dr. Costa Lobo, Dr. Fidelino de Figueiredo, Christovam Ayres, João de Barros, Leite de Vasconcellos, etc. Alberto d'Oliveira teve o prazer de ver votada a sua proposta por unanimidade, e de verificar, mais uma vez, a simpathia e a admiração dos intellectuaes portuguezes pelo grande paiz fraterno.

IMPrensa

A *Allantida* regista e agradece o carinho verdadeiramente excepcional com que foi recebida por toda a imprensa — brasileira e portugueza. Não a envaidecem os elogios, pois os seus fundadores teem a consciencia nitida de que o seu esforço não corresponde ainda á grande tarefa a realizar: — mas dá-lhe um legitimo orgulho a certeza de que os seus intuitos foram apreciados com justiça. Espera a *Allantida* não desmerecer do acolhimento que teve; e a todos os seus colegas do jornalismo envia a expressão sincerissima do seu reconhecimento.

COELHO NETTO

Infelizmente, a prometida novella do glorioso romancista brasileiro não chegou a tempo de ser publicada n'este numero.

E' com verdadeiro pezar que damos esta má noticia aos nossos leitores, mas tambem com a certeza de que serão largamente compensados d'esta involuntaria demora pelo alto prazer espiritual que lhes dará a leitura do «*Elixir da Vida*».

MANOEL DE SOUZA PINTO

Por doença, que muito lamentâmos, não pode este nosso illustre colaborador dar-nos o seu artigo sobre a Senhora D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro. Prestou-se a substitui-lo n'essa justa homenagem o nosso querido amigo e eminente Poeta Afonso Lopes Vieira, que foi sempre um admirador entusiasta do grande e nobre artista.

As faianças de Rafael Bordallo Pinheiro e de Manoel Gustavo estão obtendo um exito enorme no Brazil, sobretudo em S. Paulo. O nosso agente comercial Ribeiro Cardoso tem feito uma larga propaganda das notaveis creações dos dois artistas.

O velho e notabilissimo Instituto Historico — uma das instituições que mais honra o Rio de Janeiro — celebrou no mez passado o seu 79.º anniversario. Com uma assistencia escolhidissima, essa festa foi uma grande manifestação do pensamento e da cultura brasileiros, em que a elegante oratoria do Dr. Ramiz Galvão se referiu á campanha patriotica que o eminente poeta Olavo Bilac anda realisando, com fervorosa dedicacão. Ainda que discordando um pouco d'essa campanha e reclamando para a escola o principal papel na orientacão das novas gerações — não deixou de lhe prestar homenagem e de apoiar toda a açao que procure dar ao Brazil uma completa consciencia civica.

Sobre esta util e nobre instituição parece-nos interessante transcrever a entrevista d'um redactor da *Noite*, do Rio de Janeiro, com o secretario do «Instituto Historico».

Disse elle :

«No tomo 74, parte II, da «*Revista*», vem um trabalho do sr. dr. Vieira Fazenda, que, por ordem do barão do Rio Branco, então presidente perpetuo, synthetisou a existencia da associação, no periodo de 1838 a 1911. As paginas do dr. Fazenda são baseadas exclusivamente na verdade dos factos.

— Quantos presidentes perpetuos tem tido o Instituto?

— Até agora apenas três: o visconde de São Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), eleito em 1838; o marquez de Sapucahy (Candido José de Araujo Vianna), eleito em 1847, e o barão do Rio Branco, a quem a assembléa geral de 27 de novembro de 1909 conferiu a perpetuidade no cargo.

— E os outros presidentes quaes foram?

— Foram: o visconde do Bom Retiro (Luiz Pedreira do Couto Ferraz), eleito em 1875; o commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, eleito em 1891, o marquez do Paranaguá, eleito em 1906, e o conde de Affonso Celso, eleito a 17 de fevereiro de 1912.

— Quaes foram os verdadeiros fundadores do Instituto?

— O marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa. A proposta da fundação foi por ambos apresentada em sessão da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a 18 de agosto de 1838, sessão presidida por frei Custodio Alves Serrão. Cunha Mattos era o primeiro secretario da Sociedade Auxiliadora, e Cunha Barbosa o secretario adjunto.

— E o Instituto foi bem recebido?

— Immediatamente. O regente do Imperio, Pedro de Araujo Lima, marquez de Olinda, e o ministro do Imperio, Bernardo Pereira de Vasconcellos, prestaram-lhe desde logo todo o apoio. Foi Bernardo de Vasconcellos quem, por aviso de 4 de abril de 1839, approvou os primeiros estatutos do Instituto, dando assim um character quasi official á nascente associação. A 19 de março desse anno de 1839, uma commissão do Instituto foi ao paço de São Christovão pedir a D. Pedro II que acceitasse o titulo de «seu protector». A commissão foi recebida pelo tutor marquez de Itanhaem, que a conduziu á presença do joven imperante. Exposto o motivo que ali a levava, D. Pedro II respondeu que «agradecia e acceitava o titulo de protector do Instituto Historico». Assistiu S. M. á segunda sessão magna, realisada ás 5 horas da tarde de 27 de novembro de 1840, numa das salas do Paço da Cidade e, desde então, nunca mais abandonou o Instituto. Póde-se dizer que o Instituto Historico é uma criação de D. Pedro II, sendo, portanto, justissima a inscripção que ainda hoje figura, e sempre figurará, no emblema da velha associação: — «Auspice Petro Secundo pacifica scientiæ occupatio». Por proposta minha, unanimemente approvada, no salão nobre das sessões só poderá haver um unico retrato, o de sua magestade.

— Quantos numeros já appareceram da *Revista do Instituto*?

— Segundo a designação regimental, 77, pois cada numero fórma um tomo, dividido em duas partes. Mas, realmente, já appareceram 144 volumes, formando a mais importante collecção sobre a historia de nossa patria.

— E a bibliotheca do Instituto tem tido sempre frequencia?

— Cada vez maior, encontrando se á sua frente o illustrado Dr. Vieira Fazenda, que não se exime nunca de prestar copiosas informações sobre tudo.

— O Instituto tem, então, trabalhado . . .

— Muito. No tempo do Imperio serviu muitas vezes ao governo, o que tambem tem acontecido no actual regimen. E desde já devo dizer que os poderes publicos sempre auxiliaram o nosso gremio. Na Republica, a partir do conselheiro Rodrigues Alves, a protecção tem-se acentuado notavelmente. O Instituto fez a Exposição Commemorativa do Primeiro Centenario da Imprensa do Brasil, expondo em 1908 mais de 15:000 jornaes, alguns de absoluta raridade, taes como a *Edade de Ouro*, de que só o Instituto possui o primeiro numero, e publicou sobre o assumpto dois volumes da *Revista*. Fez o primeiro Congresso de Historia Nacional, cujas trabalhos apparecerão em cinco volumes, dois já publicados. Promove o Congresso Internacional de Historia

da America para celebrar o centenario da nossa independencia. Vae fundar a Escola de Altos Estudos. Realisou até agora seis cursos, que foram applaudidissimos . . .

— Então os «velhos» sempre trabalharam . . .

— «Velhos» . . . Muita gente pensa que o Instituto é ou foi uma casa só de velhos. Puro engano. Basta dizer-lhe que o actual decano, o barão Homem de Mello, eleito em 1839, entrou com 22 annos. O mesmo aconteceu a Dutra e Mello e com a differença de mais dous ou tres annos apenas; a Macedo, Torres Homem, Tonay, Joaquim Caetano e muitos outros. O barão do Rio Branco entrou com 22 annos. O actual presidente, Sr. conde de Affonso Celso, tinha 32 quando foi eleito socio; e o orador, o Dr. Ramiz Galvão, não havia completado o 26.º anno quando pela primeira vez foi o orador official.

— Mas, ultimamente, o Instituto tem tido maior actividade . .

— Comprehende-se. A presidencia do conselheiro Olegario foi benemerita, pelo espirito de ordem e de manutenção das velhas tradições da casa. As circumstancias não lhe permittiam realisar o que depois conseguiu fazer o barão do Rio Branco, e, agora, o Sr. conde de Affonso Celso.

No proximo numero :

Elixir da Vida, por Coelho Netto

Os Portuguezes no Brazil, por Alberto d'Oliveira.

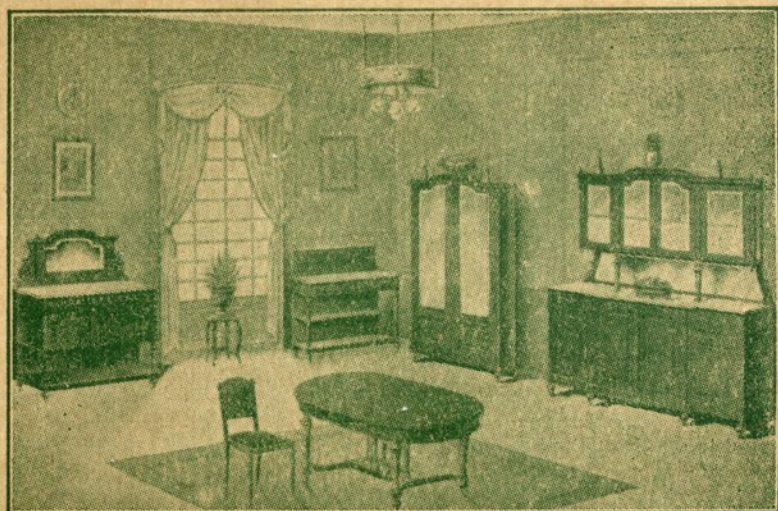
Relações ethnico-economicas entre Portugal e Brazil, por Bento Carqueija.

Temos tambem assegurada a colaboração de José Caldas, Anselmo d'Andrade, Antonio Candido, Alcydes Maya, Helio Lobo, Eugenio de Castro, Ricardo Severo, João Luso, Antonio Arroyo, Jayme de Magalhães Lima, Aquilino Ribeiro, Mario Beirão, Raul Lino, José de Figueiredo, Henrique de Holanda, Veloso Rebello, Ramada Curto, Leonardo Coimbra, Julio Brandão, João de Deus Ramos, Gastão Corrêa Mendes, João Grave, Alfredo da Cunha, Antonio Corrêa de Oliveira, Henrique Trindade Coelho, José Coelho da Cunha, etc. e *ilustrações* de: João Vaz, Raul Lino, Antonio Carneiro, etc.

FABRICA DE MOVEIS

TAPEÇARIAS E ORNAMENTAÇÕES

MOVEIS • DE • ESTYLO
~ E • FANTASIA ~



Leandro Martins & C.^{ia}
39, 41, 43, RUA DOS OURIVES
RIO DE JANEIRO

FABRICA * * * * *
RUA CAMERINO, 81

Telephone: Norte 1500
End. Telegr.: MOVEIS

PEÇAM OS NOSSOS CATALOGOS

